



Centro Cultural São Remo



Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

**Centro cultural São Remo:**  
a importância dos espaços culturais para o infantojuvenil

Paulo Rogerio Nunes dos Santos  
orientadora: Prof. Dr. Isadora de Andrade Guerreiro

São Paulo, 2025

# dedicatória

Dedico este trabalho àqueles que caminharam comigo, que me sustentaram com afeto, coragem e esperança.

À minha família do Capão Redondo, sempre alegre, irreverente e cheia de vida.

Dedico, em especial, à minha mãe-madrinha-tia e amiga, Edna Aparecida — mulher de coragem e generosidade, que dedicou sua vida para me criar. Sua luta silenciosa, seus sacrifícios cotidianos e seu amor imenso me moldaram, me ensinaram a resistir, a sonhar e a nunca desistir.

Aos meus irmãos, Wesley e Nicolas, que sempre estiveram ao meu lado, me lembrando das minhas raízes e me fortalecendo com sua presença constante.

À minha família da Favela da Linha, Patricia, Renato e Samara, que me de suporte, abrigo e cuidado durante esses anos.

Aos meus amigos de criação e suas famílias — Ícaro, Matheus, Bryan e Jhonathan — que marcaram minha infância e juventude com aventuras. Crescemos juntos, e com vocês aprendi a importância da amizade como forma de sobrevivência.

Aos amigos da FAU USP, que compartilharam comigo dias intensos de estudo, luta, risos e descobertas. Cada conversa, cada troca e cada madrugada virada ampliou minha visão de mundo e minha sensibilidade diante da vida.

À própria FAU USP, por ter aberto portas, possibilidades e horizontes. Por ter me formado não apenas como arquiteto, mas como sujeito crítico, sensível e comprometido com as transformações sociais.

Dedico este trabalho, com especial reverência, à comunidade São Remo. Foi em suas vielas, nas vozes de seus moradores e nos gestos cotidianos de resistência e cuidado que entendi a verdadeira potência da arquitetura.

Ali, aprendi que projetar é escutar. Que desenhar é também acolher. Que construir é, acima de tudo, um ato coletivo e participativo.

Neste trabalho se entrelaçam todas essas presenças.

Ele é fruto dos encontros, dos afetos, das dores e das esperanças.

É o reflexo vivo de tudo o que vivi — e de todos que acreditaram que era possível chegar até aqui.



# introdução

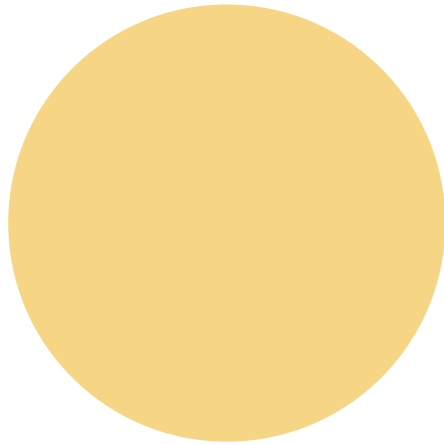
O presente Trabalho Final de Graduação (TFG) propõe o desenvolvimento de um projeto arquitetônico de um Centro Cultural para o público infantojuvenil na comunidade de São Remo, localizada ao lado da Universidade de São Paulo (USP). A proposta visa não apenas criar um espaço físico como polo cultural, mas também potencializar e integrar as atividades já existentes no território, além de gerar oportunidades para o público infantojuvenil e promover a aproximação entre a comunidade e o campus universitário.

Para isso, o trabalho se apoia na bagagem adquirida ao longo dos diversos projetos que realizei na comunidade, sendo estruturado em quatro escalas: Escala Subjetiva, com uma reflexão sobre minha trajetória e a importância dos espaços culturais para o ingresso na universidade; Escala Urbana, ao abordar a relação entre a comunidade e a USP; Escala Socioeconômica e cultural, com foco na configuração e nas características sociais da São Remo e, por fim, a Escala da Cadeia Construtiva e da Materialidade, que examina como a comunidade é construída e qual lógica construtiva está presente.

Como produto, o trabalho propõe a implantação de um Centro Cultural construído por meio do método de pré-fabricação, utilizando a tecnologia de argamassa armada. Esse sistema foi escolhido por permitir uma construção mais acessível, racionalizada e, sobretudo, viável para ser realizada de forma participativa. A leveza e a simplicidade dos elementos moldados em painéis facilitam o transporte, o manuseio e a montagem, tornando possível a realização da obra com a colaboração direta dos moradores.

Palavras-chave: Escalas, Cultura e infantojuvenil

escala da subjetividade



15

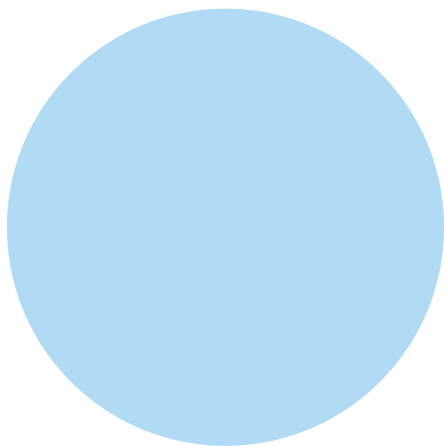
17

esc



19

escala da cadeia construtiva e da materialidade



61

71

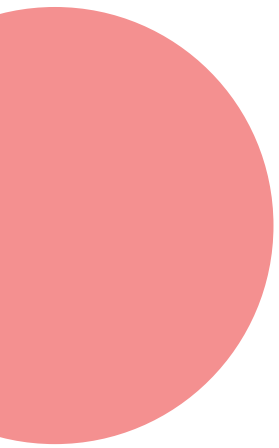
Pr



73

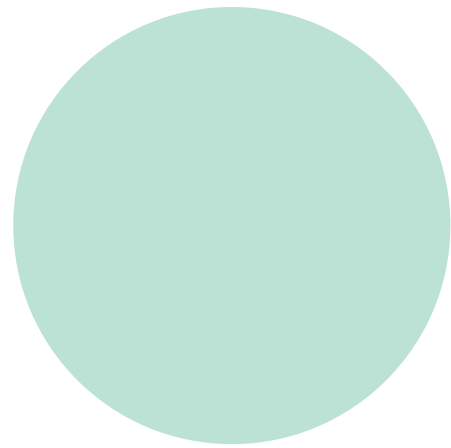
## sumário

escala urbana



37

escala socioeconômica e cultural



39

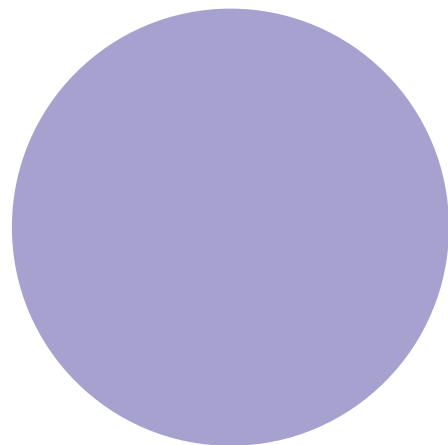
59

projeto arquitetônico



101

Considerações finais



103

107



# escala da subjetividade

## Da Vivência à Arquitetura

O presente trabalho me fez refletir sobre o que, ao longo da minha trajetória, me fez querer ingressar na USP. Ao fazer uma retrospectiva, notei que os espaços culturais foram fundamentais para a construção do meu ser e para emanar um protagonismo.

Nascido no HU morei na São Remo até os dois anos de idade, depois na Favela da Linha (Vila Leopoldina) até os 6 anos e depois todo o restante no Capão Redondo. Territórios que apresentavam diversos problemas, mas também muitos aprendizados.

Na São Remo, como tinha familiares na comunidade, costumava visitá-los. Lembro de diversos momentos de lazer quando criança na São Remo. Me recordo de brincar com meus primos na viela do leite, de jogar bola no campo, dos ensaios da escola de Samba Tom Maior, e principalmente, no Dia das Crianças ao qual a tia Fatinha fazia um bolo de metro que era colocado na Avenida São Remo e era distribuído para a criançada.

No Capão Redondo, fiz parte do CCA (Centro para a Criança e o Adolescente) dos 8 aos 16 anos. Ambiente que foi fundamental para minha formação. Lá foi onde pude ter contato com museus e parques, pude desenvolver o meu gosto por desenhar, uma vez que eu era o responsável por desenhar os murais nas datas comemorativas. Comecei a fazer capoeira no CCA e depois no centro Chico Mendes. Aos fins de semana sempre jogava bola na rua ou na quadra da escola ou da AEB (Associação Evangélica Beneficente). Todos esses espaços desempenhavam uma função secundária que só compreendi mais tarde: a de me afastar das ruas e de possíveis más influências.

Registro aqui momentos da minha infância com o intuito de demonstrar que, embora esses territórios sejam marcados por conflitos, também são repletos de potencialidades e oportunidades. Essa reflexão é fundamental, pois marca a transição de alguém que, inconscientemente, foi influenciado por esses espaços para um arquiteto consciente de seu papel como agente de transformação espacial e social.

Depois de finalizar a escola, decido entrar na USP e, ao ingressar na Universidade, houve um exercício chamado "cartografias urbanas" no qual era para analisar a Cidade Universitária e seu entorno, e a comunidade São Remo aparecia apenas como uma mancha cinza.





# escala urbana

## Motivação

Ao ingressar na universidade, busquei desenvolver atividades que retribuíssem à sociedade o privilégio de estudar na maior instituição de ensino superior da América Latina. Me intrigou o fato de a comunidade que surgiu para a construção da USP ser representada apenas como uma 'mancha cinza'. Tal incômodo, aliado à minha relação com o território, se transformou em motivação: a partir daquele momento, iniciei uma série de estudos e projetos voltados à comunidade São Remo, que se estendem desde o meu primeiro ano até este trabalho final. Neste item, sintetizo dados e análises realizados junto ao Escritório FAU-USP São Remo, um grupo de extensão do qual fui parte que teve como objetivo, em 2023/2024/2025, construir um Plano de Ação Territorial Participativo em articulação com a Prefeitura do Campus, em meio à construção de seu Plano Diretor.

## Contexto histórico: comunidade São Remo e Universidade de São Paulo

A comunidade São Remo está situada na zona oeste do município de São Paulo, em um terreno ocupado há cerca de seis décadas, ao lado da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira — principal campus da Universidade de São Paulo (USP). Localiza-se no distrito do Butantã, próximo à divisa com o bairro do Rio Pequeno. Segundo alguns moradores, a comunidade já possuía alguns barracos por volta da década de 60, como é evidenciado pela fala da moradora Dona Florinda no vídeo “Projeto Sudoeste II - Sintonize na São Remo” da FAUUSP, gravado em março de 1988.

“No começo, quando me mudei para cá, era tudo mata. Não tinha nada, não tinha nenhuma casa, só tinha o meu barraquinho. Faz 25 anos que eu estou aqui.” (FAUUSP, 1988).

Nas visitas de campo realizadas em 2019 pelo Censo Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP, 2019), alguns moradores relataram que o crescimento populacional e, conseqüentemente, a consolidação urbana ocorreram a partir da demanda por mão de obra para a construção das primeiras unidades da Cidade Universitária na década de 1960.

Nos anos seguintes, a comunidade se desenvolveu e, por volta da década de 90, os conflitos entre Universidade de São Paulo e São Remo se intensificaram – em meio a um contexto de

acirramento da violência urbana em toda a cidade. O campus da Cidade Universitária era amplamente frequentado por crianças e adolescentes como espaço de lazer, e por adultos da comunidade como local de trabalho, como relatou Edna Aparecida: “Eu lembro que íamos passear na USP e lembro de brincar próximo àquela estátua do cavalo.” .

No entanto, os recorrentes furtos e assaltos ocorridos no campus passaram a ser atribuídos à presença constante dos moradores da favela. Por outro lado, havia também, por parte desses moradores, queixas frequentes de constrangimentos e episódios de violência cometidos pela guarda universitária.

Institucionalmente, o Reitor Flávio Fava de Moraes, ao assumir o cargo, declarou o fim das atividades abertas ao público no campus, encerrando o programa “USP-Comunidade”, que promovia eventos culturais e esportivos nos fins de semana com o objetivo de aproximar a população da Universidade. “Não vamos fazer como a administração anterior, que transformou o campus em um parque”, afirmou Fava (WASSERMANN, 1995). Essa decisão representou um claro afastamento institucional da comunidade vizinha, rompendo com a proposta de abertura e integração promovida por gestões anteriores. Além de justificar a restrição como medida temporária em razão de obras internas, a Reitoria também manifestou a intenção de manter o controle mais rigoroso de acesso mesmo após a conclusão das reformas, alegando preocupações com a conservação do campus. O fechamento progressivo do campus e o aumento da vigilância contribuíram para a consolidação de um ambiente de distanciamento e desconfiança entre a instituição e a comunidade, ampliando o sentimento de exclusão vivenciado pelos

moradores da São Remo.

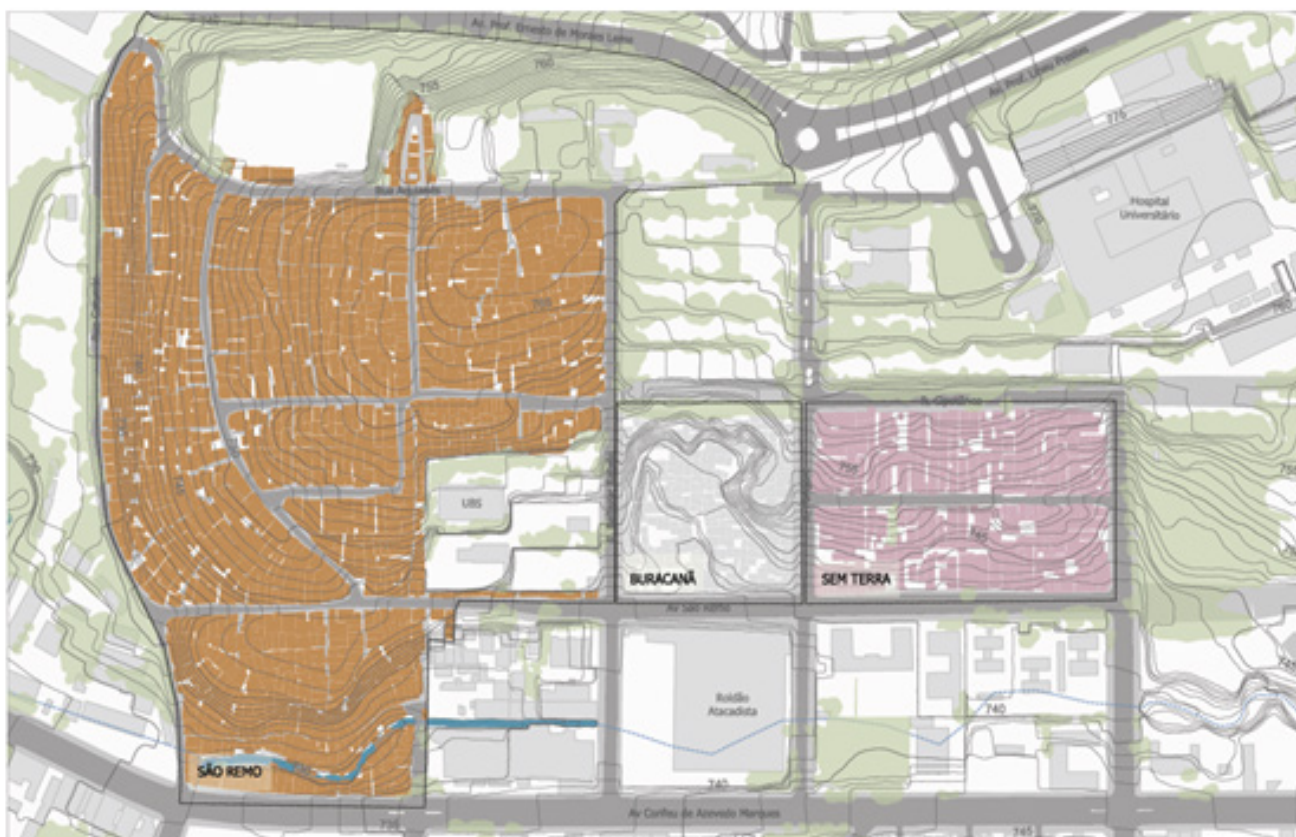
A construção do muro que separa a USP da São Remo, concluída em 1997, foi a resposta institucional adotada na época para conter os problemas de segurança no campus. Para alguns, o muro, sob o discurso da proteção, simbolizava de maneira emblemática a separação física e simbólica entre a universidade e a comunidade, evidenciando uma clara distinção social. Para outros, especialmente os moradores mais antigos, a obra indicava também que a USP já não tinha interesse em reivindicar a porção do seu terreno ocupada pela São Remo (ROCHA, 2016).



Imagem 1 - Muros que separam a comunidade São Remo da USP

## Configuração atual

Situada na borda sudoeste do Campus Butantã da Universidade de São Paulo (USP), a São Remo é separada deste por um extenso muro, possuindo dois portões de pedestres, ambos na ruas professor Ernesto de Moraes Leme, localizada dentro do campus. A outra avenida externa importante é a Avenida Corifeu Marques de Azevedo, ao sul. A oeste, encontra-se o 16º Batalhão da Polícia Militar, enquanto, a Leste, o Hospital Universitário marca o outro extremo. Ao sul do campus, distribuem-se três ocupações distintas: a favela São Remo, o loteamento Sem Terra e a ocupação mais recente, conhecida como Buracanã.

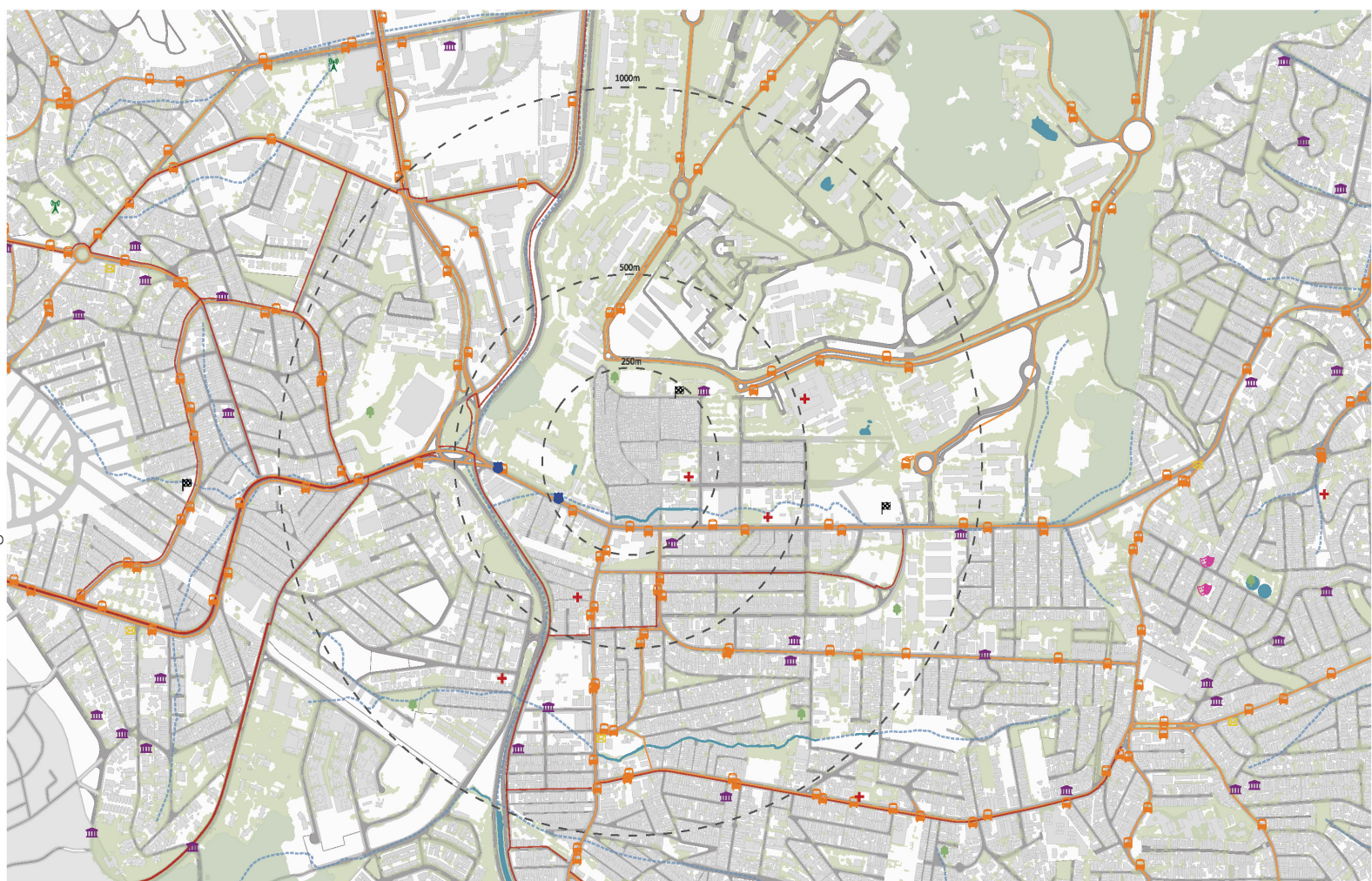


Mapa 1 - Delimitação territorial entre São Remo, Sem Terra e Buracanã

Fonte: Plano de ação territorial São Remo, 2023.

Apesar dessa localização estratégica, a São Remo apresenta um certo isolamento em relação à distribuição dos equipamentos públicos ao seu redor, ou seja, apesar de ter o Hospital universitário ao lado, vindo ocorrendo a limitação do acesso para a comunidade, conforme relato das entrevistas de campo. Outro equipamento importante é a escola E.E. Prof. Clorinda Danti que é acessado pela comunidade, mas é externa a ela, localizada cerca de 950 m na Avenida Corifeu de Azevedo Marques. A rede de transporte público está bem representada nas bordas da comunidade, com linhas e pontos de ônibus que garantem certo nível de acessibilidade. No entanto, internamente, nota-se a ausência desses mesmos recursos, o que indica dificuldades de mobilidade e integração com o restante da cidade.

A análise dos equipamentos públicos mostra que, embora haja uma concentração significativa de escolas, postos de saúde, aparelhos de cultura e praças nos raios de 500 a 1000 metros da comunidade, há apenas a presença da Unidade Básica de Saúde – UBS São Remo mista, interna ao perímetro do território, sendo necessária a construção de tais equipamentos para a comunidade. A proximidade com a USP, que poderia representar uma oportunidade de articulação e acesso a recursos, não se traduz em infraestrutura efetiva dentro da comunidade. Isso evidencia uma desigualdade territorial: a São Remo se encontra cercada por uma cidade equipada, mas sem acesso pleno a esses serviços em seu interior.



- |                  |                               |
|------------------|-------------------------------|
| Educação         | Raio de distância da São Remo |
| Esporte          | 250 m                         |
| Saúde            | 500 m                         |
| Parques e praças |                               |
| Ponto de ônibus  |                               |
| Linha de ônibus  |                               |
| Rede cicloviária |                               |

Mapa 2 - Vista aérea da comunidade de São Remo

Fonte: Plano de ação territorial São Remo, 2023.

**EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NO  
BUTANTÁ E NO RIO PEQUENO**



Apropriando-se do território e verificando as potencialidades e conflitos, ele apresenta uma malha urbana interna ordenada, apesar do grande número de vielas. Em visita de campo notou-se que as vias perimetrais como a rua Aquianes, conhecida como rua do Campo e a rua Catumbi possuem potencialidades para o uso coletivo sendo dois eixos fundamentais para a comunidade, mas possuem um número elevado de veículos o que conflita com a vivência presente nessas ruas.



de vista da infraestrutura e da integração urbana. A ausência de serviços essenciais dentro da própria comunidade, a desordem da malha de circulação de pedestres interna e os conflitos de uso nas vias perimetrais evidenciam um contexto de desigualdade territorial. Assim, torna-se urgente o desenvolvimento de soluções em escala urbana que não apenas dirimam os conflitos existentes, mas também potencializem as atividades já presentes no território. Tais soluções devem promover a requalificação dos espaços coletivos, a melhoria da mobilidade e o fortalecimento das conexões com a cidade formal, reconhecendo e valorizando os saberes, práticas e formas de organização da própria comunidade.

## Proposta na escala urbana

Dentre as intervenções em escala urbana que o Escritório FAU-USP São Remo propõem, e na qual me engajei particularmente na dimensão de projeto, trazendo a proposta para este TFG, está a retirada do 16º Batalhão de Polícia Militar Metropolitano para a construção de um conjunto habitacional. Foram projetados 14 blocos habitacionais na Rua Catumbi, totalizando 456 unidades residenciais distribuídas em cinco pavimentos por edifício. O conjunto ocupa uma área construída de 34.250 m<sup>2</sup>, dos quais 27.200 m<sup>2</sup> são destinados à moradia, garantindo densidade habitacional sem comprometer a qualidade do espaço. As circulações verticais e horizontais, com 1.200 m<sup>2</sup> e 3.350 m<sup>2</sup> respectivamente, foram dimensionadas para assegurar acessibilidade, fluidez e segurança no deslocamento interno dos moradores.

Além das moradias, o projeto contempla 2.100 m<sup>2</sup> de áreas térreas para usos diversos, como comércios, serviços ou equipamentos de apoio comunitário, reforçando a intenção de promover não apenas moradia, mas também vida urbana ativa que é presente nesta rua. Além disso, foram preservados ainda 400 m<sup>2</sup> de térreo livre, que podem servir como espaços abertos de convivência ou lazer.

Esse projeto habitacional tem grande importância para a comunidade de São Remo, ao lado da USP, pois responde à necessidade urgente de moradias adequadas, promovendo reurbanização com qualidade, garantindo a permanência de famílias realocadas pelas necessidades de saneamento da área e mitigação de áreas de risco. A proposta fortalece o direito à cidade, criando uma solução que alia densidade controlada, funcionalidade e integração comunitária, contribuindo para o enfrentamento da

precariedade habitacional.

BLOCO	unidades habit.	pav.	m <sup>2</sup> /pav.	m <sup>2</sup> total	m <sup>2</sup> habitação	m <sup>2</sup> circ. vertical	m <sup>2</sup> circ. horizontal	m <sup>2</sup> térreo outros usos	m <sup>2</sup> térreo livre
A	31	5	500	2500	1725	75	400	300	0
B	53	5	800	4000	3150	150	300	300	100
C	25	5	400	2000	1525	75	200	200	0
D	25	5	400	2000	1375	75	150	300	100
E	32	5	500	2500	1925	75	200	300	0
F	29	5	500	2500	1725	75	200	400	100
G	46	5	700	3500	2750	150	200	300	100
H	25	5	400	2000	1525	75	200	200	0
I	29	5	500	2500	1725	75	200	300	0
J	25	5	400	2000	1525	75	200	0	0
K	40	5	550	2750	2000	75	200	200	100
L	25	5	400	2000	1725	75	200	0	0
M	29	5	500	2500	1725	75	200	300	0
N	37	5	500	2500	2225	75	200	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>456</b>	<b>-</b>	<b>6850</b>	<b>34250</b>	<b>27200</b>	<b>1200</b>	<b>3350</b>	<b>2100</b>	<b>400</b>

Tabela: Quantidade de habitações, comercios e serviços

Fonte: Autor, 2024



Figura 02 - Conjunto residencial - vista aérea  
Fonte: Autor



Figura 03 - Conjunto residencial - vista aérea 2  
Fonte: Autor



Figura 04 - Praça do conjunto residencial  
Fonte: Autor

Na perspectiva da infraestrutura urbana, a proposta deste TFG é a transformação da Rua Catumbi em um eixo de conexão entre a Avenida Professor Ernesto de Moraes Leme e a Avenida Corifeu de Azevedo Marques. Além disso, sugere-se a criação de um novo vínculo viário entre a Avenida Ernesto de Moraes Leme e a Rua Pangaré, estabelecendo conexões no sentido norte-sul. Essas ações visam integrar de forma mais efetiva a comunidade São Remo ao tecido urbano da cidade, superando o isolamento atual e promovendo maior acessibilidade e circulação.

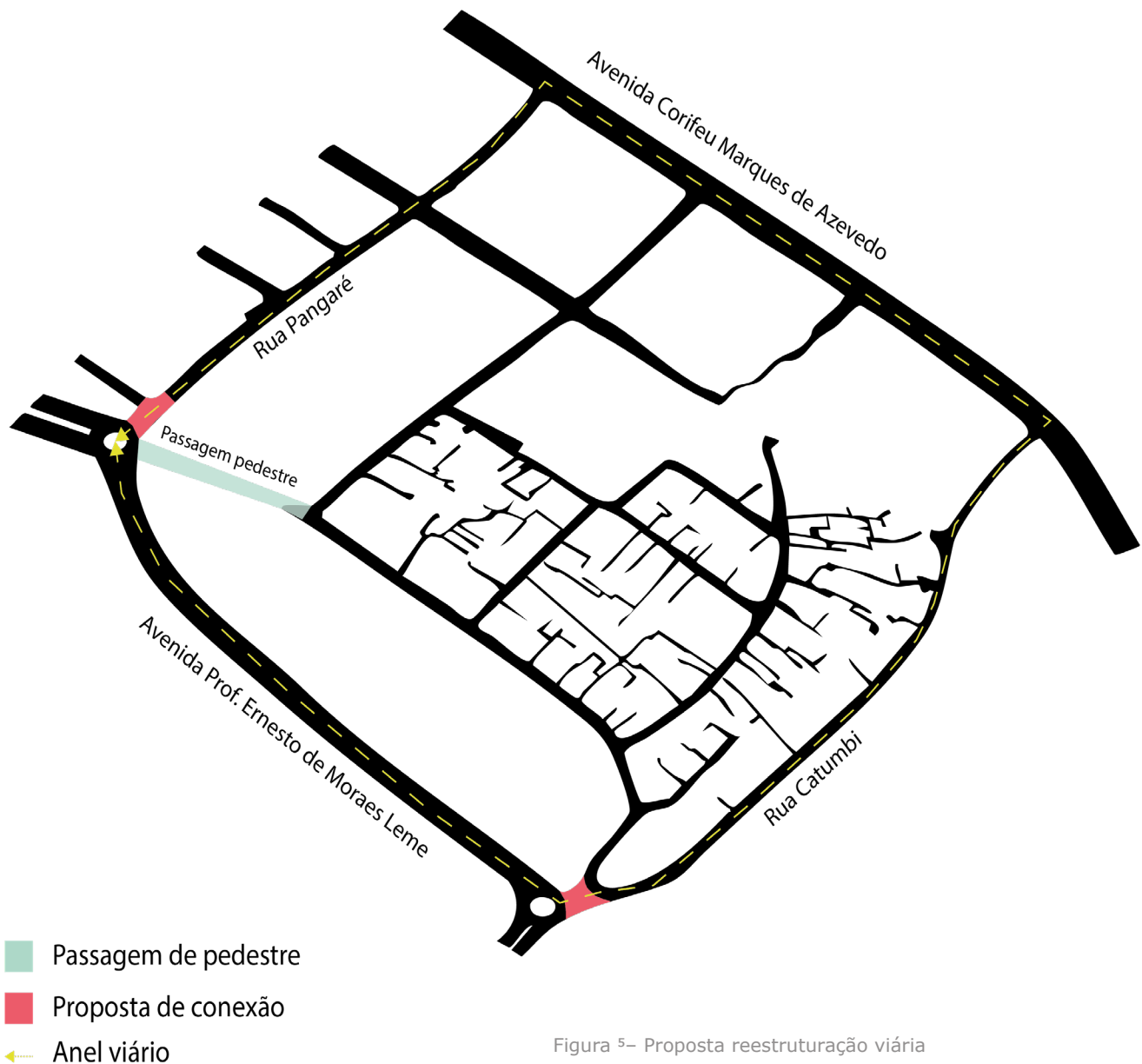


Figura 5– Proposta reestruturação viária

Para tanto, propõe-se neste TFG o alargamento dessas vias, que passarão de 6 metros para 14 metros de largura, adentrando no terreno atual da PM. A nova configuração contará com duas faixas: a faixa esquerda, junto à São Remo será elevada, com 4 metros de comprimento e piso intertravado, de uso exclusivo para pedestres, priorizando a permanência, a convivência e a vivência comunitária ao longo do trajeto. A faixa direita, junto ao novo conjunto habitacional, com 5 metros e pavimentada em asfalto, será destinada ao tráfego de veículos em sentido único, conduzindo o fluxo proveniente da Avenida Professor Ernesto de Moraes Leme e da Rua Aquianes em direção à Rua Catumbi, e, posteriormente, à Avenida Corifeu de Azevedo Marques. E o calçadão do comércio com 5 metros em concreto. Essa proposta visa equilibrar mobilidade e uso social do espaço, promovendo uma integração mais humanizada e funcional da malha viária.

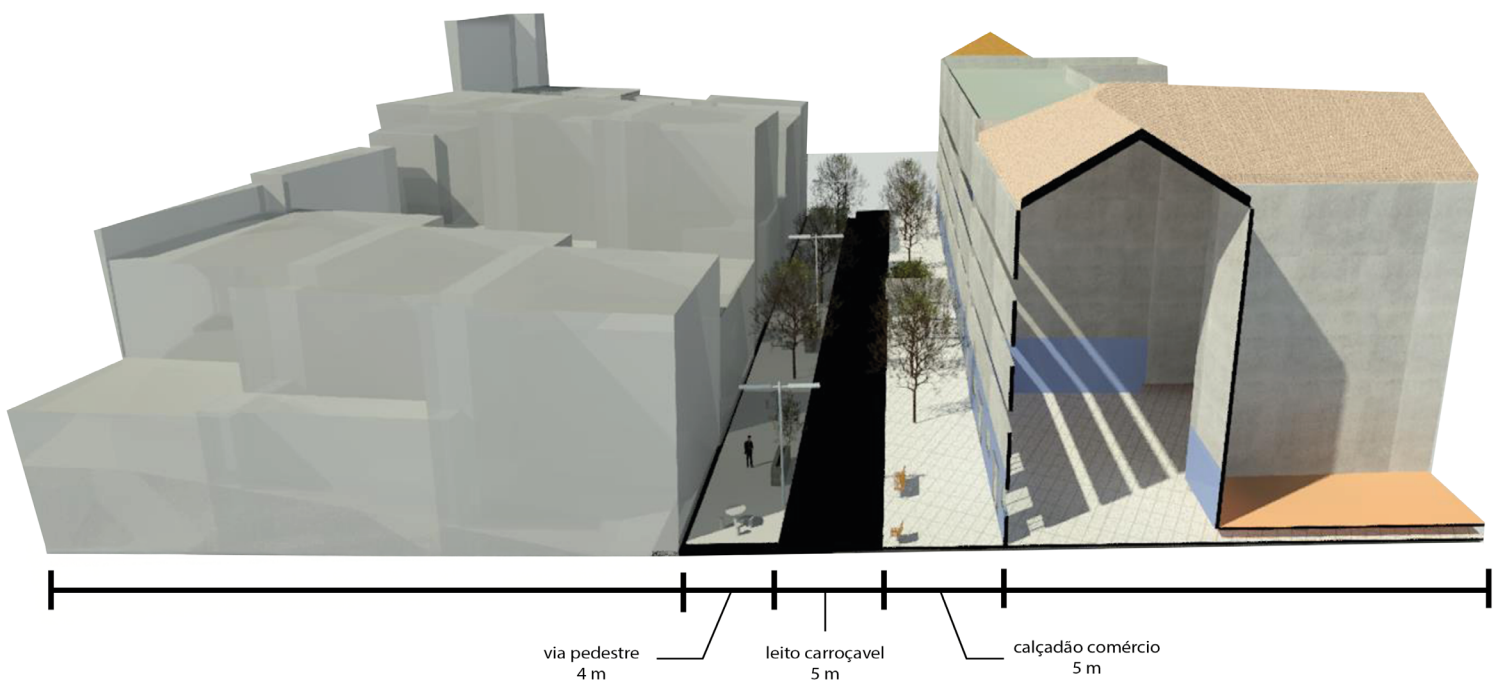


Figura 6- Corte perspectivado rua Catumbi



Figura 07 - Proposta rua Catumbi  
Fonte: Autor

Além do fluxo, como solução para volume de veículos que ficam estacionados nessas vias, este TFG propõe um estacionamento no terreno onde hoje se encontra o batalhão. O objetivo é organizar o fluxo de veículos e ampliar a oferta de vagas, considerando as demandas locais de mobilidade e acesso. O projeto tem área de 60m x 40 m, totalizando assim 2400m<sup>2</sup>, contemplando um total de 117 vagas, distribuídas da seguinte forma: 82 vagas destinadas a carros de passeio, 32 vagas específicas para motocicletas e 3 vagas reservadas para pessoas com deficiência (PcD), devidamente sinalizadas e posicionadas em pontos estratégicos para facilitar o acesso.



Imagem 2- Rua Catumbi



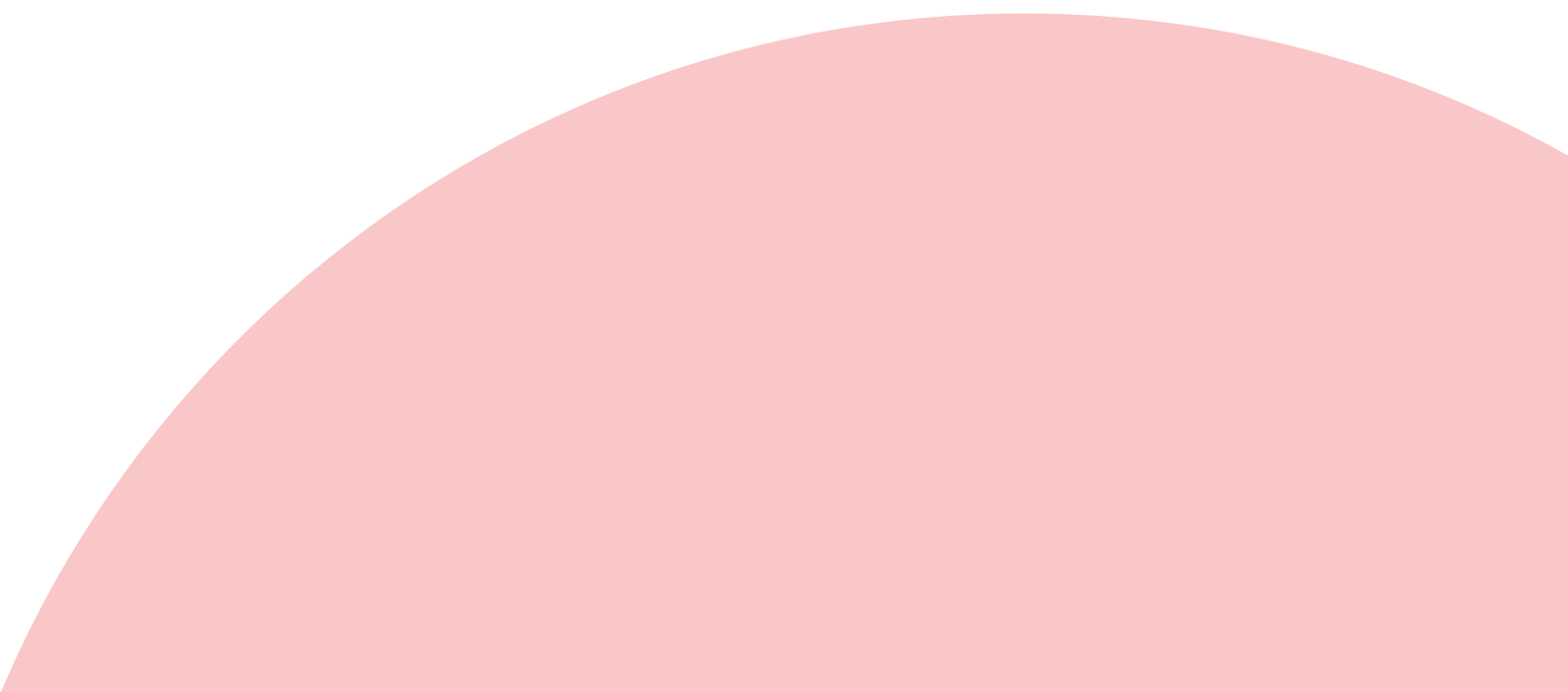
Figura 08 - Estacionamento proposto  
Fonte: Autor



Figura 09 - Estacionamento proposto

Fonte: Autor

Com a implementação da reestruturação viária, a construção do conjunto habitacional e a melhoria dos acessos, eliminam-se de forma significativa os principais problemas urbanos históricos da comunidade São Remo. A reorganização do fluxo viário e a oferta de estacionamento adequados resolvem questões cruciais de mobilidade e acessibilidade, facilitando o deslocamento dos moradores e o acesso a cidade.





# Escala Socioeconômica e cultural

## Breve introdução

O Censo Vizinhança USP foi realizado pelo IEA (Instituto de Estudos Avançados) entre 2019 e 2021 com base em metodologias do IBGE, visando levantar dados detalhados sobre os domicílios e moradores das comunidades São Remo e Sem Terra. As áreas foram divididas em setores censitários e cada pesquisador, capacitado previamente, ficou responsável por uma porção do território. Foram aplicados três tipos de questionários (Domicílio, Pessoa e Animal), elaborados por estudantes da USP com orientação docente. Fiz parte como pesquisador de campo deste estudo, e trago aqui parte dos dados coletados para compor este TFG. As entrevistas aconteceram entre fevereiro de 2019 e março de 2020, com participação voluntária dos moradores, mobilizada por meio de intensa divulgação comunitária e com apoio de lideranças locais.

O censo é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento territorial de comunidades como São Remo, pois permite conhecer

de forma aprofundada as realidades sociais, econômicas e urbanas dos seus moradores. Embora as favelas e periferias estejam presentes nas grandes cidades brasileiras há décadas, elas ainda são tratadas como territórios homogêneos e marginalizados, com pouca produção de dados específicos que orientem políticas públicas efetivas. A ausência de informações precisas contribui para a manutenção de desigualdades históricas, a negação sistemática de direitos básicos e a reprodução de estigmas. O Censo possibilita a superação dessas lacunas ao reconhecer a diversidade interna das favelas, seus contextos históricos e culturais e sua contribuição para a vida urbana. No caso de São Remo, a produção de dados confiáveis pode fortalecer a luta por moradia digna, infraestrutura urbana, saúde, educação e segurança, promovendo um planejamento urbano mais justo e inclusivo.

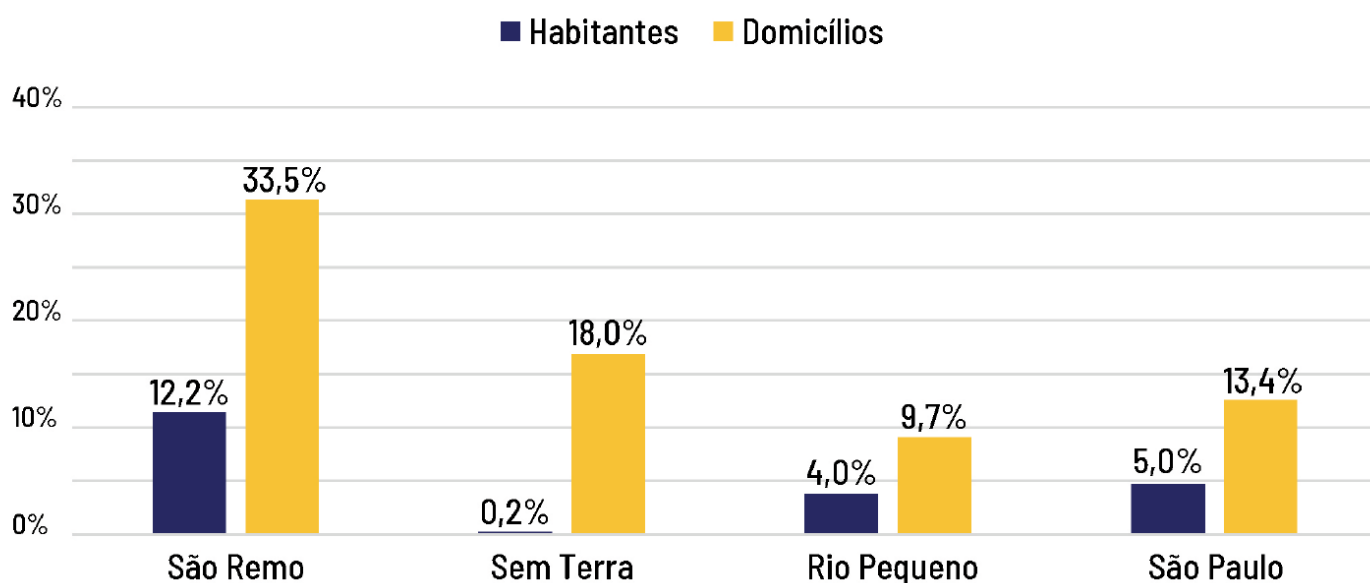
A articulação entre coordenação do projeto, lideranças comunitárias, organizações da sociedade civil e equipamentos públicos foi central para o desenvolvimento do Censo e para a apropriação coletiva dos dados. A análise dos resultados contou com especialistas da USP e foi revisada por articuladores locais, garantindo uma linguagem acessível e sensível à realidade das comunidades. O projeto visou, além da produção de conhecimento, o fortalecimento das redes locais e a transformação concreta dos territórios a partir dos dados produzidos.

Em linhas gerais, o censo domiciliar demonstrou que, em 1º de janeiro de 2019, havia 8.457 habitantes distribuídos em 2.889 domicílios nos territórios da São Remo e Sem Terra, próximos à USP, com uma média de 2,93 moradores por domicílio. A maioria da população concentrava-se na São Remo, com 7.363 pessoas

em 2.496 domicílios, enquanto o loteamento Sem Terra contava com 1.094 moradores em 393 domicílios, apresentando médias de 2,95 e 2,78 moradores por domicílio, respectivamente.

Em comparação com o Censo de 2010 (IBGE), observou-se um aumento de 10,5% na população total, um crescimento mais expressivo de 31,1% no número de domicílios e, conseqüentemente, uma redução de 15,7% na média de moradores por domicílio (de 3,47 para 2,93). Esse mesmo padrão — crescimento mais acelerado no número de domicílios do que na população — também foi identificado no distrito do Rio Pequeno e na cidade de São Paulo, onde a média de moradores por residência caiu de 3,14 para 2,91 no período entre 2010 e 2019. Isso promoveu uma alteração nas dinâmicas imobiliárias da São Remo, com grande adensamento e verticalização, além de novos edifícios sendo construídos integralmente para locação.

### Crescimento relativo do total de habitantes e do número de domicílios em São Remo, Sem Terra, distrito Rio Pequeno e município de São Paulo entre 2010 e 2019



# Mapeamento Sociocultural

Em 2021, foi realizado o mapeamento sociocultural com foco em instituições e atores sociais atuantes nos territórios. As entrevistas, feitas por telefone ou via formulário online (em função da pandemia), abordaram aspectos como áreas de atuação, dificuldades, redes e formas de contato dos coletivos e lideranças. A pandemia impôs desafios à mobilização, mas a relação construída anteriormente com moradores e articuladores locais foi essencial para manter o alcance da pesquisa.

Partindo disso, mapeamos os empreendimentos socioculturais, artistas individuais, lideranças comunitárias entre outros, buscando quantificar a organicidade cultural das comunidades e, conseqüentemente, trazer reflexões sobre o olhar para a comunidade São Remo e como está caracterizada social e culturalmente.

Para início desta reflexão é importante abordar o significado da periferia e o que esse espaço apresenta. O termo periferia carrega consigo visões pejorativas por parte daqueles que não entendem o significado da palavra, inclusive por acadêmicos. Por volta de 1970, os acadêmicos classificavam o termo em relação à disposição espacial na cidade, além de atribuir preconceitos errôneos como predominância de insalubridade e carência, apenas. A passagem abaixo do livro *Verbete periferia* da Autora Érica Peçanha, ilustra a ideia.

“O USO DO TERMO periferia” remete a uma série de reflexões acadêmicas e ações públicas que foram elaboradas nos anos 1970 acerca do contexto urbano brasileiro. Em substituição às ideias de “subúrbio” e “bairro pobre” que figuravam no vocabulário de intelectuais e gestores, periferia emergiu para nomear

áreas produzidas no processo de expansão das cidades e que foram ocupadas por migrantes, trabalhadores de baixa renda, desempregados e negros, a partir de loteamentos irregulares e casas autoconstruídas de maneira precária.” (PEÇANHA, 2022, p. 46)

Deste modo, é fundamental ressaltar que o significado da periferia deve ser entendido como outro atualmente, uma vez que o termo deixou de focar apenas no aspecto pejorativo da palavra, além de não ser entendida como dicotômica, ou seja, centro-periferia que associava o centro ao urbano e provido de equipamentos básicos e a periferia relacionada a uma carência desses elementos.

Partindo desses apontamentos, o Censo permite olhar com exatidão a comunidade vizinha à USP com o objetivo de identificar aspectos da vida social, comunitária e cultural. Neste mapeamento estão presentes temáticas de atuação desses agentes socioculturais, seja lideranças e artistas individuais, seja instituições e grupos. São elas: Associação de Moradores; cultura e arte; educação; esporte; filantropia; justiça; religião/espiritualidade; saúde. Diante disso, se levarmos em conta a história do território, a São Remo surgiu na década de 50, ou seja, 70 anos de crescimento sociocultural. No vídeo “Projeto Sudoeste 2 – sintonize na São Remo” mencionado anteriormente, é possível notar que já na década de 60 havia forte ímpeto de blocos carnavalescos, rodas de samba e futebol de campo.



Imagem- Bloco carnavalesco São Remo

Fonte: Vídeo PROJETO SUDOESTE II – Sintonize na São Remo, min 10:50

## Agentes culturais

Ao olhar as temáticas principais da São Remo nos dias atuais, é possível compreender que “nas comunidades a cada esquina tem uma igreja”, expressão popular que indica que essa é o tipo de instituição mais presente. Por meio do Censo foi possível comprovar que existem 17 instituições religiosas no território, sendo 8 delas mapeadas. Tal fato demonstra que a sensação física e percepção espacial popular corrobora com os dados. Todavia, se olharmos para todas as instituições, grupos e coletivos, o primeiro lugar, no que se refere as principais atividades de atuação, fica com as atividades esportivas, representando cerca de 27%, totalizando 19 grupos/instituições do total de mapeados, enquanto as instituições religiosas são 13%, ficando na quarta posição, como mostra o gráfico abaixo.

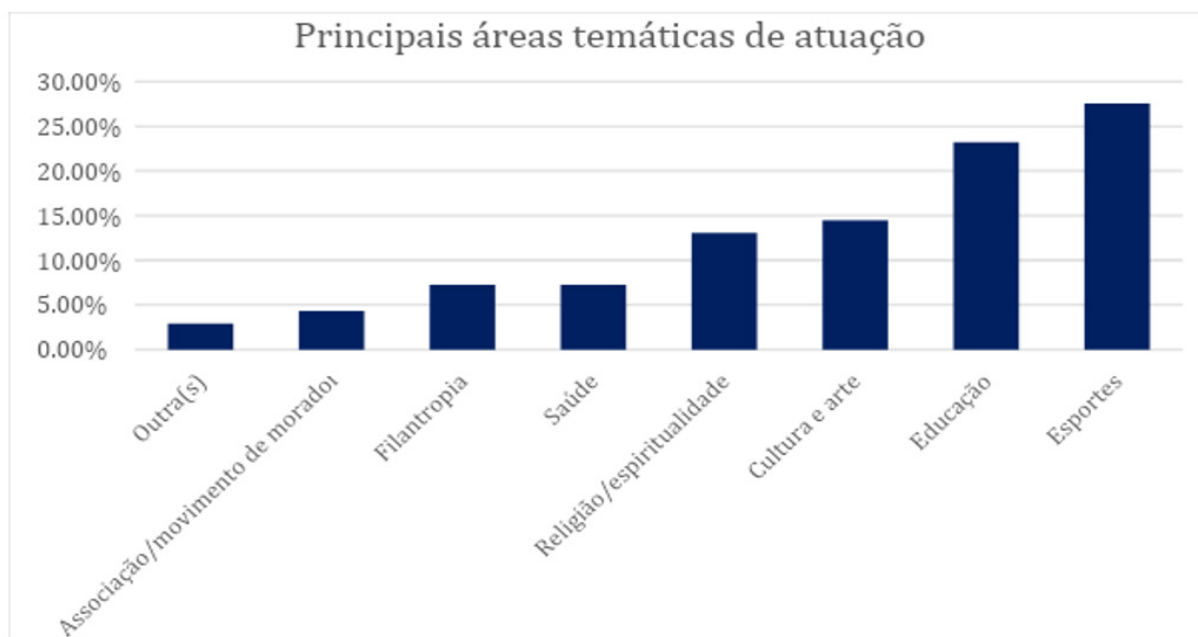


Gráfico 2–Instituições

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

Esses 19 grupos, representam 649 pessoas que atuam de alguma forma no esporte na comunidade. Esses dados demonstram o dinamismo da São Remo no que tange à construção de relações interpessoais por meio dos esportes, mesmo sem que exista uma sede física atualmente à altura da importância desta atividade no território. A exemplo, em uma das entrevistas, o respondente de um time de futebol informou que tal time não possuía endereço, mas que era comum a reunião pré e pós dos times na rua Aquianes, conhecida pela comunidade como “rua do campo”. Ademais, os times possuem uma dinâmica de contribuir com um valor para a manutenção dos campeonatos e amistosos na comunidade. Além disso, apesar do financiamento ser por doação e/ou voluntariado,

foi relatado que há uma dinâmica interna nos times de que quando algum integrante está passando por dificuldades é realizado uma arrecadação para ajudá-lo. Deste modo, o esporte tem uma importância significativa na comunidade por propor um maior dinamismo e uma inter-relação dos membros para além dos espaços físicos, fazendo com que a comunidade olhe para si e entenda suas dificuldades.

Ainda nessa perspectiva de demonstrar o "invisível" ao se olhar para a comunidade, gostaria de expor a polifuncionalidade existente, ou seja, a importância dos esportes, da educação e da cultura e arte, além das figuras conhecidas apenas no "boca-a-boca", os artistas individuais e as lideranças comunitárias. Ao olhar para a tabela acima é impressionante como a cultura e arte, educação e os esportes representam cerca de 2/3 das principais áreas temáticas mapeadas, representando 65% do total. Isso se dá, pois a formalização de ações por instituições físicas tem maior percepção e como a pesquisa mostra que os times de futebol em sua maioria não apresentam sede, acaba passando despercebido ou visto como algo não organizado.

Ademais, o mapeamento sociocultural buscou dar visibilidade aos agentes da comunidade que não são reconhecidos formalmente, mas quem age de forma a dedicar suas vidas a sua querida comunidade e auxiliam na pluralidade cultural e artística da São Remo - as lideranças comunitárias e os artistas individuais.

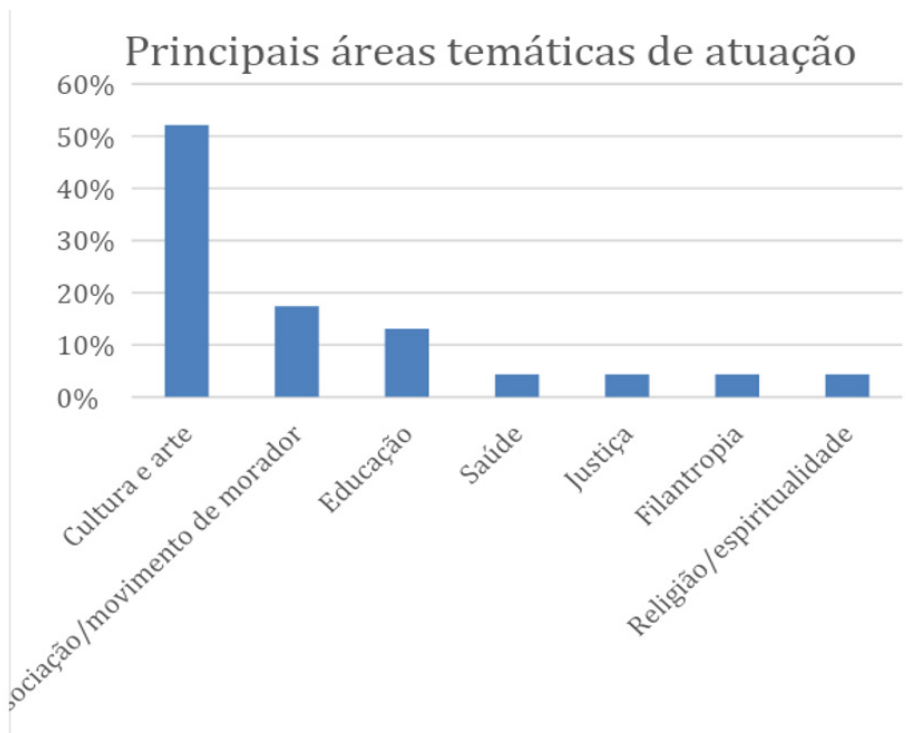


Gráfico 3–Instituições

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

No gráfico acima é notório que a cultura e arte prevalecem, mas é importante perceber que a educação continua a ser expressiva. Apesar da grande presença da educação tanto nas instituições quanto por meio dos artistas, a São Remo, de acordo com o Censo domiciliar, não apresenta uma escola, ou seja, a educação parte dos moradores e dos projetos de contraturno realizados pela comunidade, demonstrando que mesmo com a ausência do Estado é possível levar cultura e conhecimento para os moradores da comunidade por meio dos indivíduos que a compõe. Aliado a isso, a maioria dessas 23 lideranças/artistas relatam que têm dificuldade na realização das suas intervenções no território devido à falta de apoio e o preconceito, assim sendo, a criação de espaços comunitários faz-se fundamental para tais intervenções.

De todo modo, esses dados demonstram que a comunidade é rica culturalmente, possuindo uma organicidade cultural e dos seus agentes socioculturais, mas ela enfrenta desafios no que tange a organização do espaço e carência de equipamentos culturais.

As instituições têm forte representatividade sociocultural, sendo identificados e mapeados 53 artistas, lideranças, grupos e instituições. O primeiro ponto interessante ao se analisar os dados é que a Associação de Moradores possui a mesma idade do território. Isso demonstra que desde o começo houve uma preocupação para a organização e auxílio das famílias, tendo suas funções ligadas ao movimento dos moradores, educação, saúde e esportes. Além disso, o território possui diversas outras instituições consolidadas que apresentam mais de vinte anos de atuação como visível o gráfico 2 abaixo;

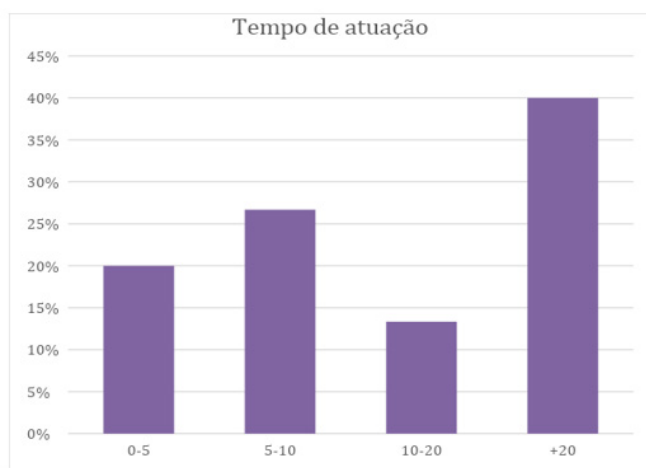


Gráfico 4- artistas/lideranças

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

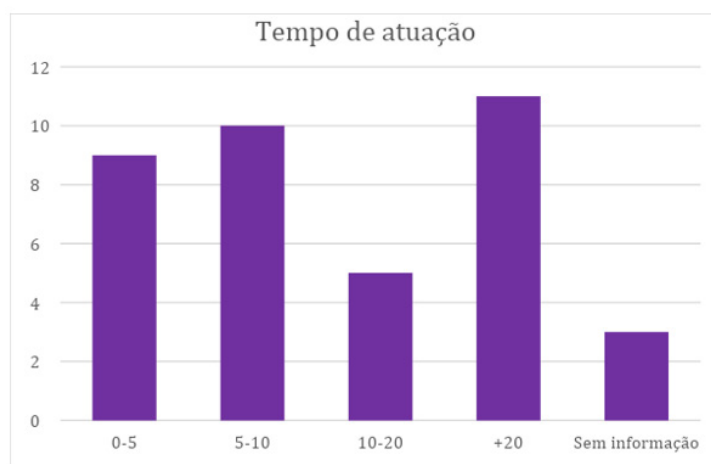


Gráfico 5- Instituições

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

Para além das instituições que atuam de forma coletiva e com mais colaboradores é notório que há uma movimentação individual para atuação no território, ou seja, mais de 50% dos artistas/lideranças atuam na São Remo há mais de 10 anos. Esses dados nos trazem a compreensão de que a comunidade é viva e busca sempre melhores condições de vida, por meio da cultura e arte, saúde e esportes.

Contudo, ao se questionar quais são as principais dificuldades para atuação desses grupos o que mais é relatado é a falta de recursos financeiros e apoio de setores públicos e privados. Essa negligência e falta de assistência faz com que esses agentes tenham que contornar os obstáculos como a busca por parcerias e formas de captação de recurso para continuarem suas atuações no território.

Assim sendo, o primeiro ponto é que se imagina que na comunidade existem muitos projetos que são baseados na motivação de melhorias culturais, urbanas e educacionais por projetos que utilizam do voluntariado para integrar a comunidade e porque há escassez de recursos financeiros. O mapeamento corrobora com esta premissa (gráfico 3), sendo que o voluntariado aparece como principal, seguido de outras que englobam ações como vaquinhas entre os membros e doações e por fim, os eventos, como as festas na quadra, festa junina e festa dos dias das crianças são exemplos de arrecadações para a manutenção dos espaços e das intervenções.

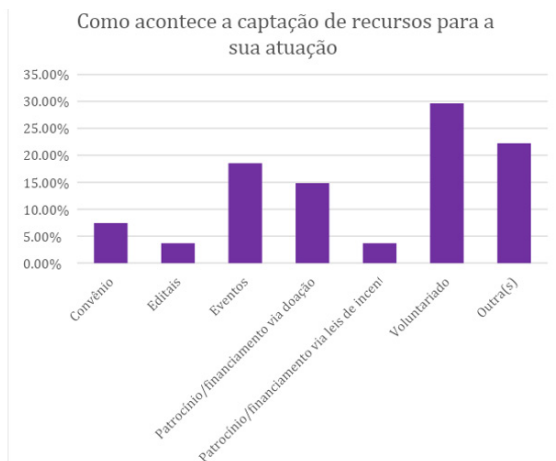


Gráfico 6- Captação de recursos

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

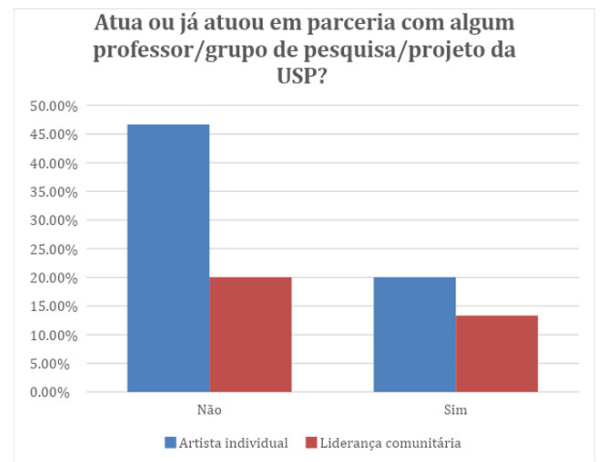


Gráfico 7-Parcerias com a USP

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

No que se refere à tentativa de buscar parcerias, as lideranças e artistas recorrem à Universidade de São Paulo, instituição pública que divide os muros e uma história com a comunidade. Contudo, essa tentativa não se concretiza completamente, sendo que dos artistas, 20% conseguem algum tipo de parceria, já as lideranças este número cai para apenas 14%. Esses dados são frustrantes, uma vez que durante o censo diversos entrevistados relatavam que muitos grupos de estudos da USP adentravam na comunidade no intuito de fazer pesquisas e depois iam embora sem nenhum parecer ou melhoria para a comunidade, ação totalmente contrária ao que foi mostrado nos gráficos de tempo de atuação, ou seja, a USP e seus grupos de extensões devem manter a cultura de iniciar um projeto e capacitar e possibilitar a manutenção do mesmo pelos moradores para que eles sejam independentes e mantenham a cultura de anos de atuação no território. Por isso, vemos neste TFG a importância de um centro cultural no terreno que divide os dois

territórios: uma sede física poderia atuar na maior permanência de vínculos e fluxo de recursos para estes grupos, com maior institucionalidade e formação de longo prazo para os coletivos do território.

Por fim, para além dessa análise entre USP e São Remo, é fundamental ter em mente os aspectos que dizem respeito à composição interna dessas instituições e dos artistas/lideranças. É curioso pensar que, pelo fato dos grupos e entidades ter muitos anos de atuação no território, sua composição com moradores da São Remo seria expressivamente maior. Contudo, não é isso que os dados mostram, uma vez que metade são moradores e a outra parte sabemos que não é da USP, ou seja, há uma maior relação entre a São Remo e as comunidades vizinhas do que a instituição que eles ajudaram a construir.

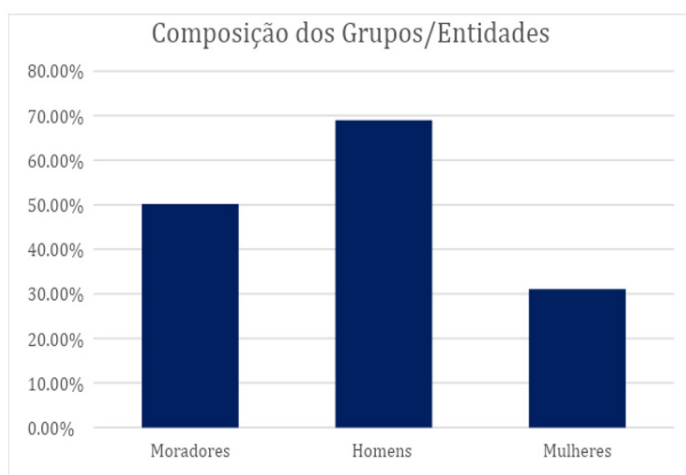


Gráfico 8- Composição dos grupos

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

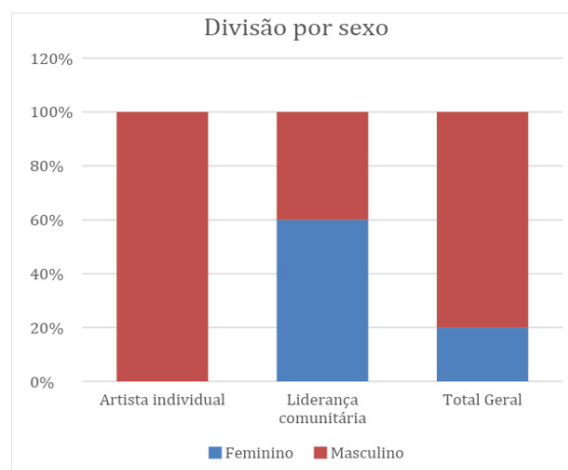


Gráfico 9- Divisão por sexo

Fonte: Autor para o censo vizinhança São Remo, 2021

Esse gráfico ainda nos traz informações relevantes. Quase 70% dos participantes dessas entidades são homens. Aliado a isso, se olharmos para as lideranças/artistas vemos que essa diferença se torna ainda mais gritante, mesmo tendo 60% das lideranças comunitárias sendo mulheres, todos os artistas individuais sendo homens, resultando no geral em 80% homens enquanto 20% mulheres são atuantes de forma individual no território.

Diante de todos estes dados expostos, é notório que há uma enorme presença de agentes culturais, seja de forma coletiva, seja de forma individual, mas que estão dispersos no território. Desta forma, a criação de um centro cultural servirá como um espaço que busca a integração e permanência desses agentes, criando uma relação entre a comunidade e a Universidade de São Paulo.

## A importância do Centro Cultural São Remo

Apesar dos desafios, a São Remo tem uma forte identidade comunitária e redes de apoio entre os moradores. O desenvolvimento de um centro cultural pode fortalecer essa identidade e servir como um ponto de integração entre a USP e a comunidade, promovendo acesso à cultura, educação e oportunidades socioeconômicas.

A construção de um Centro Cultural na comunidade São Remo é fundamental para promover a inclusão social, o acesso à educação e a valorização da cultura local. Atualmente, a comunidade enfrenta desafios como a falta de espaços públicos adequados para lazer, atividades artísticas e formação educacional complementar. Um espaço cultural bem estruturado pode oferecer cursos, oficinas e eventos que incentivem a criatividade, ampliando as oportunidades de aprendizado para crianças e adolescentes que muitas vezes não têm acesso a essas atividades em seu cotidiano.

Segundo o Censo Vizinhança, a qual pude fazer parte, a comunidade é rica em práticas culturais. A ampla maioria (85%) declarou praticar ao menos uma atividade cultural de forma habitual (CENSO VIZINHANÇA, p. 111). As práticas mais frequentes foram assistir a filmes, séries ou documentários, seguida por música/canto e fotografia — evidenciando um forte vínculo com linguagens visuais e sonoras.

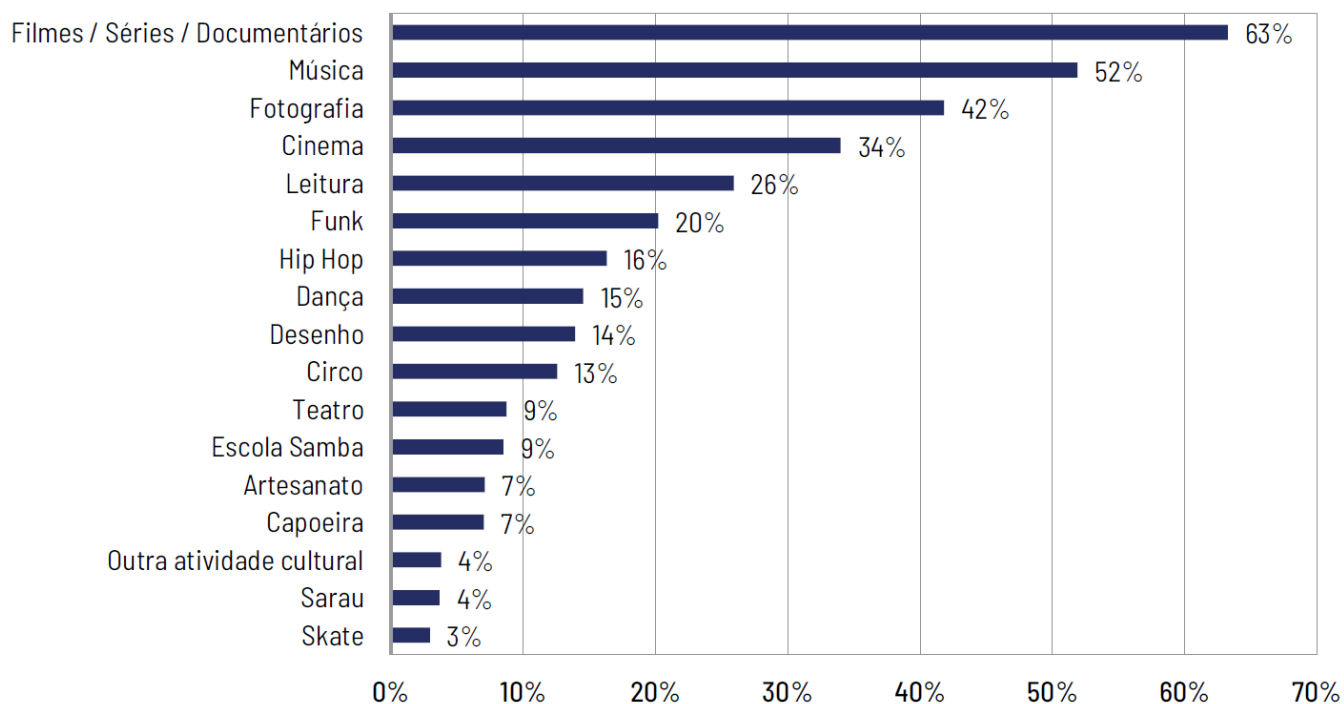


Gráfico 10-Práticas culturais mais frequentes

Fonte: Censo vizinhança, 2022, p.111

O Centro Cultural pode atuar como uma ponte entre a USP e a comunidade, promovendo um intercâmbio de conhecimento e experiências entre estudantes universitários e os jovens da São Remo. A Universidade, que historicamente teve uma relação conturbada com a comunidade, pode reverter essa situação ao abrir suas portas e contribuir ativamente para o desenvolvimento local. A aproximação entre a USP e São Remo pode inspirar os jovens a enxergarem a educação superior como uma possibilidade real, incentivando-os a ingressar na Universidade, quebrando barreiras sociais que ainda limitam esse acesso. A análise das práticas culturais em relação ao nível de escolaridade revela uma correlação direta entre escolarização e participação cultural: à medida que o nível de escolaridade aumenta, também se amplia o engajamento em atividades culturais. Esse padrão sugere que o acesso à educação potencializa o envolvimento com expressões artísticas e culturais.

### Práticas culturais por nível de escolaridade, segundo a prática ou expressão cultural

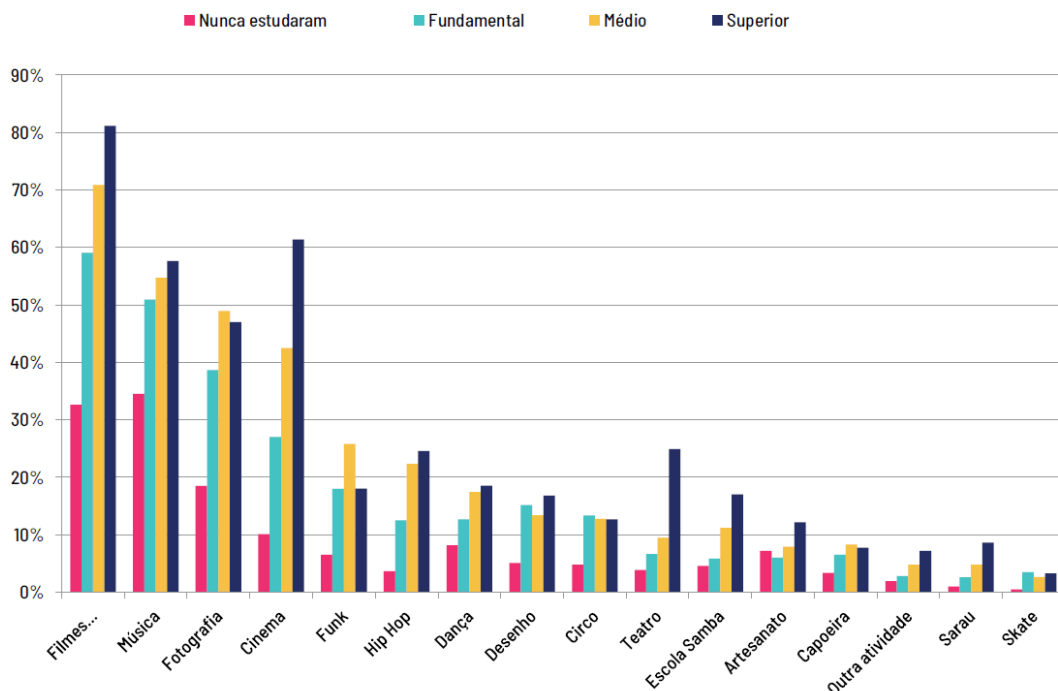


Gráfico 11—Práticas culturais por níveis de escolaridade

Fonte: Censo vizinhança, 2022, p.115

Outro aspecto crucial é o impacto positivo que um espaço cultural pode ter na redução da vulnerabilidade infantojuvenil. Sem opções de lazer e aprendizado adequadas, muitas crianças e adolescentes ficam expostos a situações de risco social. Um Centro Cultural pode servir como um local seguro, onde os jovens encontram estímulos para o desenvolvimento de suas habilidades artísticas, esportivas e intelectuais, promovendo uma visão mais ampla de futuro e contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e atuantes na sociedade. Ao realizar o recorte por faixa etária, observa-se que o público infantojuvenil é o mais engajado nas práticas culturais da comunidade, enquanto conforme avança a idade ocorre uma drástica diminuição. Esse dado revela que, mesmo diante do sucateamento dos equipamentos e das disputas

territoriais, existem potencialidades latentes no território, especialmente quando se considera a força criativa e coletiva da juventude. Trata-se de um indicativo importante para a criação do CCSR como instrumento para atuar a partir das potências já existentes na comunidade.

**Tabela 49 - Práticas culturais por faixa etária**

		TOTAL	Idade							
		-	0-11	12-15	16-24	25-34	35-44	45-59	60 ou +	
Pratica pelo menos 1 atividade	Pratica	85%	83%	94%	93%	90%	85%	77%	67%	
	Não pratica	15%	17%	6%	7%	10%	15%	23%	33%	
<b>TOTAL</b>		<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	
<b>Total absoluto (N)</b>		<b>-</b>	<b>8.457</b>	<b>1.560</b>	<b>555</b>	<b>1.580</b>	<b>1.581</b>	<b>1.318</b>	<b>1.199</b>	<b>664</b>

Grafico 12-Práticas culturais por níveis de escolaridade

Fonte: Censo vizinhança, 2022, p.113

Ao ampliar a análise para os estágios da vida — infância, juventude escolar, fase profissional e aposentadoria — torna-se evidente que o envolvimento com as práticas culturais é significativamente maior durante o período do ensino fundamental, chegando ao 68%. Esse engajamento, no entanto, sofre uma queda acentuada para apenas 7,6% a partir do ingresso no ensino médio e, sobretudo, com a entrada no mercado de trabalho, revelando como as exigências da vida adulta e as desigualdades de acesso impactam diretamente na continuidade da vivência cultural, demonstrando um cenário de 41% já participou e 30% não participa. É muito significativo perceber como essa realidade se perpetua. No meu caso, por exemplo, praticava capoeira à noite, no entanto, ao ingressar no ensino médio, precisei estudar

à noite para poder trabalhar durante o dia, e isso me levou a interromper minha participação na capoeira. Esse deslocamento, aparentemente individual, revela uma dinâmica estrutural que afasta os jovens da cultura no momento em que mais precisariam dela para construção de seu futuro. Essa tendência aponta para a necessidade de espaços que valorizem e mantenham o vínculo com a cultura ao longo de toda a trajetória de vida, especialmente entre os jovens em transição para a vida profissional.

Participação de atividades culturais

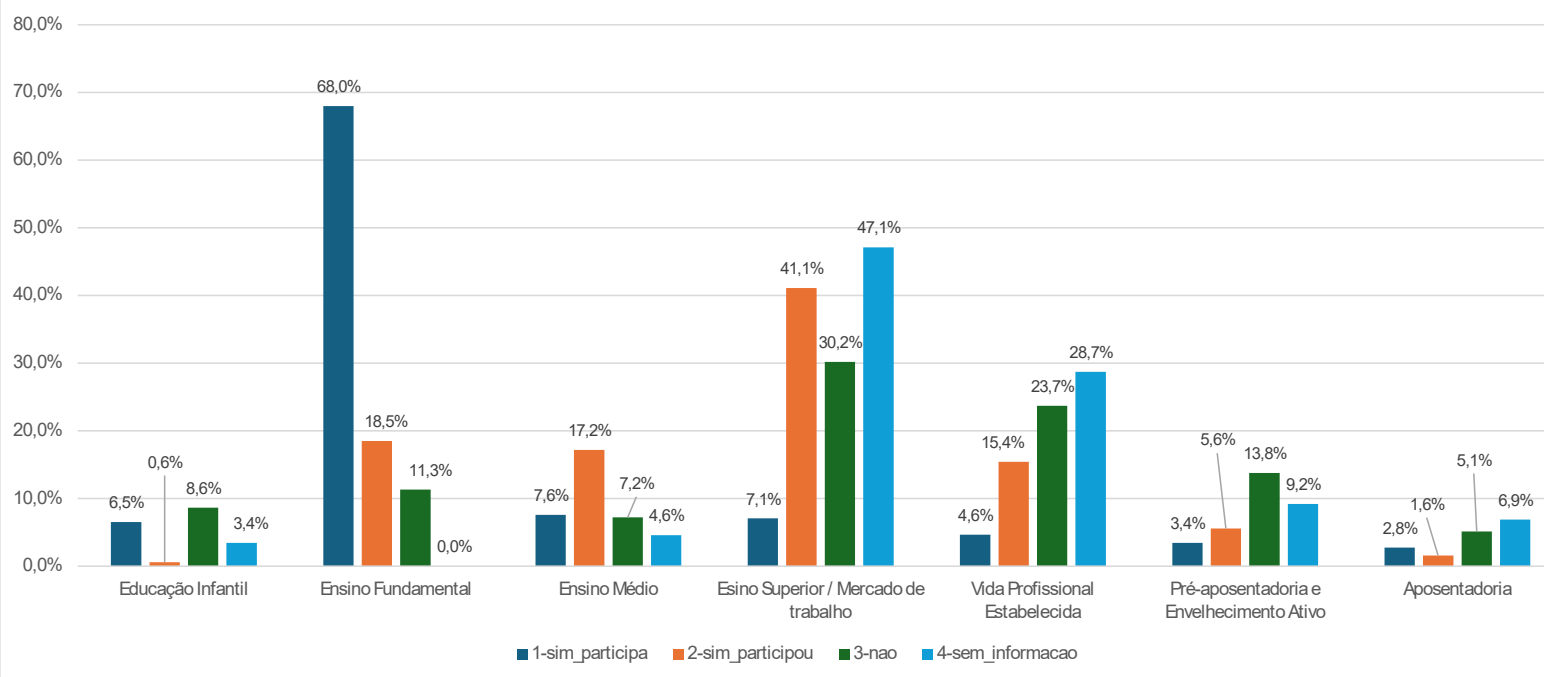


Gráfico 13-Práticas culturais por estágios da vida

Fonte: Autor, 2025

Por fim, investir em um espaço cultural em São Remo significa reconhecer e valorizar a potência criativa da comunidade, fortalecendo sua identidade e proporcionando um ambiente de transformação social. A cultura tem um papel essencial na

construção da cidadania e da autoestima dos indivíduos, e integrar a USP a esse processo permite que a Universidade cumpra sua função social de maneira mais efetiva. Ao conectar os jovens da comunidade com o universo acadêmico e cultural, o Projeto do Centro Cultural São Remo visa ser um agente de mudança, criando oportunidades e reduzindo as desigualdades históricas que ainda marcam essa relação.







# Escala da Cadeia Construtiva e da Materialidade

## O projeto More Bem-estar e baixo carbono nas moradias (HubiC)

Na escala da Cadeia construtiva e da materialidade, minha participação atual no projeto MORE - HubiC tem sido fundamental. O HubiC é um hub de inovação em construção digital, resultado de uma parceria entre a Escola Politécnica da USP, a ABCP (Associação Brasileira de Cimento Portland) e o SNIC (Sindicato Nacional da Indústria do Cimento) e que possui diversos projetos e pesquisas, inclusive o Projeto MORE Bem-estar e baixo carbono nas moradias. O MORE é uma iniciativa de caráter interdisciplinar de diversas universidades brasileiras, entre elas a FAU e a POLI na USP que tem como foco central compreender, quantificar e propor melhorias nas condições construtivas e ambientais das moradias autoconstruídas nas comunidades, tendo a São Remo como projeto piloto. Partindo da constatação de que boa parte da produção habitacional nas periferias brasileiras ocorre por meio da autoconstrução, o projeto busca aliar conhecimento técnico, tecnologia e participação

comunitária para formular alternativas sustentáveis que respeitem as dinâmicas sociais e culturais locais.

Entre os principais objetivos do projeto estão: mapear o território da São Remo com precisão, identificar as tipologias construtivas predominantes, calcular o carbono incorporado nos materiais utilizados, analisar o conforto térmico e ambiental das residências e compreender os critérios que orientam os processos decisórios dos moradores durante a construção ou ampliação de suas casas. Com base nessas análises, o projeto pretende propor soluções de retrofit e novos modelos construtivos mais eficientes, sustentáveis e apropriados à realidade da comunidade.

Para alcançar esses objetivos, o projeto se organiza em Grupos de Trabalho (GTs) interdependentes. Fui membro do GT Comunidade que atua como ponte entre a pesquisa acadêmica e os moradores, sendo responsável pela articulação local, coleta de dados em campo e escuta ativa das necessidades da população. Depois, migrei para o GT Materialização para liderar o papel de identificar e classificar as soluções construtivas existentes por meio de escaneamento e modelagem em BIM, estimando quantitativamente os materiais utilizados e seus impactos ambientais, especialmente no que diz respeito ao carbono incorporado. Já o GT Mapeamento realiza o levantamento geoespacial das edificações com o uso de tecnologias como o LiDAR e imagens aéreas, enquanto o GT Qualidade do Ambiente Interior analisa as condições ambientais das habitações, como ventilação e conforto térmico. Por fim, o GT Tomada de Decisão investiga os fatores econômicos, culturais e técnicos que orientam a forma como os moradores constroem e transformam suas casas.

Desta experiência em campo tanto realizando entrevistas e conhecendo o racional da cadeia construtiva, quanto modelando as residências, cheguei à conclusão de que o sistema atual é moroso e custoso. Diante disso, para o CCSP, busquei o sistema pré-fabricado em argamassa armada que, inclusive, poderia também ser usado como forma de construção de moradias ou de soluções para melhorias habitacionais – que não serão desenvolvidas neste TFG, mas que ficam indicadas como possibilidades.

## O Sistema de pré-fabricação em argamassa armada

A proposta de adoção de um sistema construtivo pré-fabricado, em contraste com o modelo tradicional da autoconstrução na comunidade, surge como resposta a diversos desafios identificados durante o desenvolvimento do projeto. O método atual, embora marcado pela criatividade e resiliência dos moradores, frequentemente resulta em construções com baixa eficiência térmica, elevado desperdício de materiais e ausência de planejamento técnico, o que aumenta o carbono incorporado e os custos de manutenção. Já o sistema pré-fabricado permite maior controle sobre o uso de materiais, reduz o tempo de execução, melhora o desempenho ambiental das edificações e possibilita a repetição e adaptação de soluções em larga escala.

Mais do que propor uma ruptura, a adoção do pré-fabricado pretende ser uma evolução técnica sensível às práticas locais, propondo uma arquitetura mais eficiente sem desconsiderar os saberes e as necessidades da comunidade.

Por ser baseada na produção padronizada de componentes em ambiente controlado, esse sistema reduz desperdícios, melhora o controle de qualidade e diminui significativamente o tempo de execução da obra. Além disso, por demandar menos mão de obra especializada e permitir processos construtivos mais simples e repetitivos, a pré-fabricação facilita a implementação de canteiros participativos, nos quais os próprios moradores podem atuar na montagem das edificações, promovendo apropriação coletiva do espaço e fortalecendo vínculos comunitários. Em termos de

desempenho técnico, as soluções pré-fabricadas apresentam melhor controle do isolamento térmico, maior racionalização de materiais e potencial de redução do carbono incorporado, configurando-se como uma estratégia construtiva mais acessível, sustentável e adequada a construção do Centro Cultural São Remo.

Além disso, a pré-fabricação poderia ser realizada numa cooperação técnica entre a USP e a São Remo, com a Universidade provendo espaço físico para laboratório e fábrica, além de recursos humanos técnicos, e a comunidade se envolvendo com mão de obra e articulação projetual participativa.

## Referência: João da Gama Filgueiras Lima (Lelé)

João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé, foi um arquiteto brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1932 e falecido em Salvador em 2014. É amplamente reconhecido por sua atuação voltada à arquitetura pública e social, tendo desenvolvido uma produção marcada pela racionalização construtiva, pela busca por soluções industrializadas e pela profunda preocupação com a função social da arquitetura. Lelé participou da construção de Brasília ao lado de Oscar Niemeyer e destacou-se posteriormente pelo desenvolvimento de projetos para escolas, hospitais, centros de reabilitação e outros equipamentos públicos, sempre com foco na eficiência técnica, no conforto ambiental e na acessibilidade. Uma de suas maiores contribuições foi a criação e o aperfeiçoamento de sistemas construtivos em argamassa armada e concreto leve, voltados à pré-fabricação e montagem rápida de edificações, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Sua atuação no Centro de Tecnologia da Rede Sarah, onde projetou hospitais voltados à reabilitação com soluções inovadoras e humanizadas, consolidou sua reputação como um arquiteto que conciliava técnica e sensibilidade social. Também trabalhou com o Ministério da Educação, propondo modelos de escolas desmontáveis e transportáveis para áreas rurais, como no projeto da Escola Transitória em Abadiânia. Ao longo de sua carreira, Lelé recebeu diversos prêmios e reconhecimentos nacionais e

internacionais, sendo lembrado como um arquiteto comprometido com a democratização do acesso à cidade e à infraestrutura, cujas obras se tornaram referência em arquitetura social, funcional e comprometida com o desenvolvimento do país.

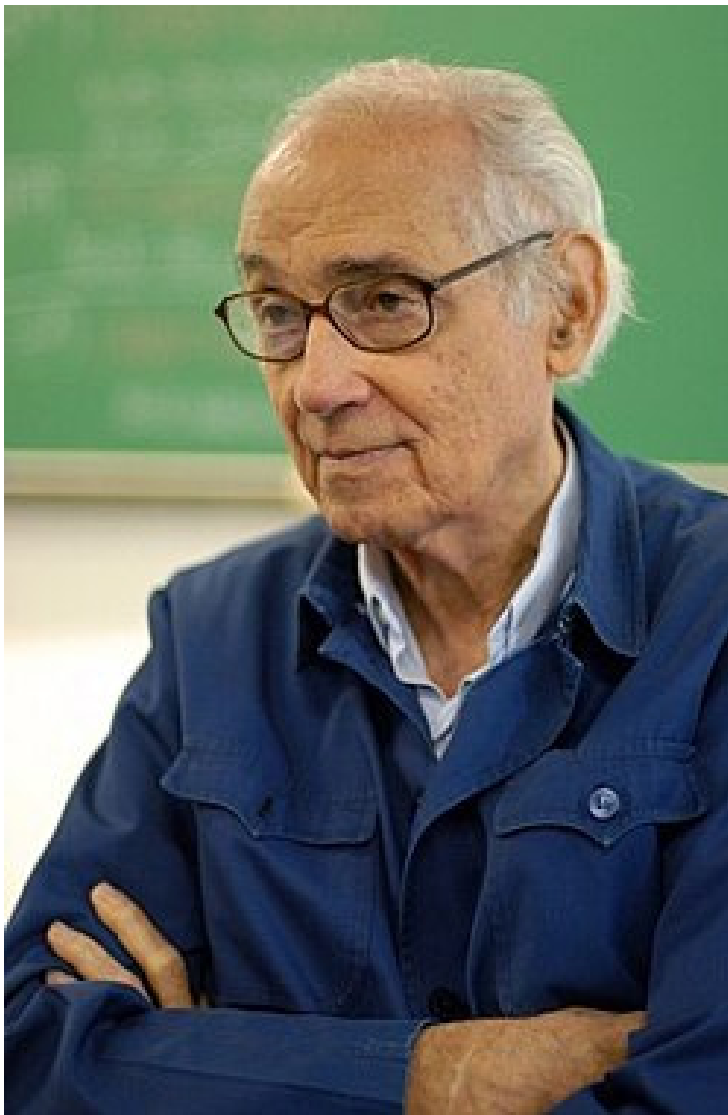


Figura 2—João da Gama Filgueiras Lima

Fonte: André marques

## Obra de Referência: Escola Transitória de Abadiânia

A Escola Transitória de Abadiânia, concebida e executada em 1983 no município de Abadiânia (GO), representa um marco em soluções arquitetônicas de baixo custo e alta eficiência técnica voltadas ao meio rural. O projeto foi coordenado por João Filgueiras Lima (Lelé), com apoio do MEC/CEDATE e da comunidade local, como resposta à instabilidade da permanência das populações no campo e à necessidade de escolas que pudessem ser montadas e desmontadas com facilidade.



Figura 3- - Escola de Abadiânia

Fonte: Lima, João Filgueiras



Figura 4- - Escola de Abadiânia

Fonte: Lima, João Filgueiras

Trata-se de uma edificação totalmente modular, extensível e desmontável, cuja construção utiliza argamassa armada com peças pré-fabricadas leves (menos de 100 kg), permitindo transporte manual e montagem com mão de obra não especializada. A área construída é de 285 m<sup>2</sup>, com capacidade para 70 alunos, e conta com salas de aula, sanitários, sala da professora e cozinha.

A Escola Transitória de Abadiânia apresenta uma estrutura composta por módulos de 5,70 × 3,95 metros, com um sistema de encaixe preciso entre pilares, vigas e telhas. Sua cobertura utiliza telhas e sheds que proporcionam ventilação cruzada e iluminação zenital natural, contribuindo significativamente para o conforto

ambiental. As instalações elétricas e hidráulicas são integradas de maneira racional às divisórias e ao piso, otimizando o espaço e a execução. Os componentes construtivos são padronizados, permitindo o uso eficiente de materiais e a racionalização do processo produtivo. A construção é rápida — concluída em apenas 45 dias —, apresenta baixo custo de manutenção e permite ampla participação da mão de obra local, mesmo sem qualificação técnica prévia.

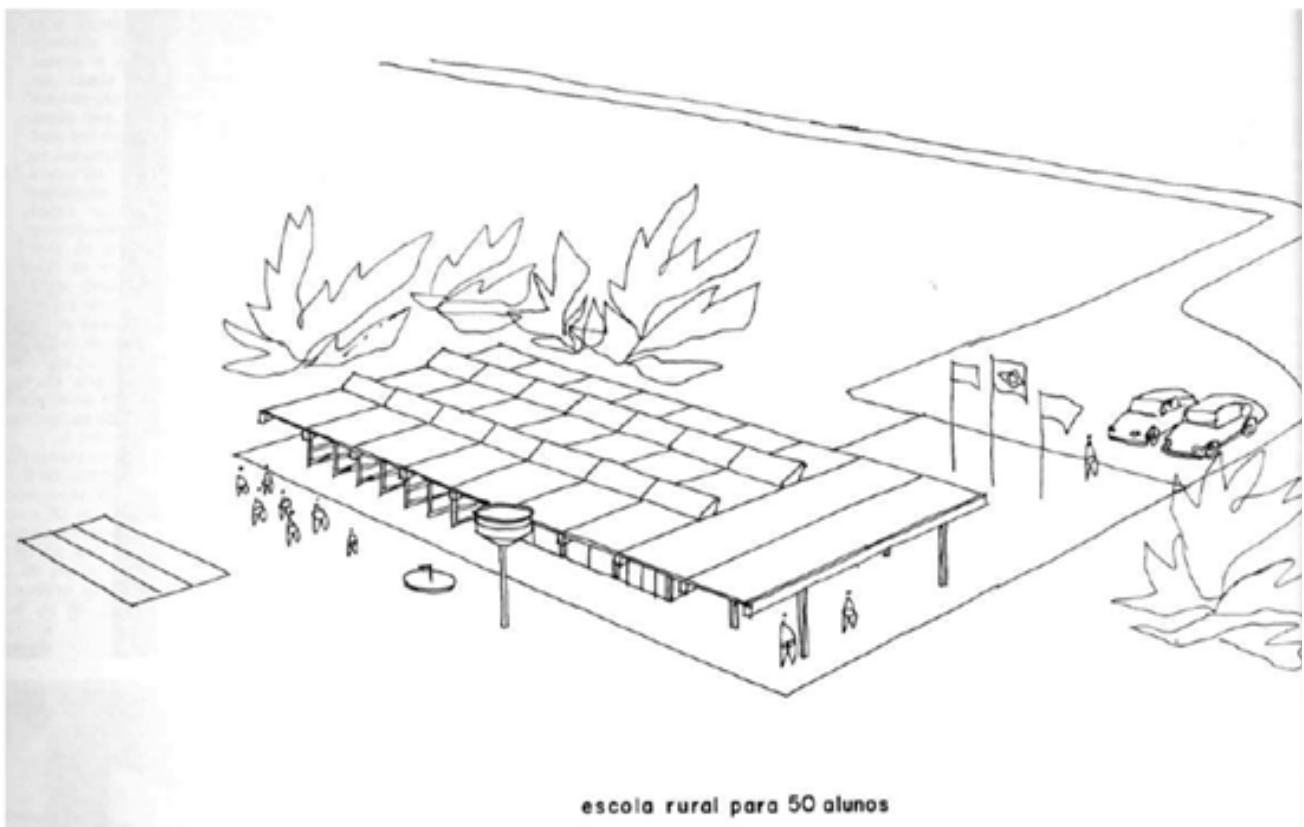


Figura 5 - Escola Transitória em Abadiânia

Fonte: Lima, João Filgueiras

O modelo foi pensado para ser reproduzido em escala estadual, e seu sistema de pré-fabricação descentralizada permitiria atualizar toda a rede física de ensino básico do estado com recursos bem menores que os da construção convencional. Além disso, a flexibilidade do layout interno, com divisórias móveis e quadros de giz deslizantes, favorece o uso comunitário e a adaptação pedagógica ao contexto rural.



Figura 5 - Croqui interno - escola em Abadiânia

Fonte: Lima, João Filgueiras



# O projeto arquitetônico

## Local e Conceito projetual

O terreno selecionado localiza-se em uma área já consolidada como polo de sociabilidade e expressão cultural da comunidade, onde se encontram equipamentos como o circo-escola, quadras esportivas e campo de futebol. Esses espaços, apesar de seu valor simbólico e coletivo, encontram-se atualmente em processo de sucateamento, devido a falta de verba para a manutenção e devido a forte pressão crescente do mercado imobiliário informal.



Figura 5 - Quadra e edifícios do mercado imobiliário informal



Figura 6 - Sucateamento do Circo Escola

Fonte: Escritório de extensão São Remo,<sup>2023</sup>

Outro aspecto fundamental da proposta é a necessidade de articular e integrar os diversos agentes e coletivos atuantes no território, considerando as tensões e disputas existentes em torno da gestão dos espaços culturais. Nesse sentido, propõe-se a concentração das atividades culturais no novo Centro Cultural da São Remo, como estratégia para promover maior coesão entre os grupos e otimizar o uso dos equipamentos. Os espaços atualmente localizados nos miolos de quadra, áreas marcadas por alto adensamento e precariedade de infraestrutura, ao serem transportados para o Centro Cultural, criarãoá vazios em miolo de quadra, os quais poderão ser, progressivamente, revitalizados e reapropriados pela comunidade, assumindo novas funções coletivas podendo ser transformados em espaços residenciais qualificados.

A proposta contempla a revitalização e requalificação arquitetônica dos equipamentos existentes (destacados em vermelho), com o objetivo de preservar suas funções comunitárias, e a implantação de um novo Centro Cultural (delimitado pelo polígono em cian), integrando o conjunto em uma rede articulada de usos e potencializando sua capacidade de fomentar a produção cultural e o pertencimento local.



Figura 7 - Implantação

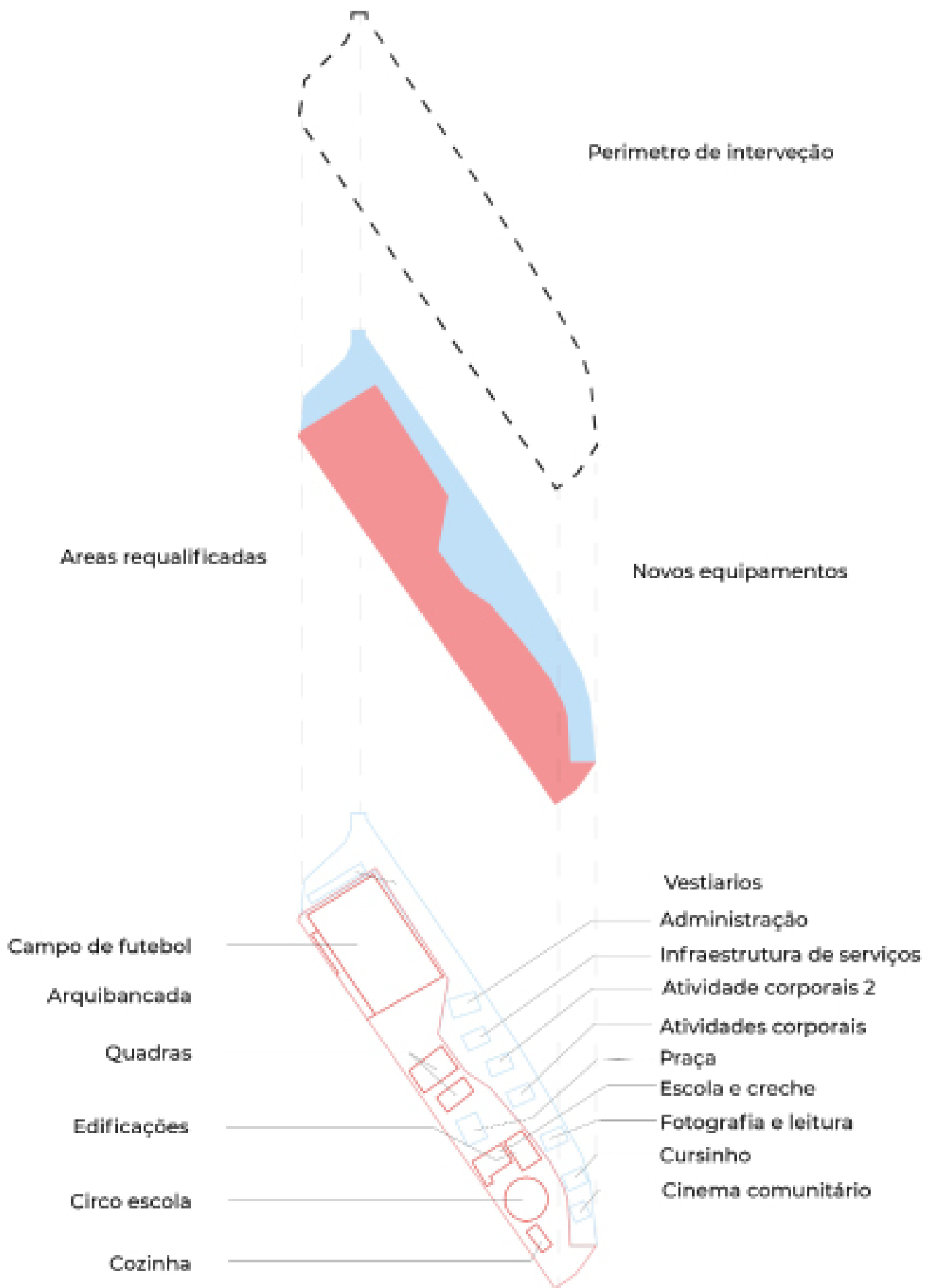


Figura 8 - programa

## Programa de Necessidades

O programa de intervenção arquitetônica contempla duas frentes principais: a reforma de espaços existentes e a criação de novos ambientes voltados para a comunidade. Na parte de reforma, estão previstos o aprimoramento do Circo Escola, a revitalização das quadras poliesportivas e a implantação de arquibancadas, com o objetivo de melhorar as condições de uso e acessibilidade desses locais. Já na criação de novos espaços, o projeto inclui um cinema comunitário, um cursinho popular, uma escola/creche, além de ambientes específicos para fotografia, cinema e diversos cursos. Também são previstos espaços para biblioteca, música, funk, dança e uma cozinha comunitária. Por fim, há a criação de áreas livres destinadas a atividades corporais, garantindo diversidade e dinamismo nas possibilidades de uso do conjunto. Essa programação busca atender às demandas culturais, educativas, esportivas e sociais da comunidade, promovendo inclusão, participação e fortalecimento do vínculo social.

TIPO DE INTERVENÇÃO	ESPAÇOS
<b>Requalificação</b>	Circo Escola
	Quadras Poliesportivas
	Arquibancadas
	Campo de futebol
	Edificações
	Cozinha
<b>Novos Equipamentos</b>	Cinema Comunitário
	Cursinho Popular
	Fotografia e leitura
	Escola / Creche
	Praça
	Atividades Corporais
	Atividades Corporais 2
	Infraestrutura de serviços
	Administração
	Espaços Livres para Atividades
Vestiários	

Tabela 1 - programa de necessidades



## Conceitos arquitetônicos

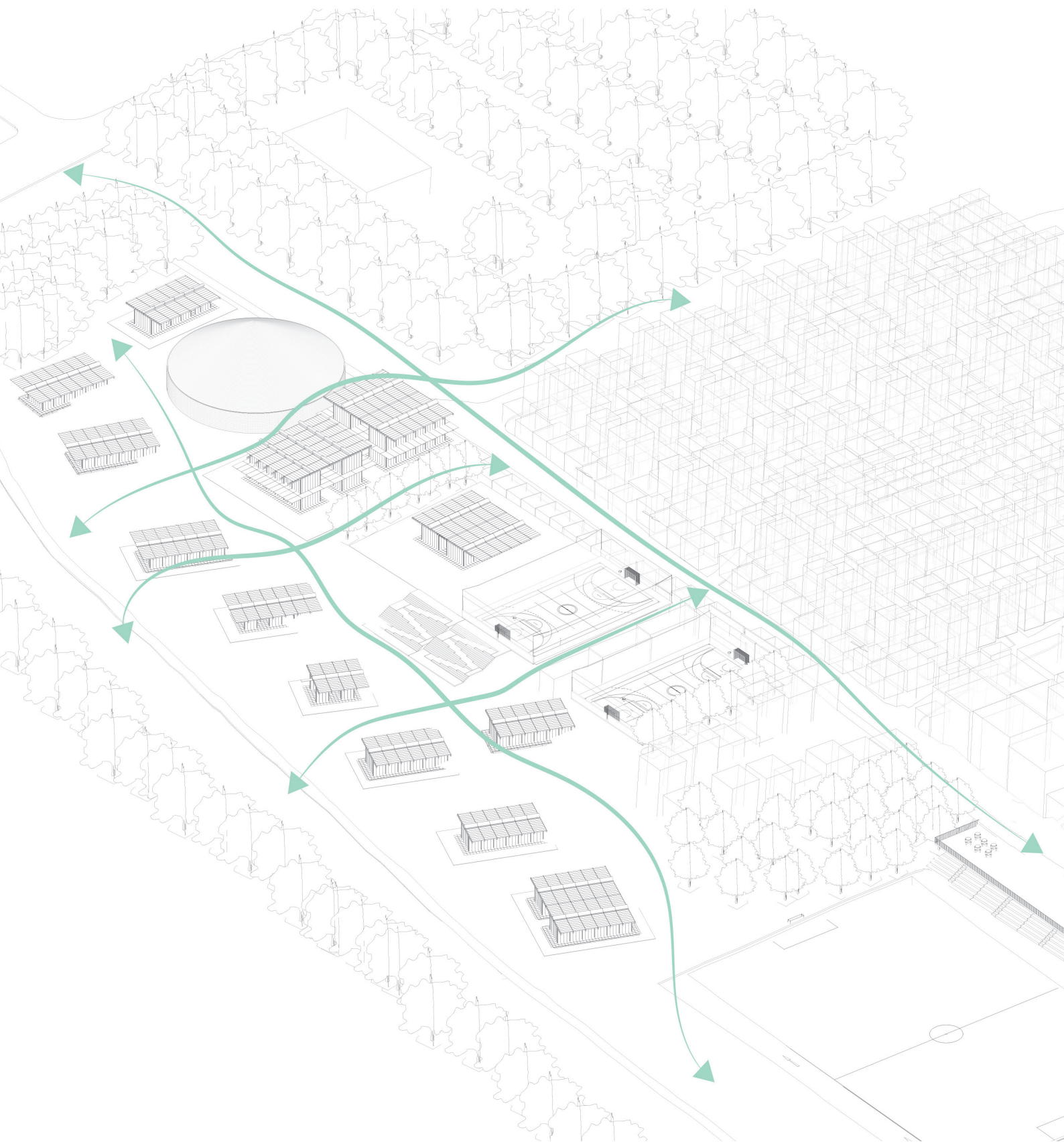
O projeto parte da perspectiva de um jovem periférico que enxerga na cultura e na Universidade não apenas instituições, mas espaços que ampliam a visão de mundo e possibilidade de ascensão social. Assim, propõe-se a construção de uma arquitetura de movimento, que atua como mediadora entre a realidade da comunidade e o universo educacional, tendo a cultura como elemento central, rompendo barreiras simbólicas e físicas que historicamente marginalizaram a São Remo. Foram explorados conceitos como permeabilidade, na tentativa de desfazer os limites rígidos entre o dentro e o fora; transição, como representação de uma trajetória pessoal e coletiva em movimento; e caminhos, entendido não apenas como percurso físico, mas como metáfora da possibilidade de construir um futuro diverso. A proposta, portanto, busca materializar esses conceitos em espaço arquitetônico, transformando a exclusão em acesso, invisibilidade em presença, e fragmentação em pertencimento.

## Permeabilidade

Busca-se promover maior permeabilidade urbana e simbólica entre a USP e a comunidade São Remo por meio da remoção do muro que historicamente tem funcionado como elemento de segregação espacial e social. A abertura desse limite físico visa reconectar os territórios, restabelecendo fluxos e criando oportunidades de interação, pertencimento e troca entre dois contextos historicamente dissociados.

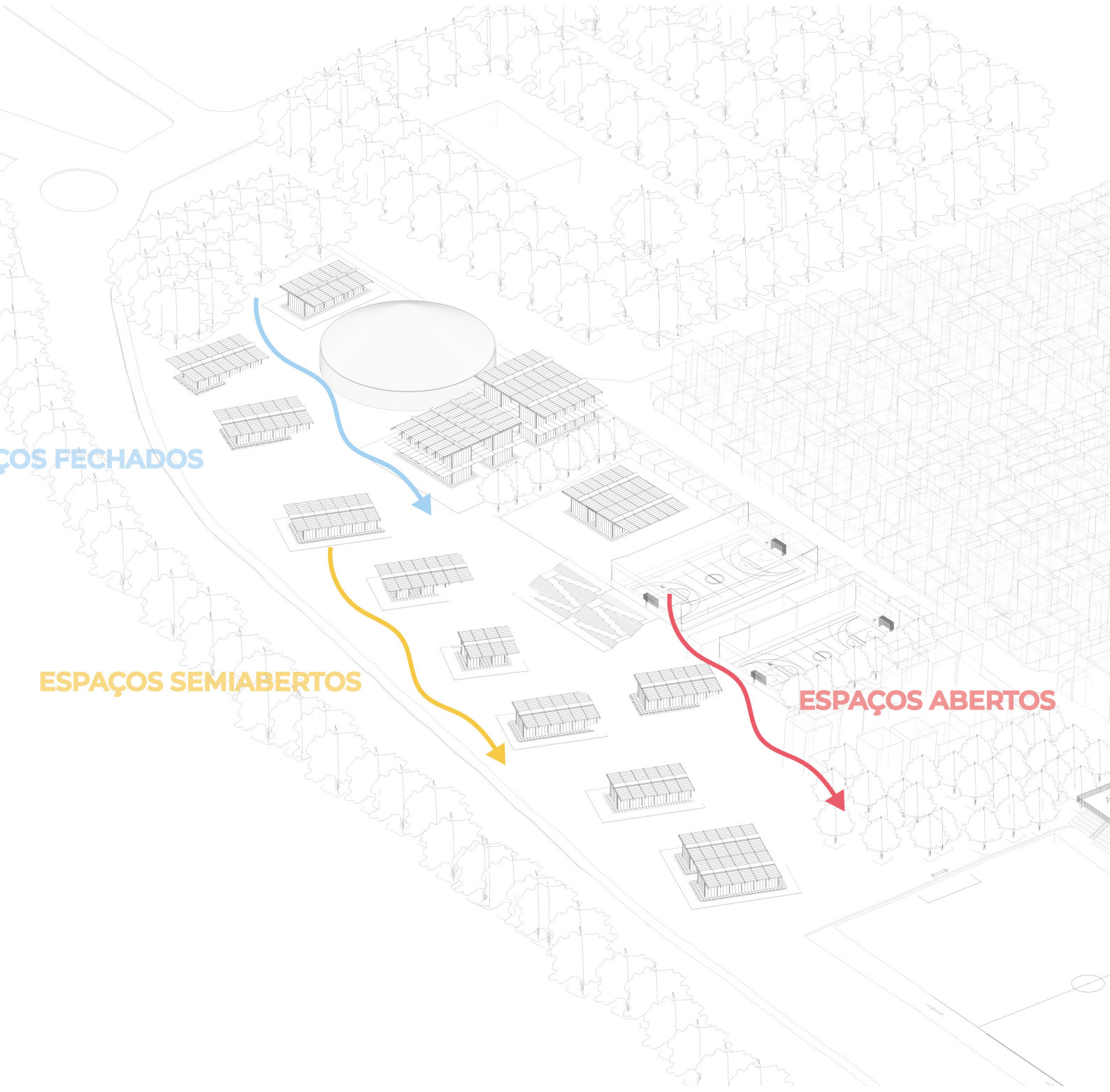
Para isso, o Centro Cultural São Remo será concebido sem um acesso principal definido, funcionando como um espaço de transição contínua entre a comunidade e a Universidade. A proposta rejeita a ideia de fronteira física imposta, permitindo que o acesso se dê tanto da USP para São Remo quanto da São Remo para a USP, promovendo uma arquitetura permeável, aberta e horizontal, que simboliza a superação das barreiras históricas entre os dois territórios. Os edifícios deixam de ser limites e passam a ser um elo, um espaço de encontro, circulação e troca mútua.





## Transição

A transição é materializada na própria disposição do programa arquitetônico, que se organiza em três blocos principais: os espaços fechados, destinados a atividades específicas e de uso controlado; os espaços semiabertos ou de transição, que funcionam como zonas intermediárias entre interior e exterior, promovendo encontros espontâneos e fluxos variados; e os espaços abertos, áreas livres que acolhem usos flexíveis e apropriações diversas pela comunidade.



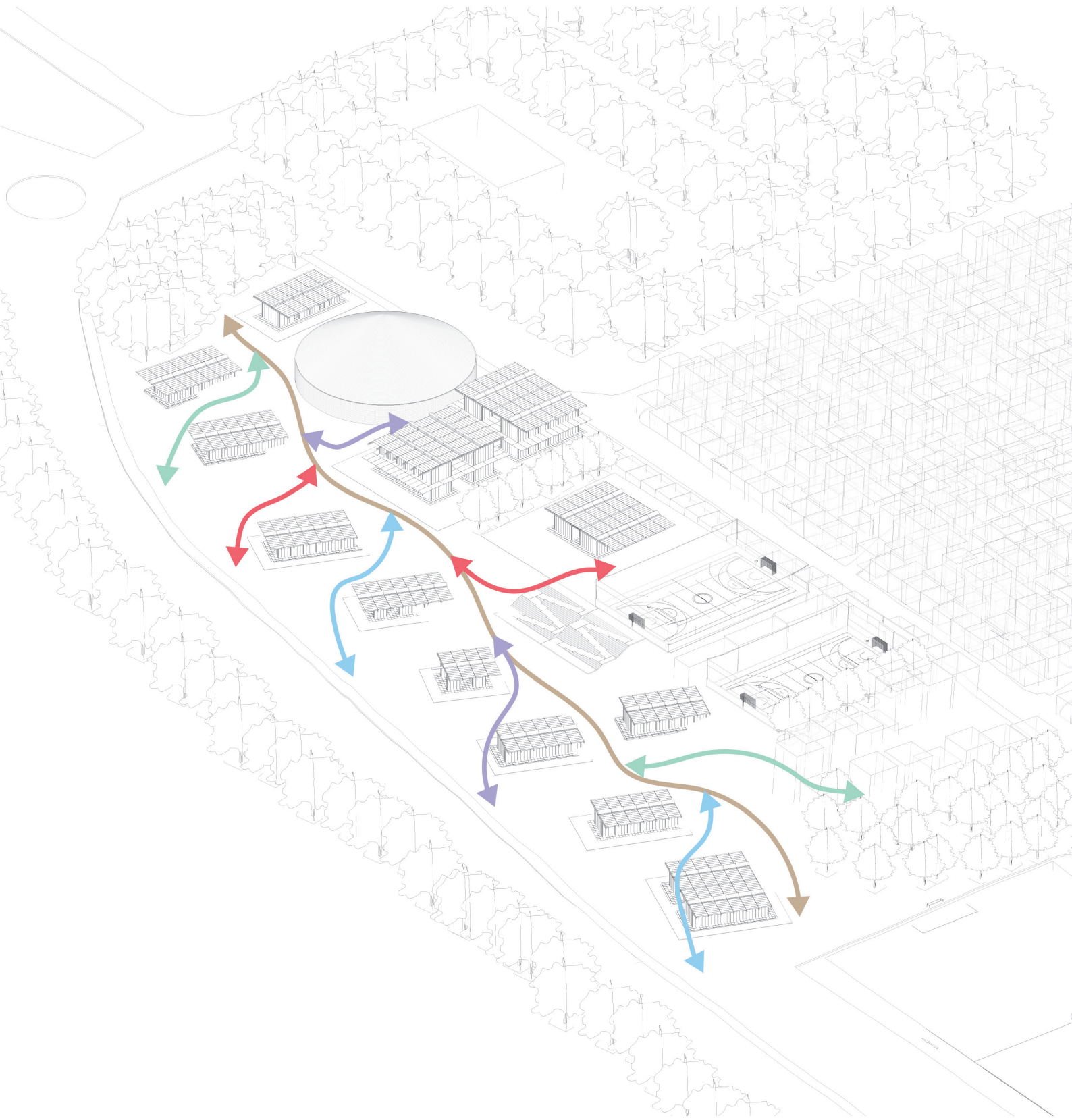
**ESPAÇOS FECHADOS**

**ESPAÇOS SEMIABERTOS**

**ESPAÇOS ABERTOS**

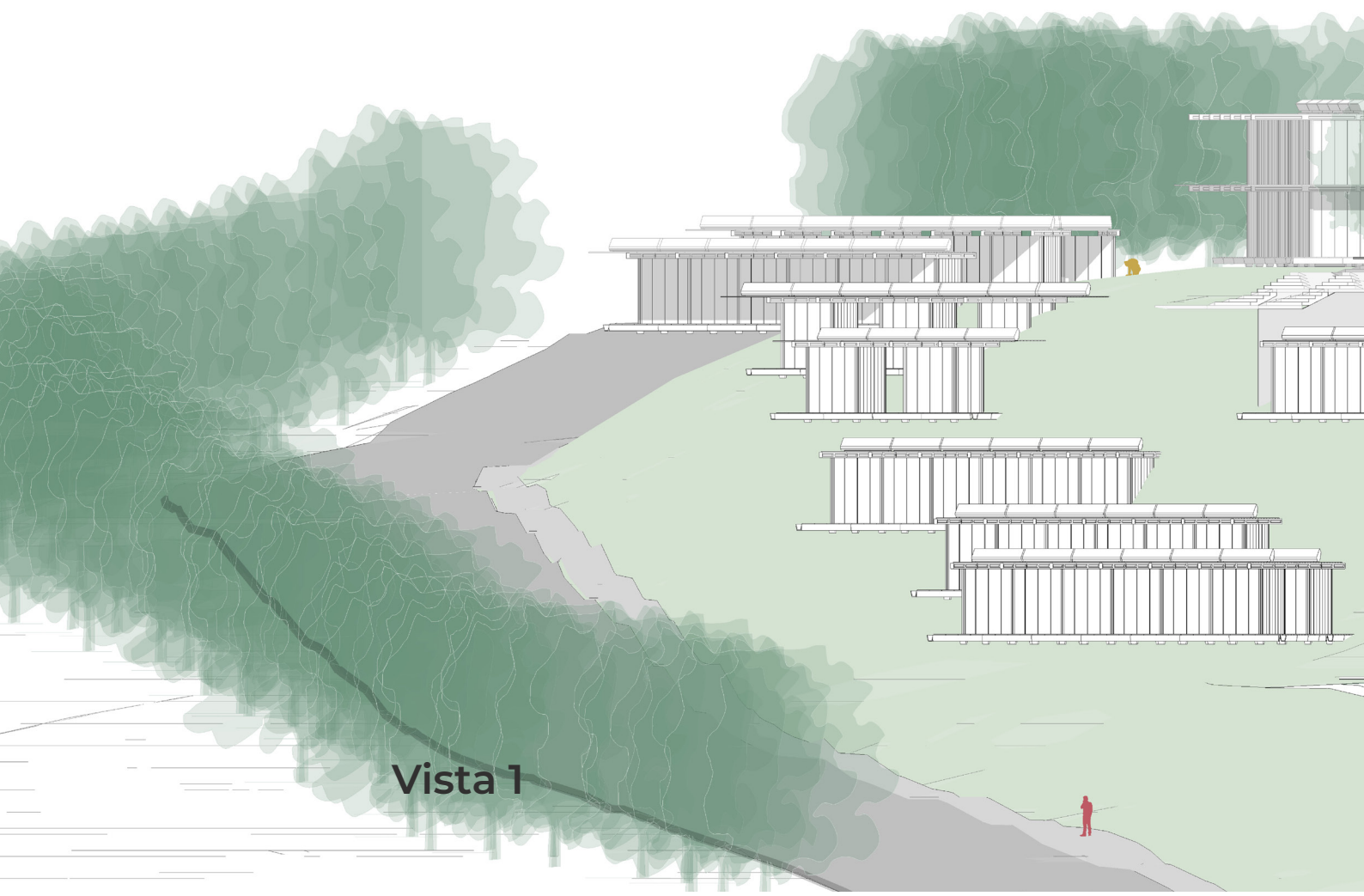
## Caminhos e trajetórias

Os caminhos são materializados pela multiplicidade de acessos e percursos que articulam os diferentes edifícios do Centro Cultural, permitindo que os usuários atravessem, explorem e se apropriem do espaço de forma livre e diversa. Essa lógica de circulação aberta e descentralizada valoriza a permeabilidade espacial, a liberdade de movimento e a dinâmica orgânica de uso, tão característica da comunidade local. Ao romper com trajetos rígidos e hierarquias espaciais, o projeto incentiva a convivência, o encontro e o fortalecimento das relações coletivas, promovendo uma arquitetura que se molda ao cotidiano do território.

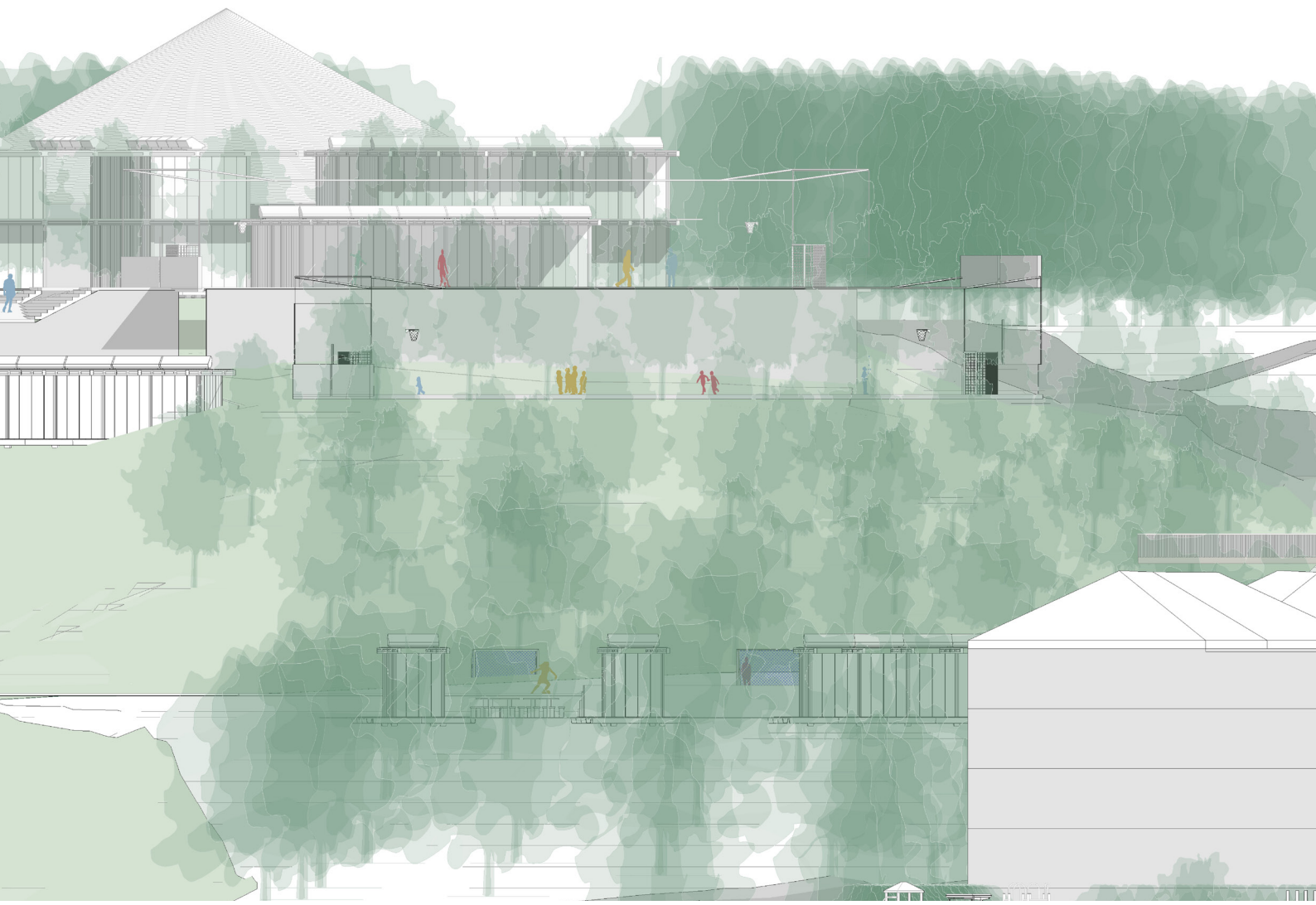


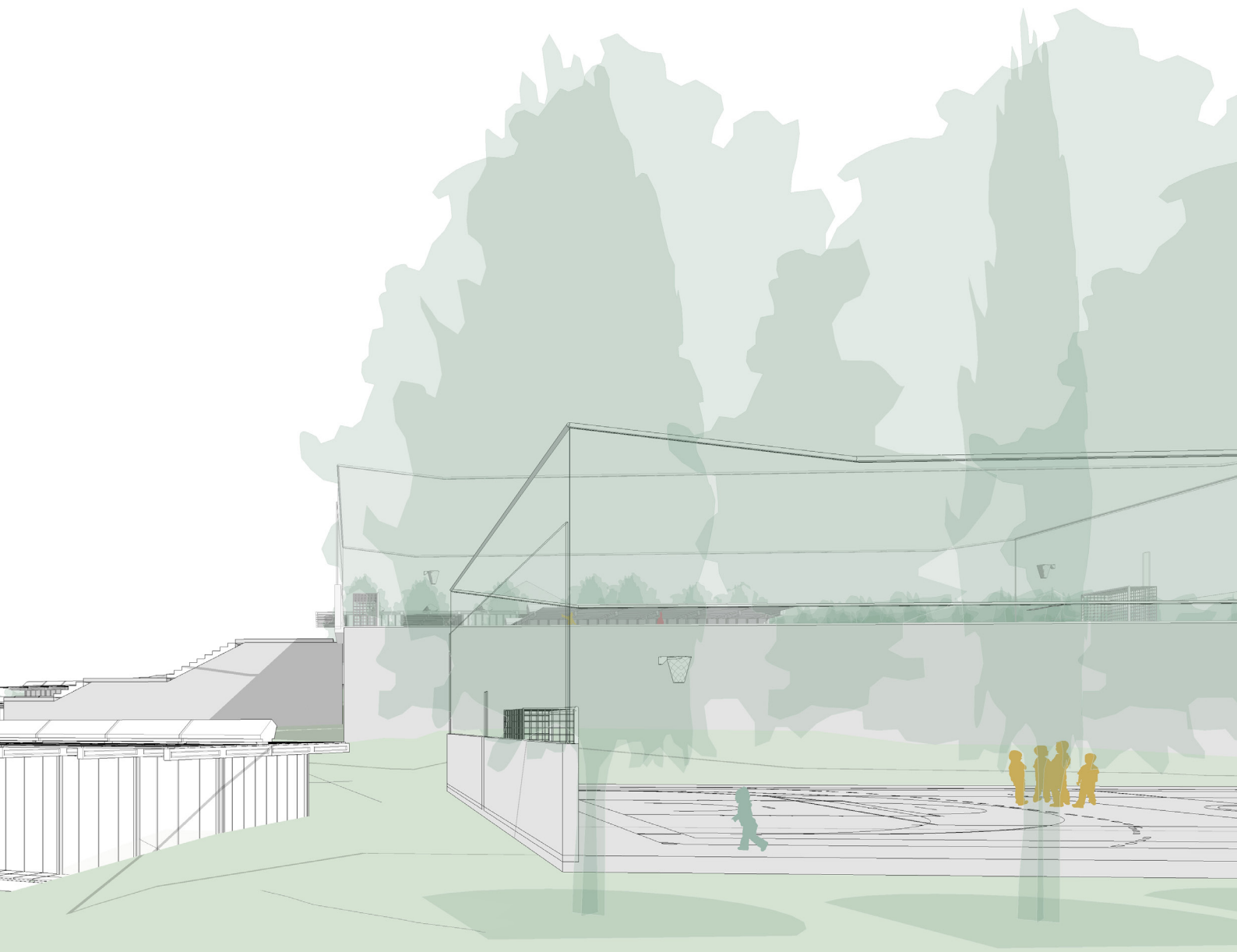
## O Centro Cultural São Remo

A partir desses conceitos, conclui-se que o Centro Cultural São Remo deve ser implantado em configuração pavilhonar, com volumes espaçados entre si e dispostos de forma horizontal sobre o terreno. Essa estratégia permite maior permeabilidade, integração com o entorno e flexibilidade de uso. Além disso, em diálogo com o contexto urbano marcado por forte adensamento, o projeto limita-se a dois pavimentos.

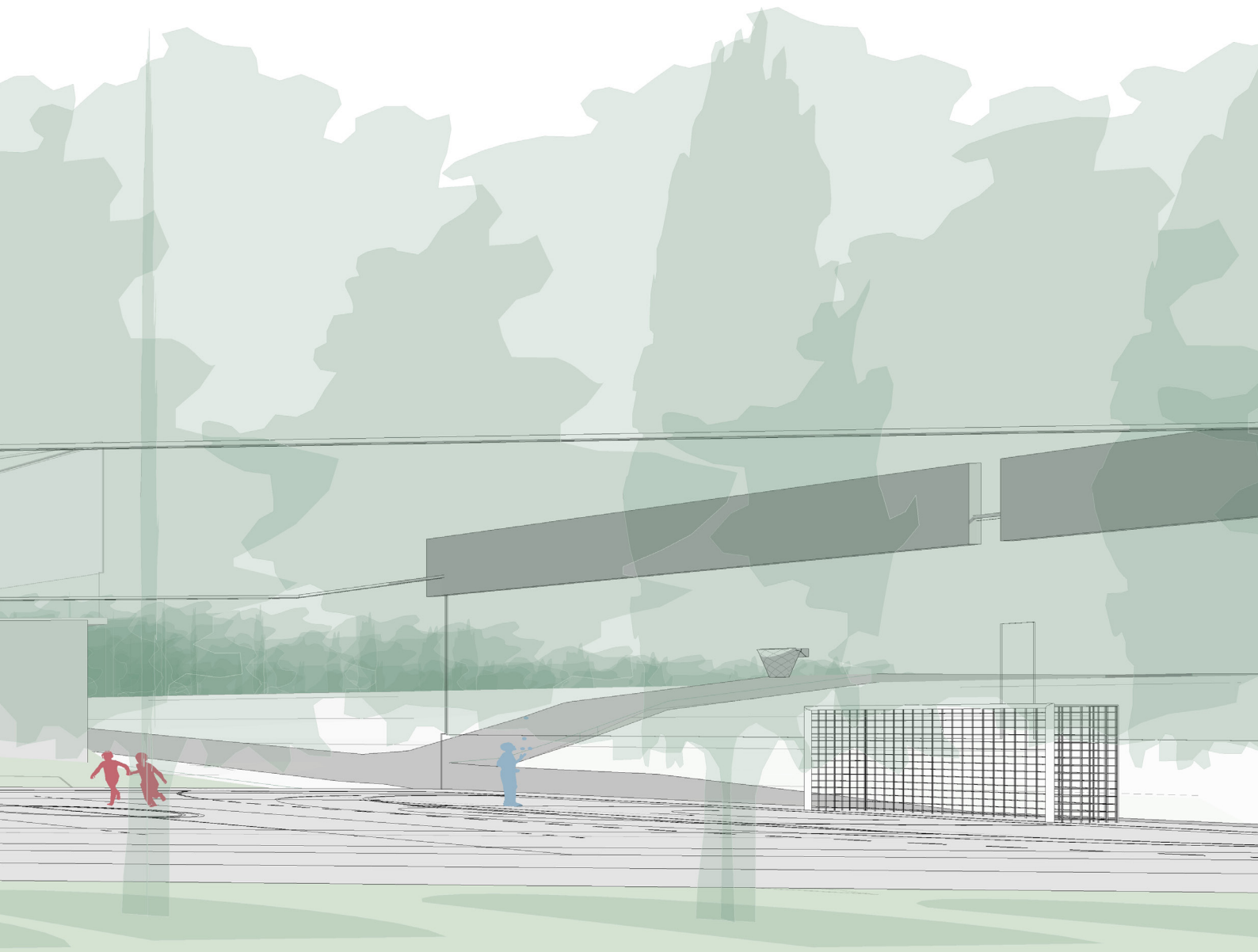


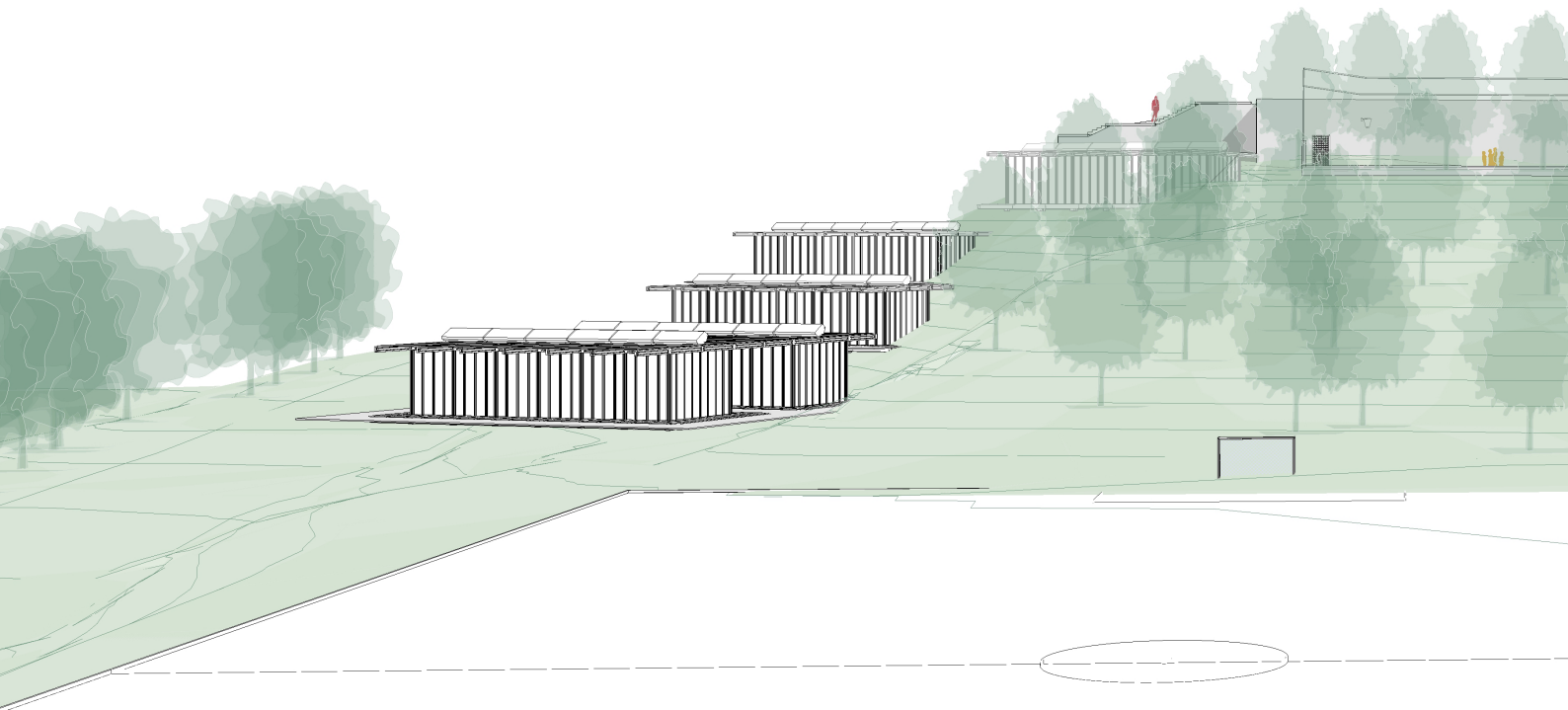
Vista 1



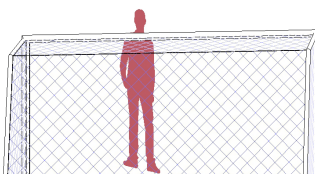


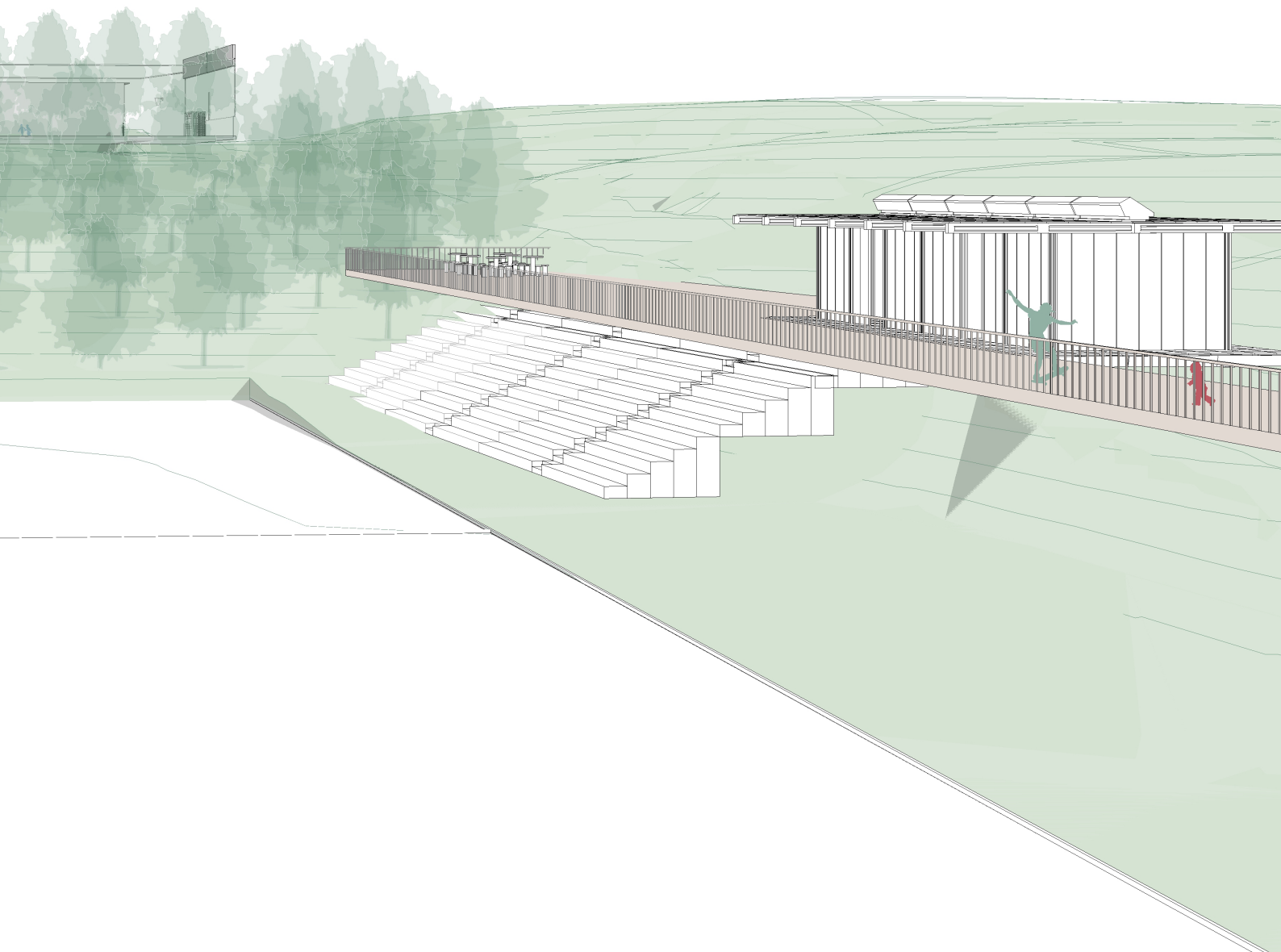
Vista 2

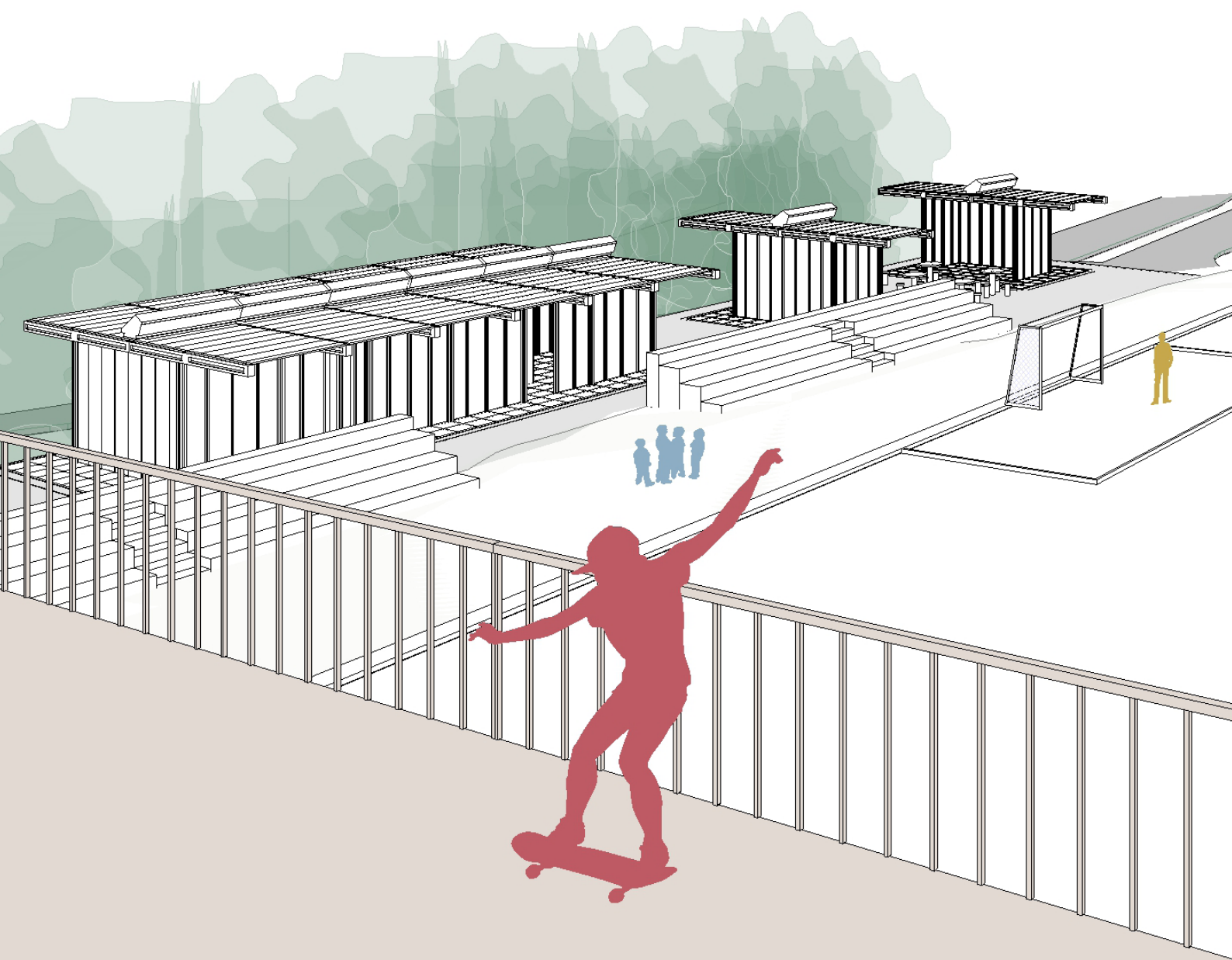




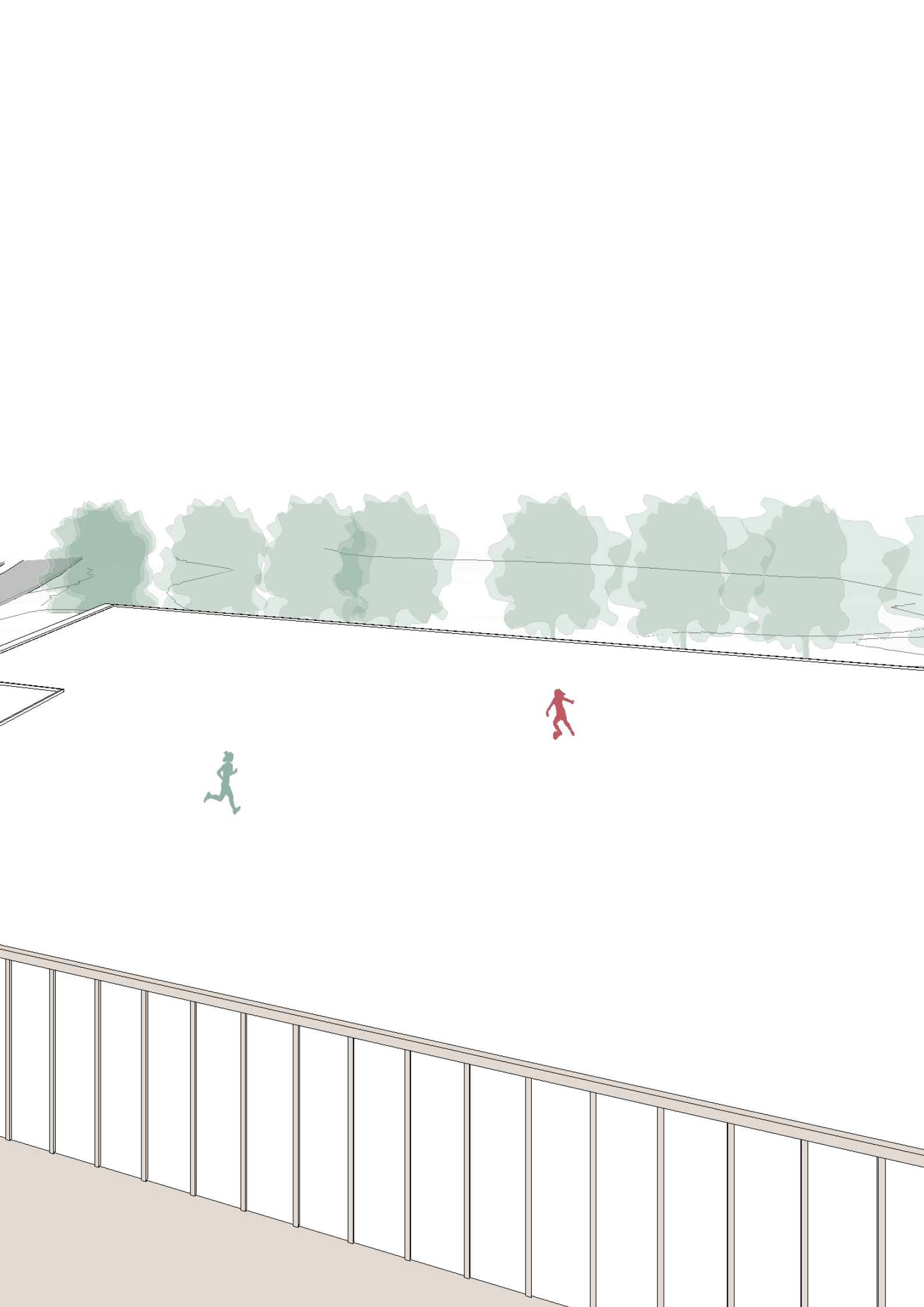
Vista 3

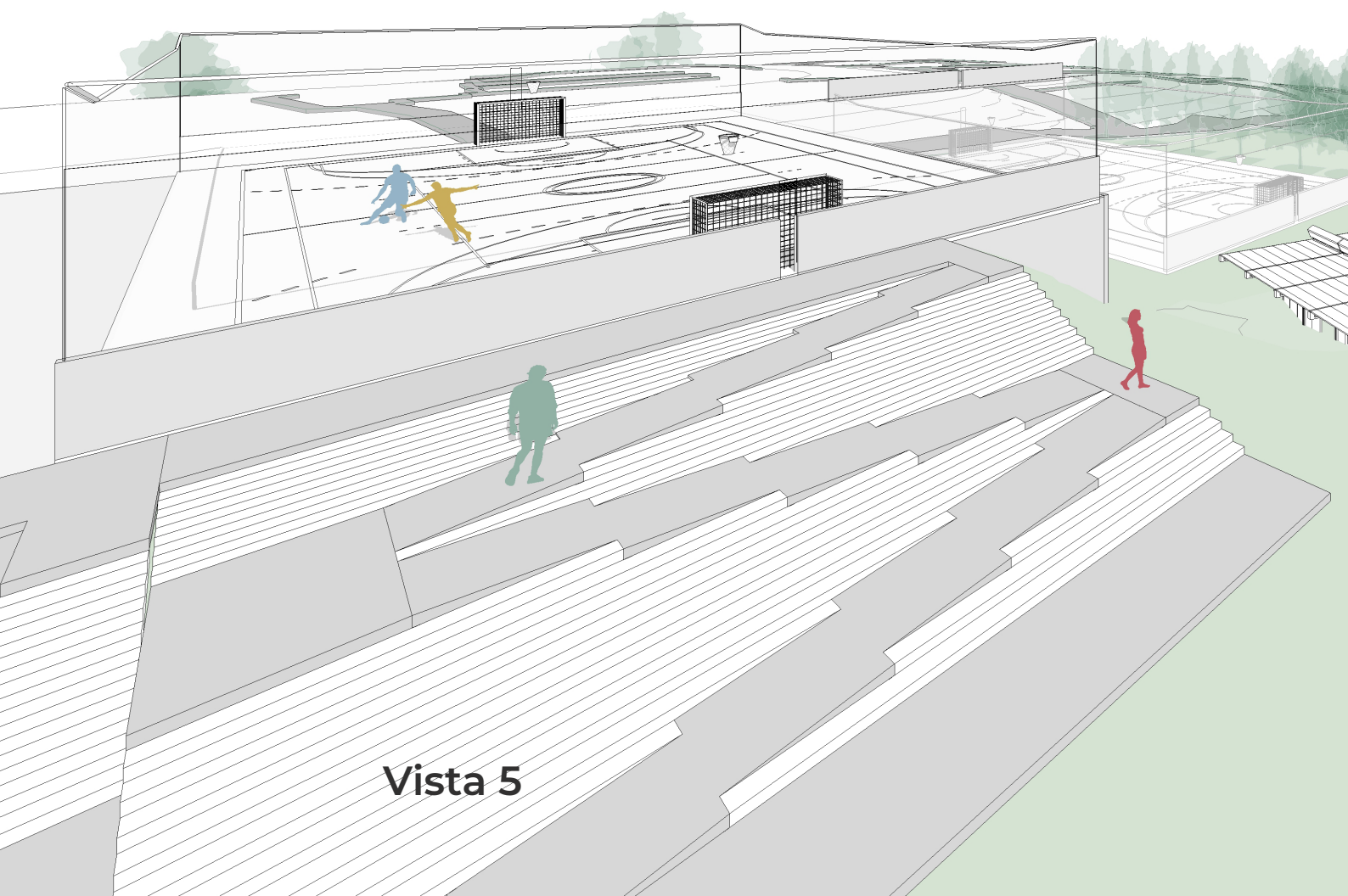




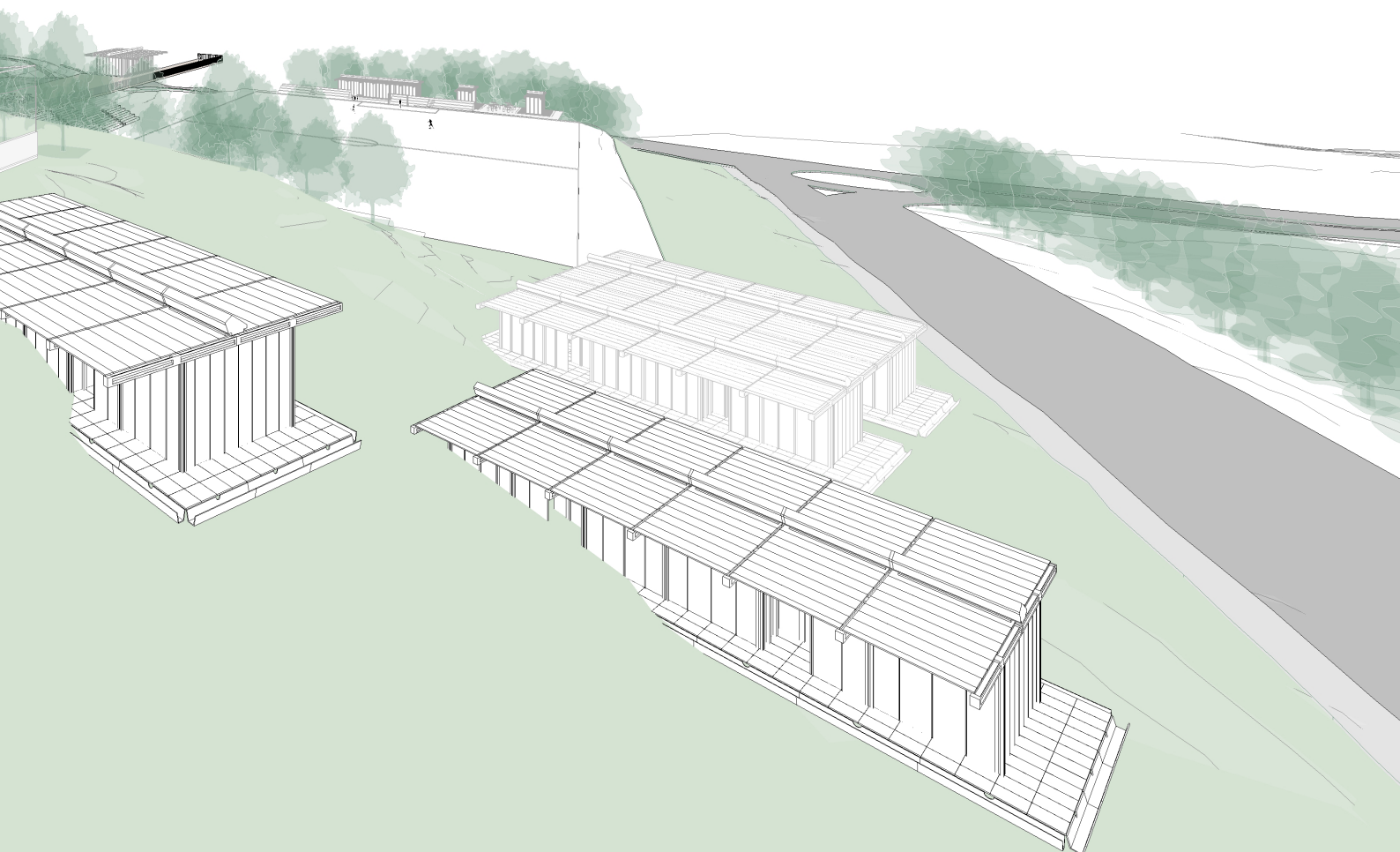


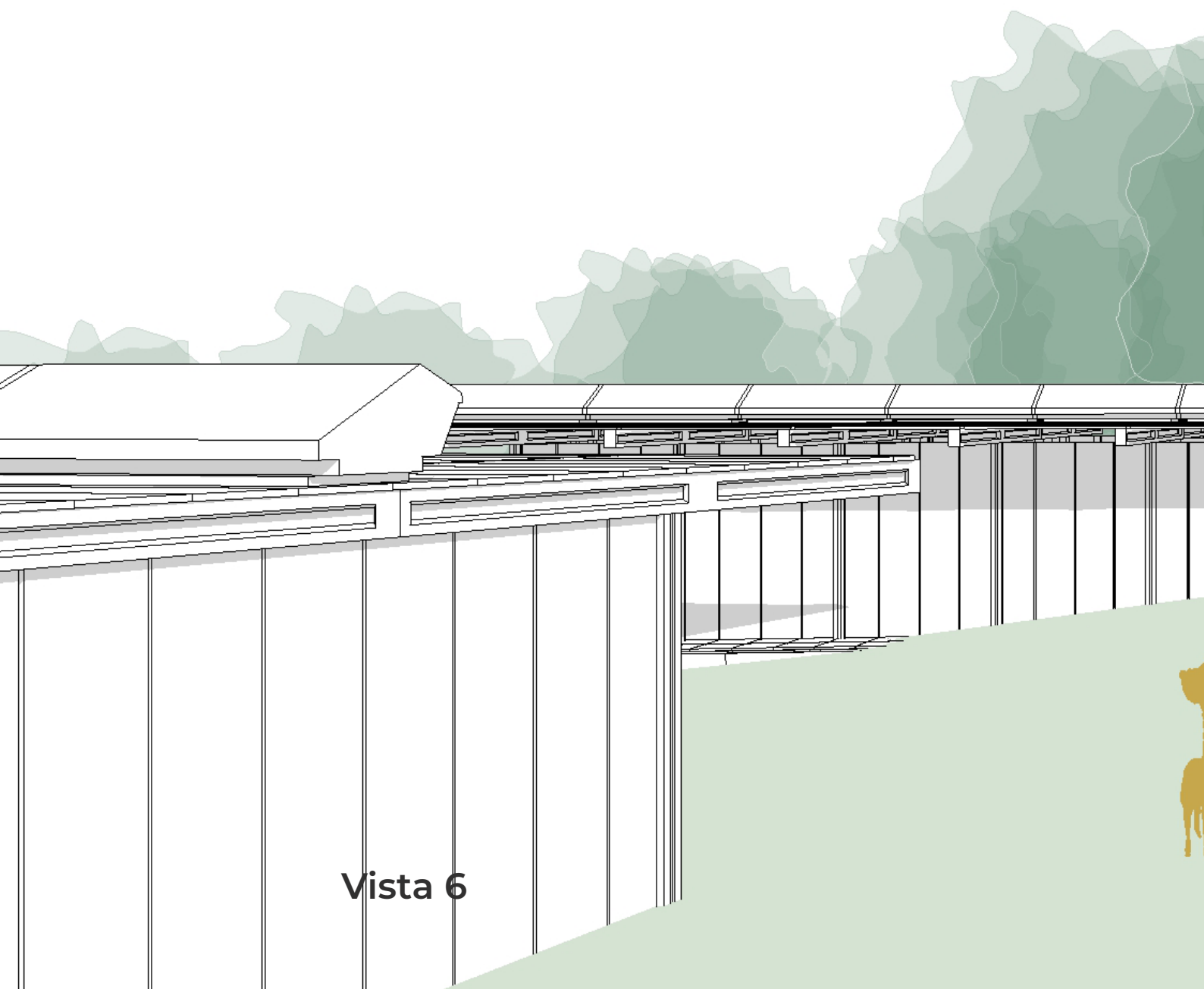
Vista 4



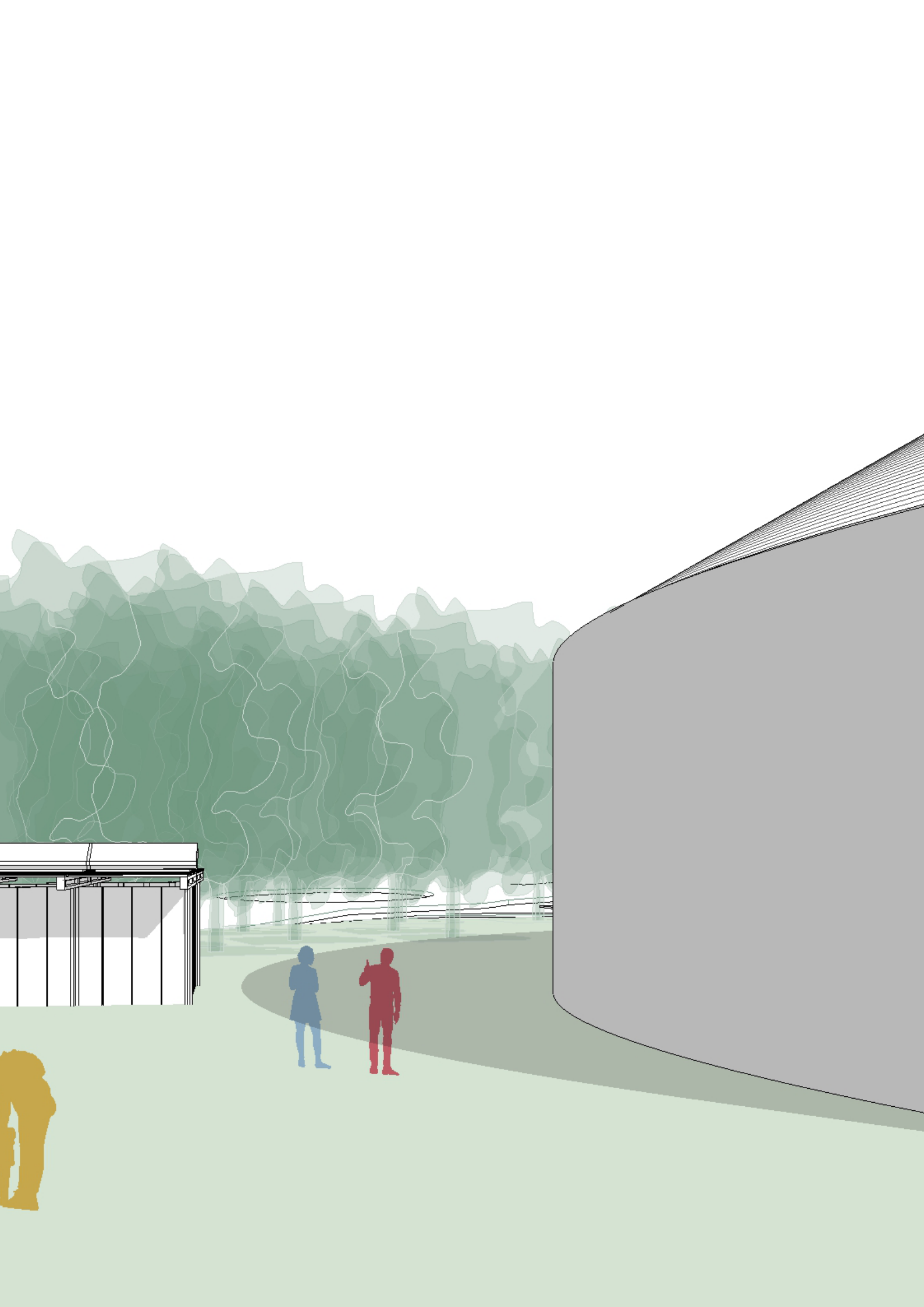


**Vista 5**





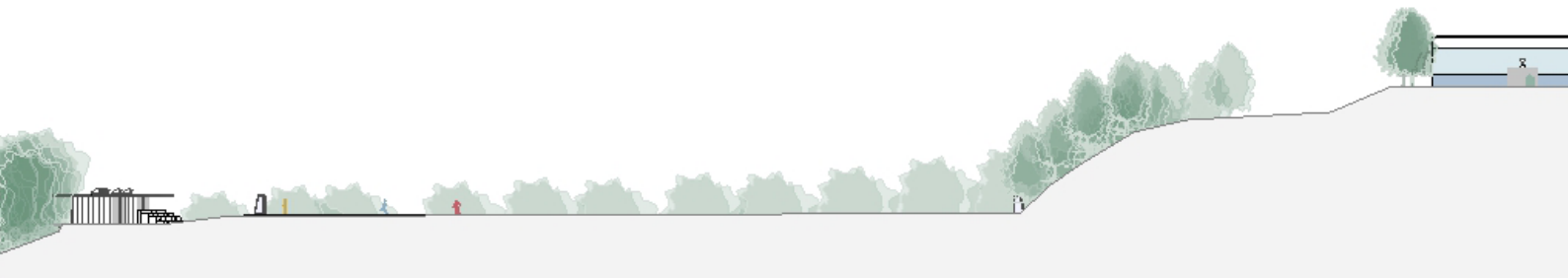
**Vista 6**



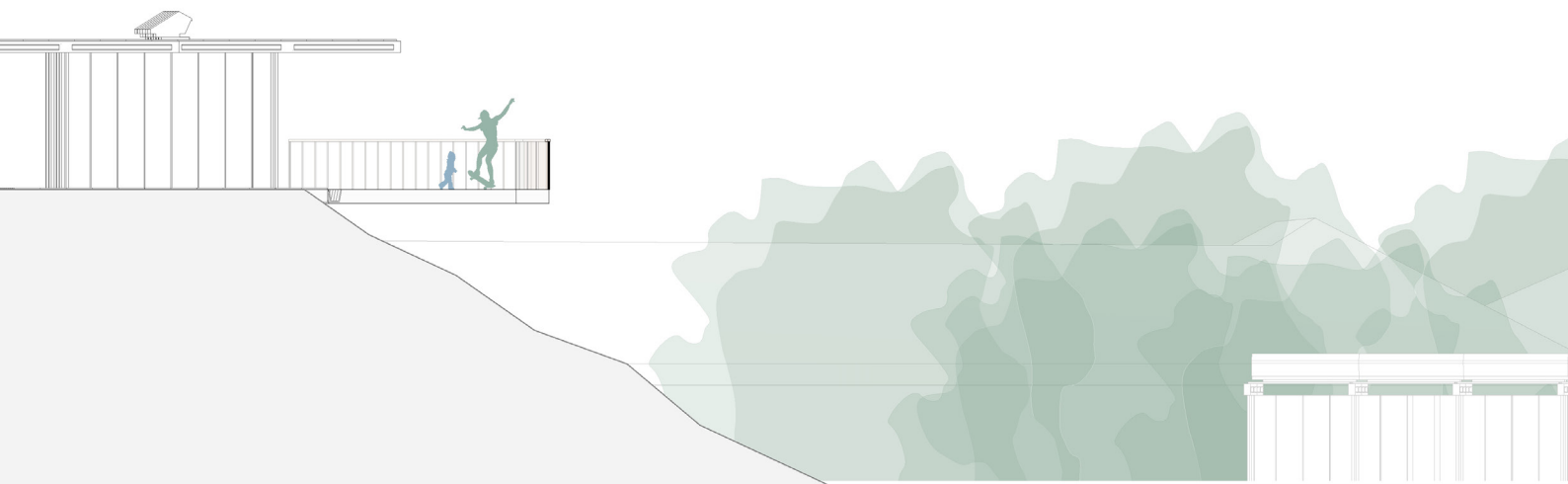


**Vista 7**

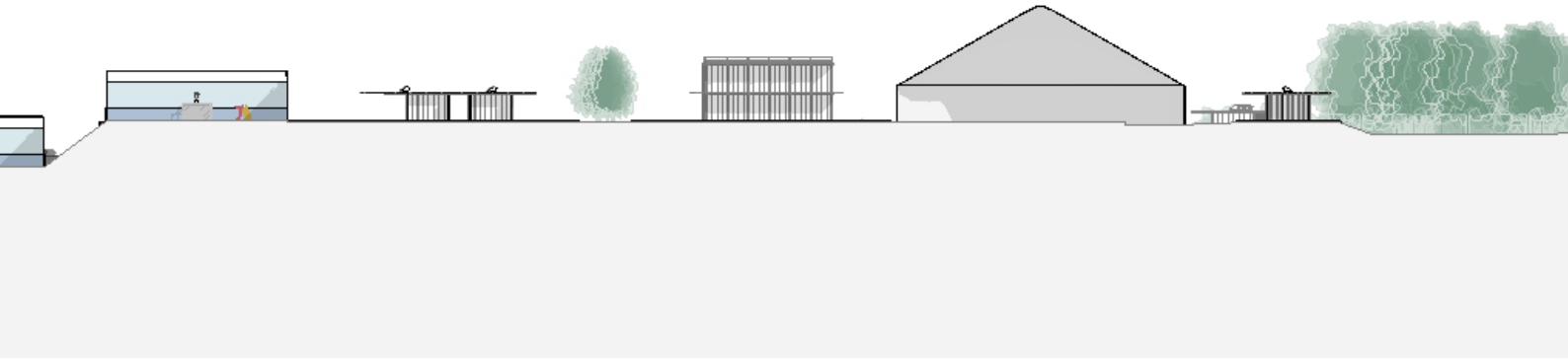


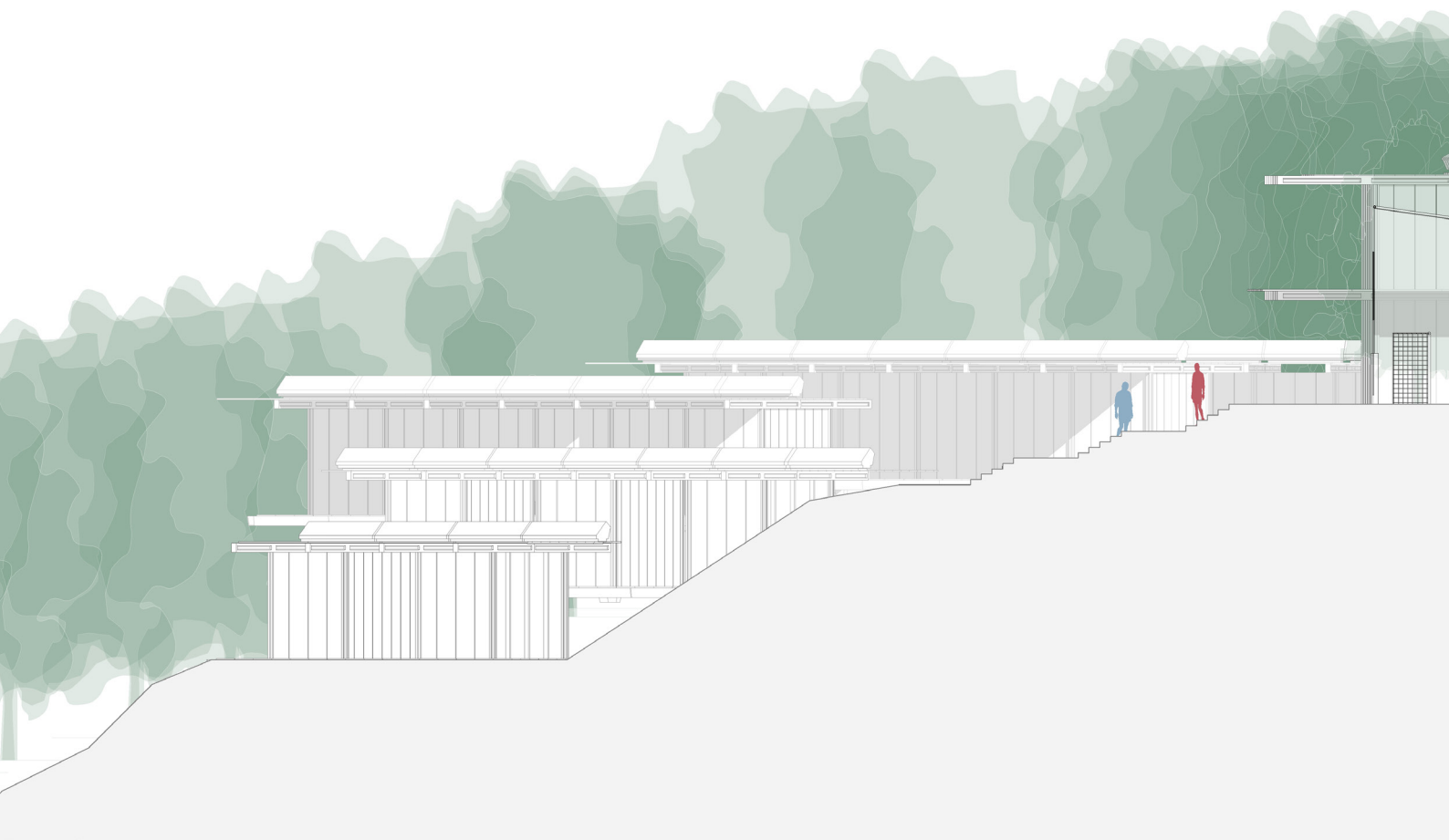


**Corte longitudinal**

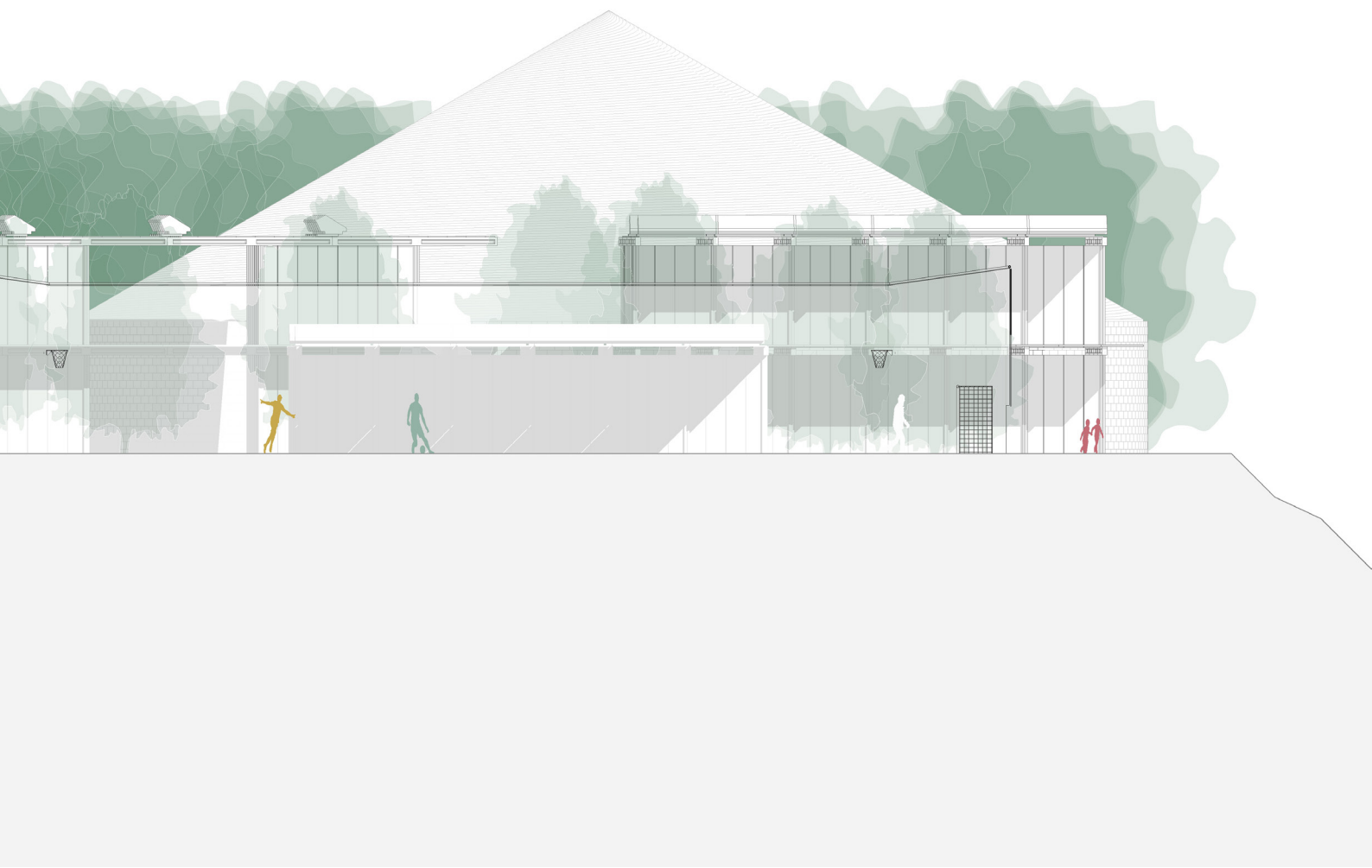


**Corte Transversal 1**





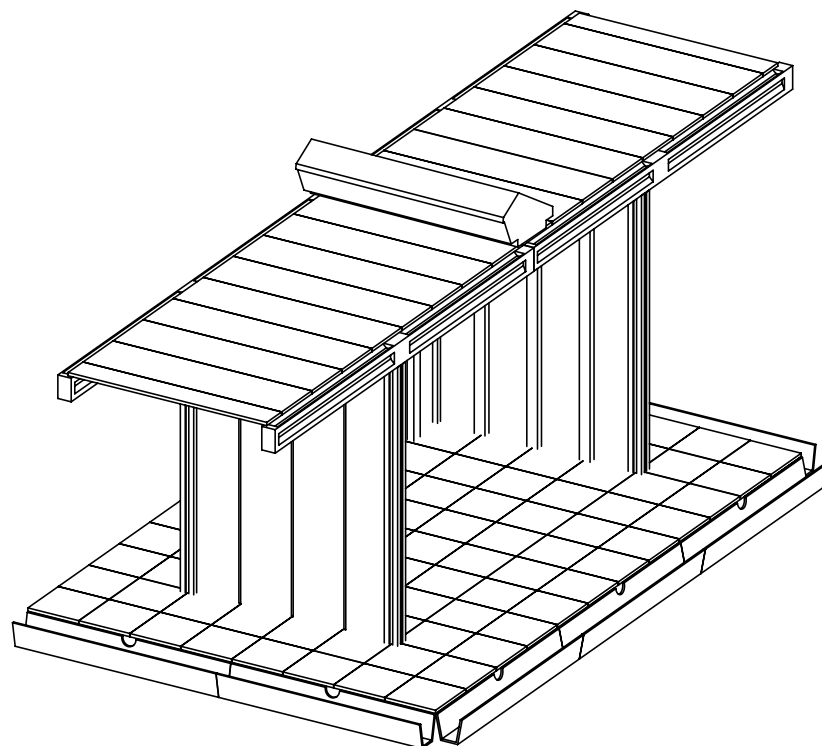
**Corte Transversal 2**

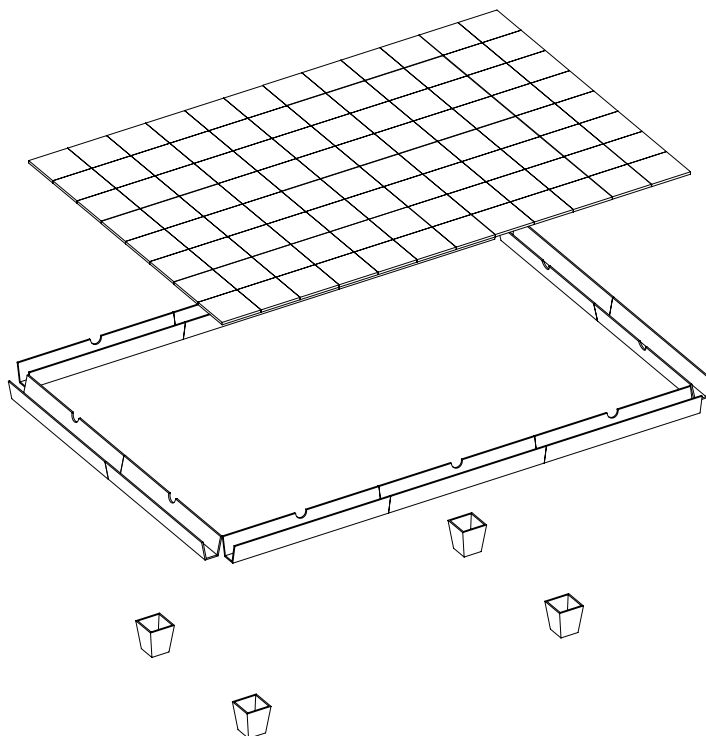
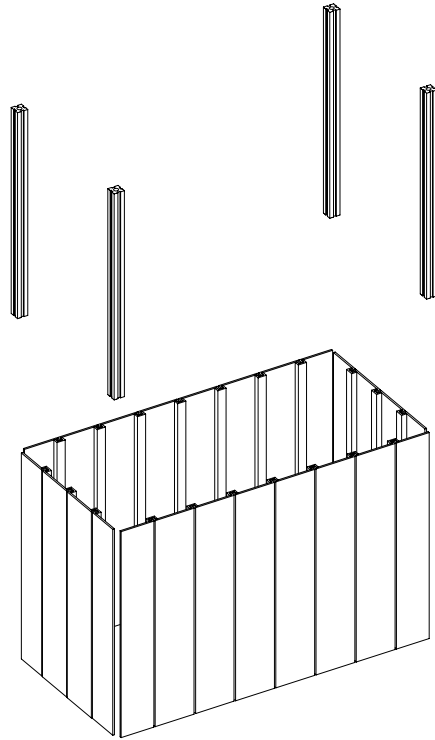
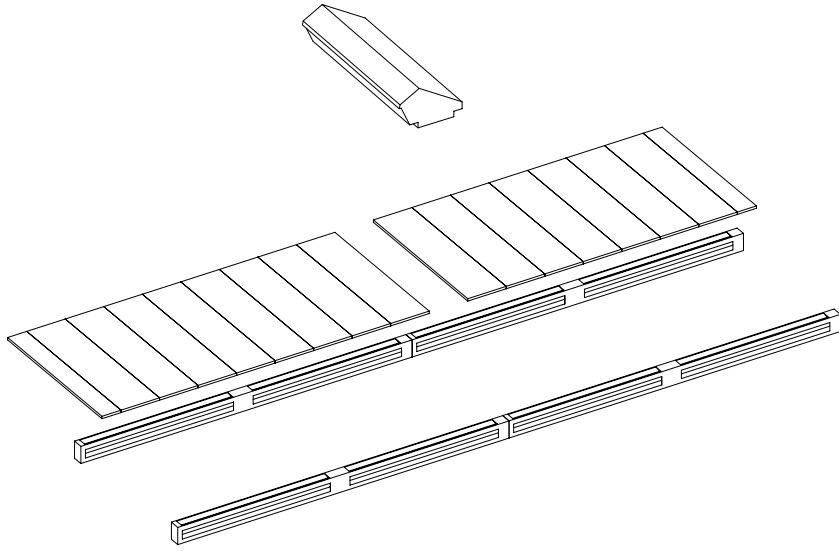


## O módulo mínimo

O módulo mínimo é constituído por um conjunto racionalizado de elementos pré-fabricados que garantem agilidade na montagem, padronização construtiva e compatibilidade entre os componentes. Ele é formado por 10 canaletas de drenagem, responsáveis pelo escoamento das águas pluviais, dispostas ao redor da base do módulo. A superfície de piso é composta por 96 placas pré-moldadas de 57 × 57 cm, assentadas sobre a base de areia compactada. A sustentação vertical se dá por 4 cálices que recebem os 4 pilares, os quais, por sua vez, são interligados por 2 vigas longitudinais.

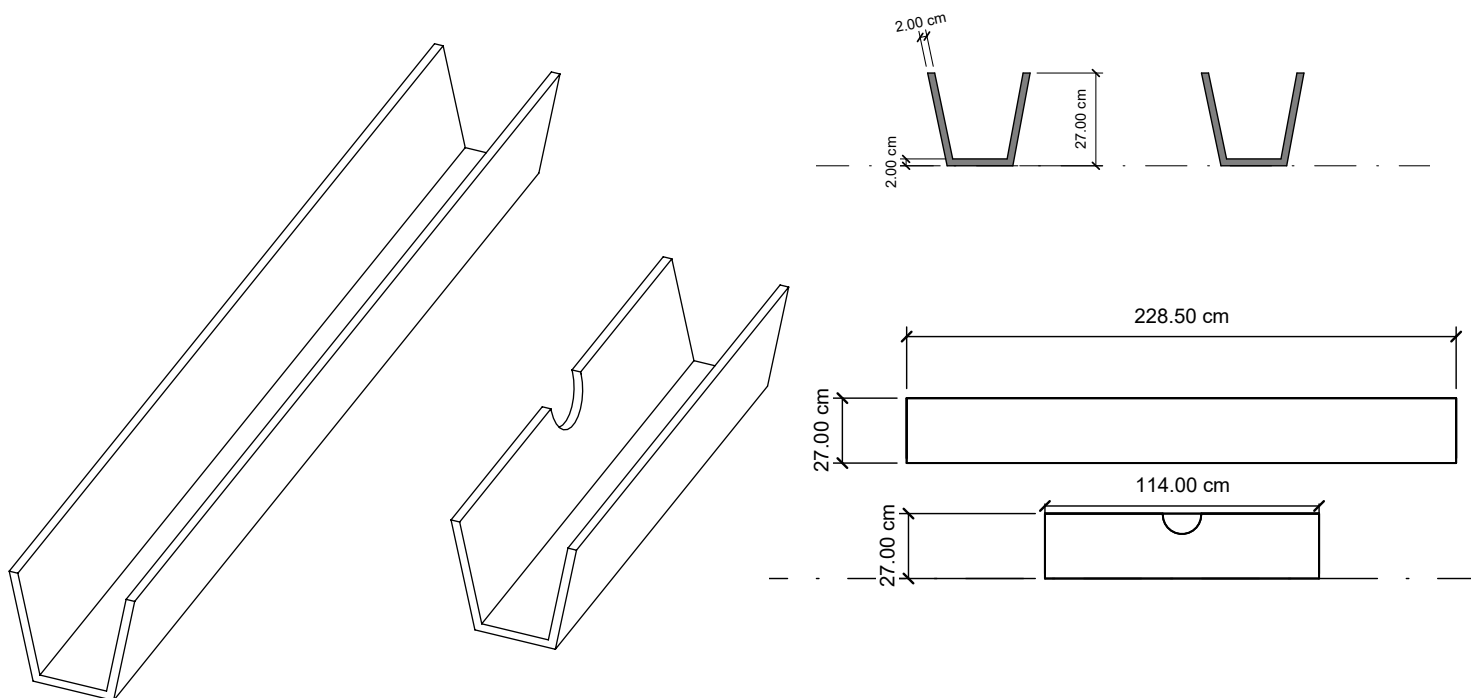
As vedações verticais são formadas por 32 divisórias de 57 cm × 3 m, que compõem os fechamentos principais. Além disso, são utilizadas 20 divisórias capa de 7 cm, responsáveis pelo acabamento das junções entre painéis. A cobertura do módulo é formada por 18 placas tipo normal e 2 tipo beiral de telhado e a iluminação zenital e ventilação natural são garantidas por 1 sheds, posicionado no centro na cobertura.





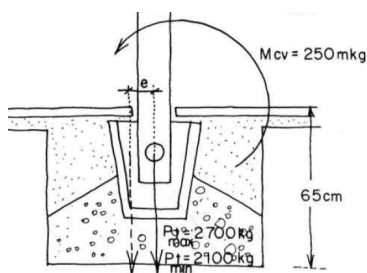
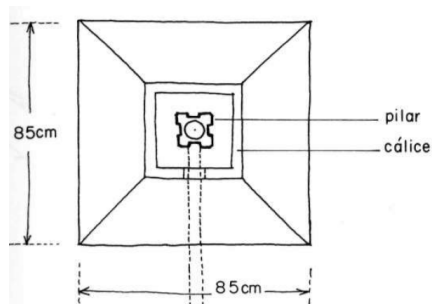
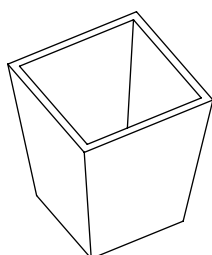
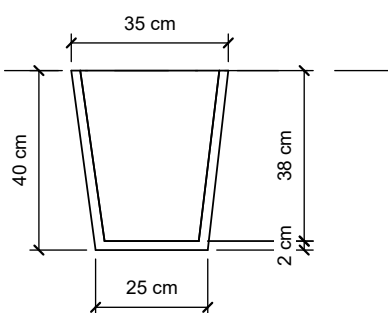
## Canaletas

As canaletas de drenagem com espessura de 2 cm e seção padronizada, podendo ou não conter aberturas laterais para encaixe de tubos. Elas são fabricadas em dois comprimentos — 114 cm (1 módulo) e 228,5 cm (2 módulos) — e assentadas com espaçamento de 0,5 cm sobre uma base de areia compactada de 5 cm. A montagem começa pelos quatro cantos do módulo, utilizando linha de nylon para garantir o nivelamento longitudinal, e nível de pedreiro para o alinhamento transversal. Em seguida, são colocadas as canaletas centrais dos lados maiores, o que ajuda a controlar a regularidade das juntas e evitar acúmulo de erros. As peças laterais maiores sempre utilizam canaletas duplas com aberturas voltadas para o interior da construção, permitindo a integração com a rede de drenagem.



## Cálice

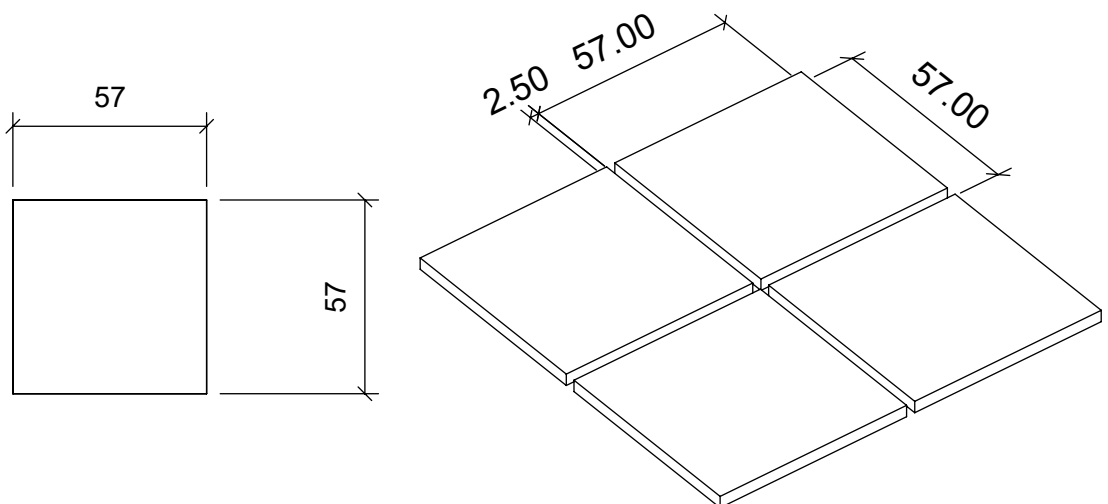
O cálice de fundação é uma peça pré-fabricada em argamassa armada, com 4 cm de espessura e geometria em tronco de pirâmide, concebida para facilitar tanto a desforma quanto a possibilidade de remoção e reaproveitamento em caso de desmontagem do módulo. Sua base se apoia sobre sapatas dimensionadas conforme a capacidade de suporte do solo — no protótipo, adotou-se 500 g/cm<sup>2</sup>, resultando em sapatas de 85 × 85 cm, com profundidade de 60 cm abaixo do nível das canaletas. O cálice é fixado à sapata logo após o lançamento do concreto, devendo sua borda superior alinhar-se exatamente com o nível das canaletas de drenagem. O alinhamento preciso é garantido por linhas de nylon tensionadas nas duas direções, posicionadas sobre as referências centrais marcadas nos quatro lados da peça. Seu encaixe inferior também respeita o recuo de 10 cm em relação ao rasgo das canaletas, permitindo a passagem de tubulações pluviais sem interferência estrutural.



## Placas pré-moldadas de piso

As placas pré-moldadas de piso medem  $57 \times 57$  cm e possuem 3,5 cm de espessura, sendo assentadas com juntas de 2,5 mm sobre uma camada de areia pré-molhada, compactada e sarrafeada com 5 cm de espessura. O nivelamento e alinhamento das placas é guiado por linhas de nylon esticadas transversalmente, utilizando como referência as ranhuras das canaletas de drenagem. O assentamento é feito com o uso de martelo de borracha, que garante a fixação adequada das peças à base.

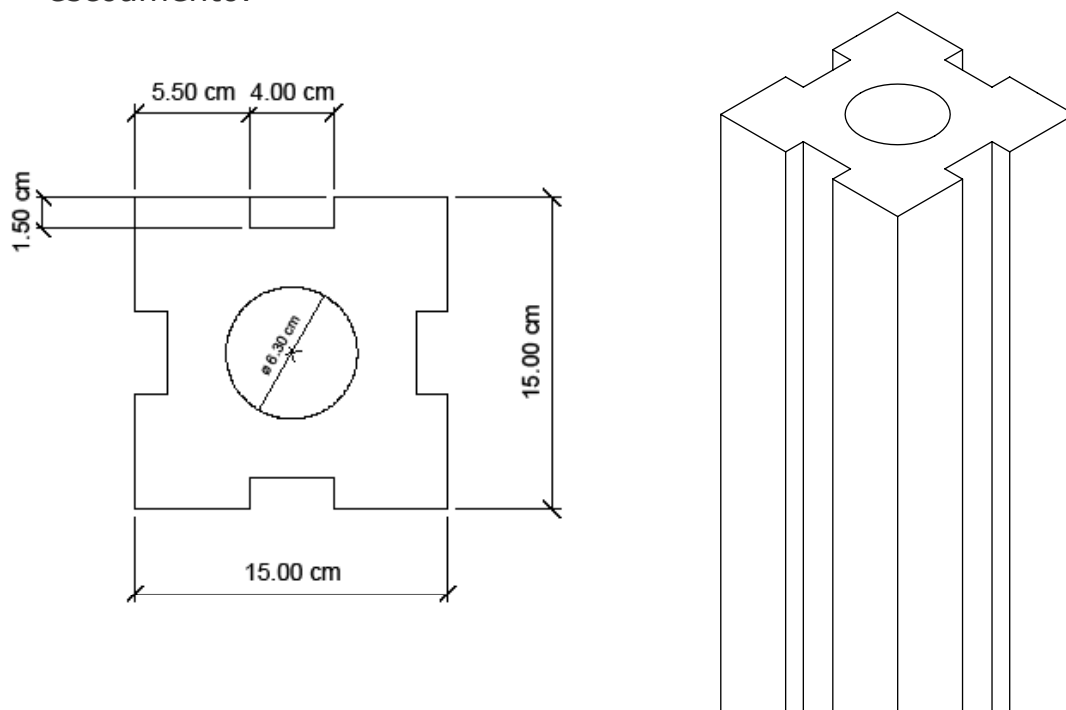
As quatro placas externas situadas entre os pilares e as canaletas são instaladas após a montagem estrutural. Já as placas que se encontram na base dos pilares possuem recortes especiais de  $8 \times 8$  cm para acomodação dos elementos verticais. As placas do piso dos ambientes internos são elevadas 1,5 cm acima do nível das placas dos passeios e do recreio coberto, assegurando um desnível funcional para escoamento e transição entre os espaços.



## Pilares

Os pilares são elementos verticais pré-fabricados em argamassa armada, com seção externa de 15 × 15 cm e ranhuras de 1,5 × 4 cm em cada face. Essas ranhuras têm função técnica e funcional, permitindo o encaixe preciso das divisórias, instalação de marcos de portas e passagem de infraestrutura elétrica como alimentação de interruptores e tomadas. Internamente, os pilares são ocos e possuem uma seção tubular de 6,3 cm de diâmetro, destinada à descida de águas pluviais.

A fixação dos pilares no cálice de fundação ocorre em duas etapas. Na primeira etapa, os pilares são nivelados e aprumados com o auxílio de suportes metálicos provisórios, fixados nas juntas das placas adjacentes. Nessa fase, a argamassa é lançada até abaixo do furo inferior de drenagem. Na segunda etapa, após a instalação de um tubo plástico de 2" que conecta o interior do pilar à canaleta de drenagem, completa-se o preenchimento com argamassa até o nível da borda superior do cálice, garantindo o travamento definitivo do pilar e a continuidade da rede de escoamento.

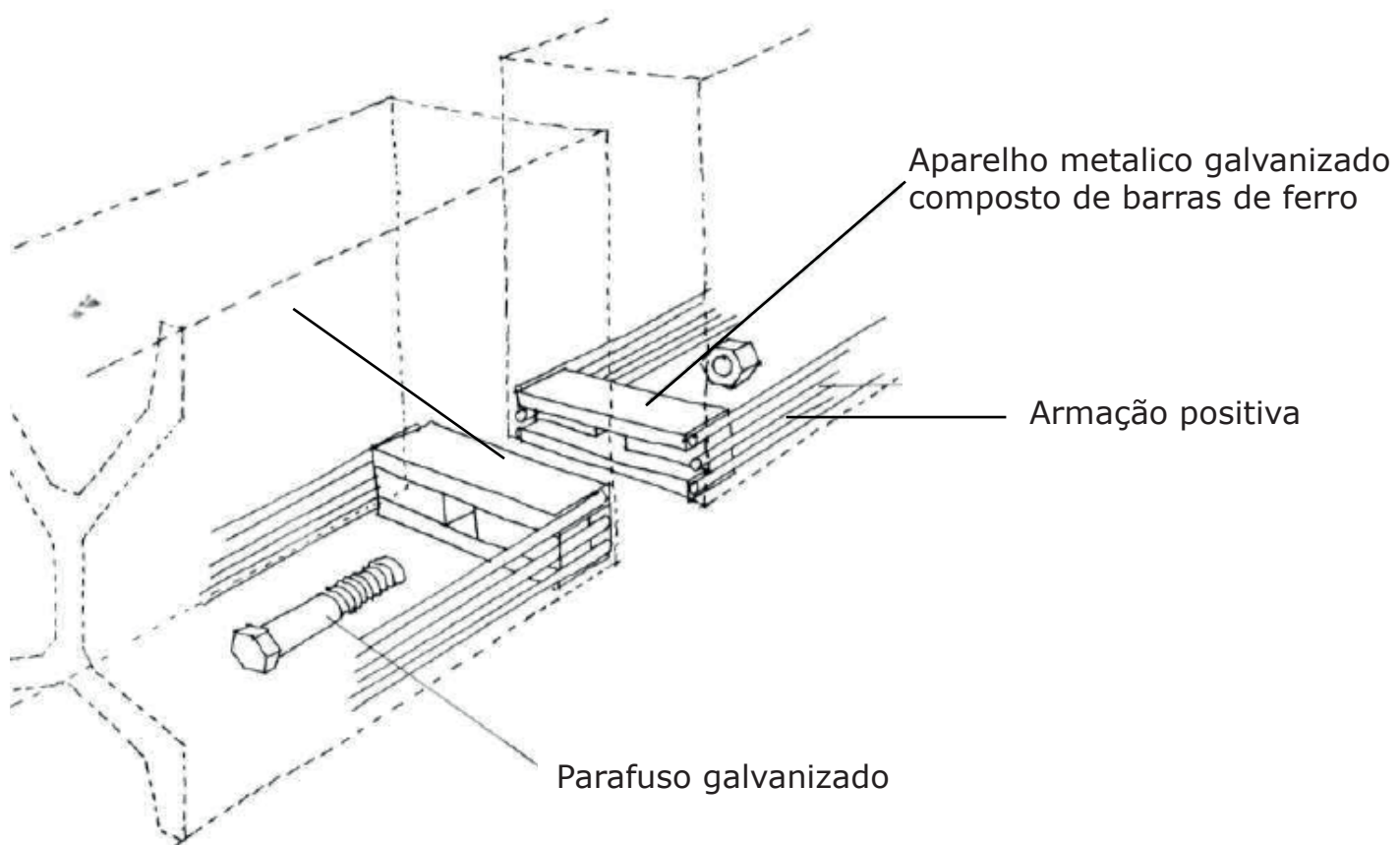


## Vigas

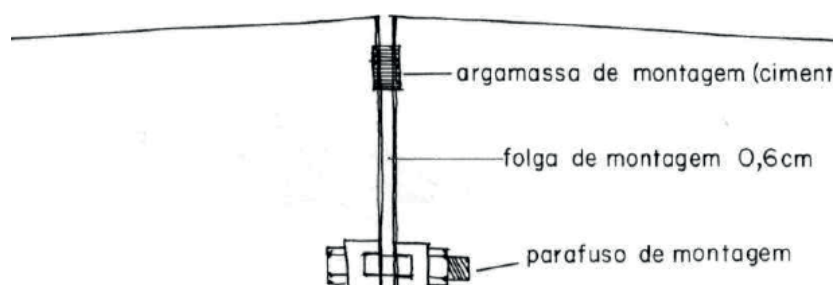
As vigas do sistema construtivo são elementos estruturais pré-moldados em dois segmentos simétricos, com 4,86 m de comprimento cada, concebidos para facilitar o transporte em caminhões comuns, inclusive em estradas vicinais de difícil acesso. A união dos segmentos ocorre no centro do vão por meio de um parafuso de 1" na zona de tração e uma lâmina vertical de argamassa (1 cm de espessura) fundida na zona de compressão após o tensionamento do parafuso. Durante esse processo, a viga permanece apoiada em cavalete central por no mínimo 24 horas, assegurando o ganho de resistência da argamassa.

Com seção esbelta, mas superdimensionada, a viga suporta esforços de cisalhamento de até 25 kg/cm<sup>2</sup>, sendo composta por uma alma de 2,2 cm de espessura, com duas telas de aço de fio 2,5 mm e malha 2,5 × 5 cm. Apresenta contraflexas de 1,5 cm no centro do vão e nos balanços, minimizando deformações. Caso ocorra flexa superior a 0,5 cm, o reaperto do parafuso central corrige a deformação, garantindo o correto escoamento de águas pluviais.

As vigas são simplesmente apoiadas sobre os pilares, sendo conectadas por tubos de ferro galvanizado com folga de 3 mm, que impedem o tombamento e permitem a rotação durante o ajuste. A zona inferior da viga, no ponto de apoio sobre os pilares, possui rasgos de 1,5 cm de profundidade, nos sentidos transversal e longitudinal, para passagem de fiação elétrica e encaixe de perfis metálicos em "U", que garantem a ligação estrutural e distribuição das instalações.

Detalhe <sup>1</sup> - Encontro de vigas

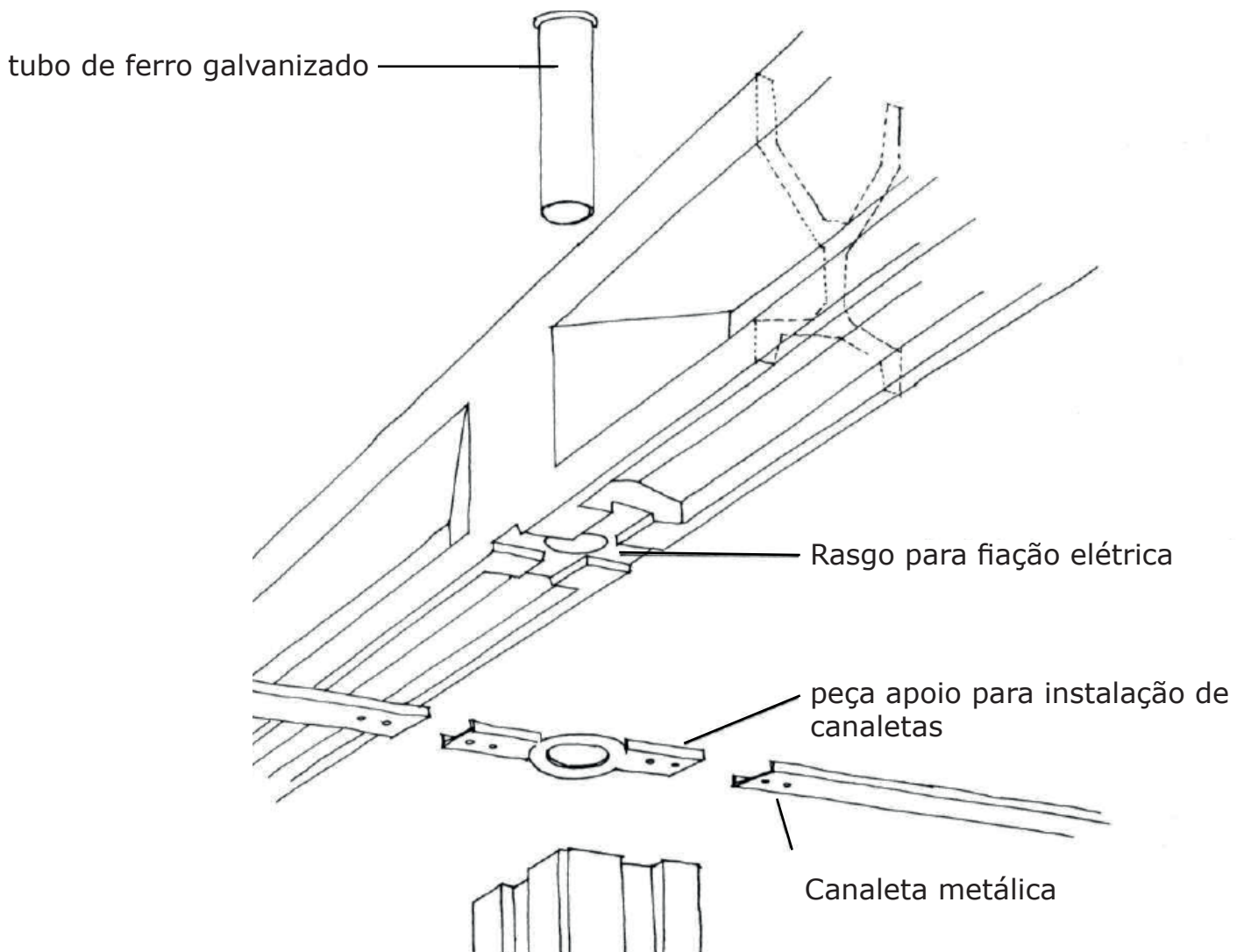
Fonte: Adaptada de escola transitória, p. 67

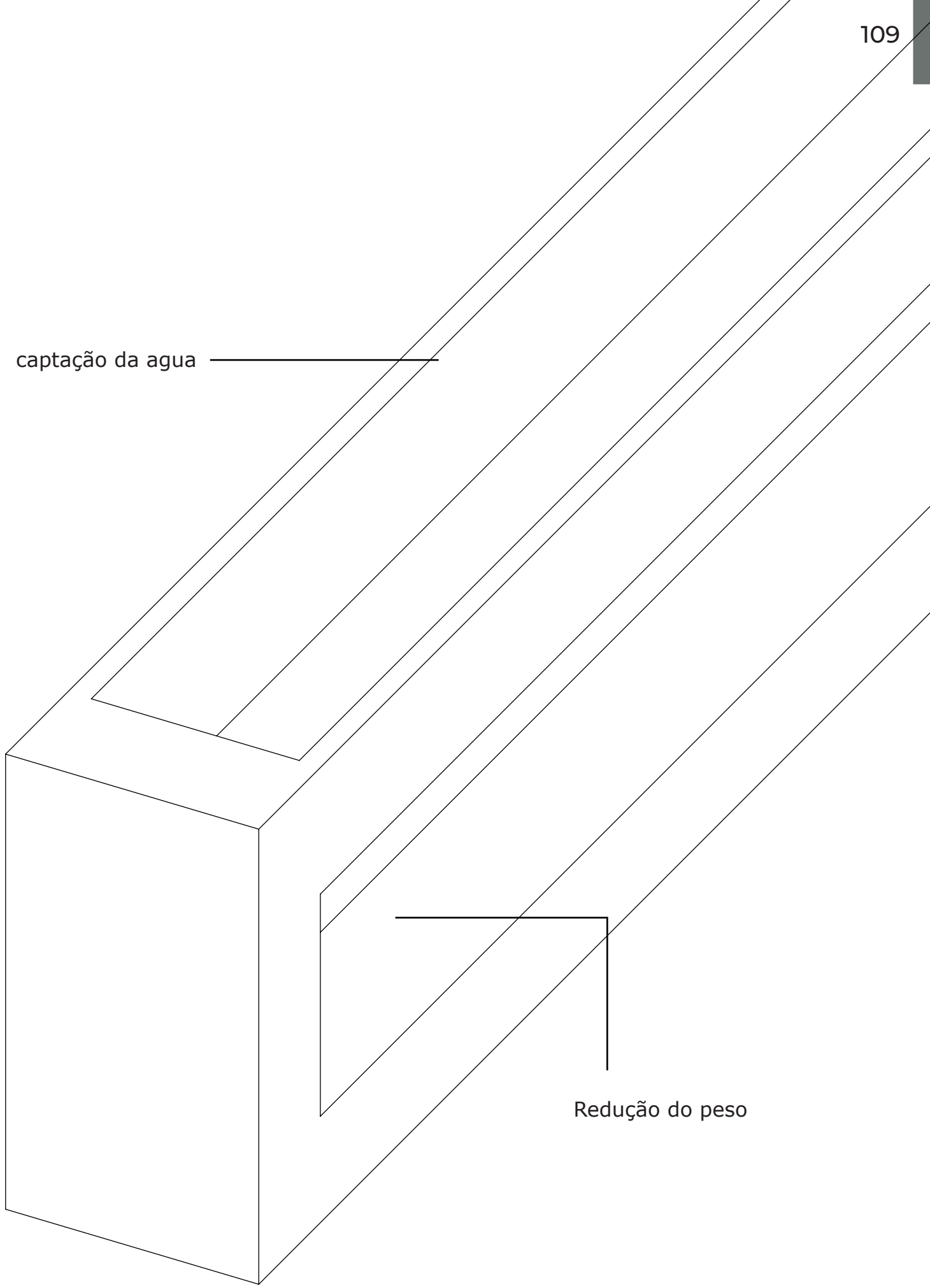
Detalhe <sup>2</sup> - Encontro de vigas

Fonte: lele, escola transitória, p. 67

## Detalhe do encontro viga-pilar

O contato entre viga e pilar é dividido em quatro áreas de apoio, minimizando o risco de excentricidades estruturais. Para garantir o alinhamento preciso, utilizam-se lâminas de chapa galvanizada de espessuras variadas, inseridas durante a montagem. Os componentes metálicos recebem tratamento de galvanização, e a utilização de aço CA-24 é justificada pela disponibilidade no mercado e facilidade de soldagem nas armaduras de tração.





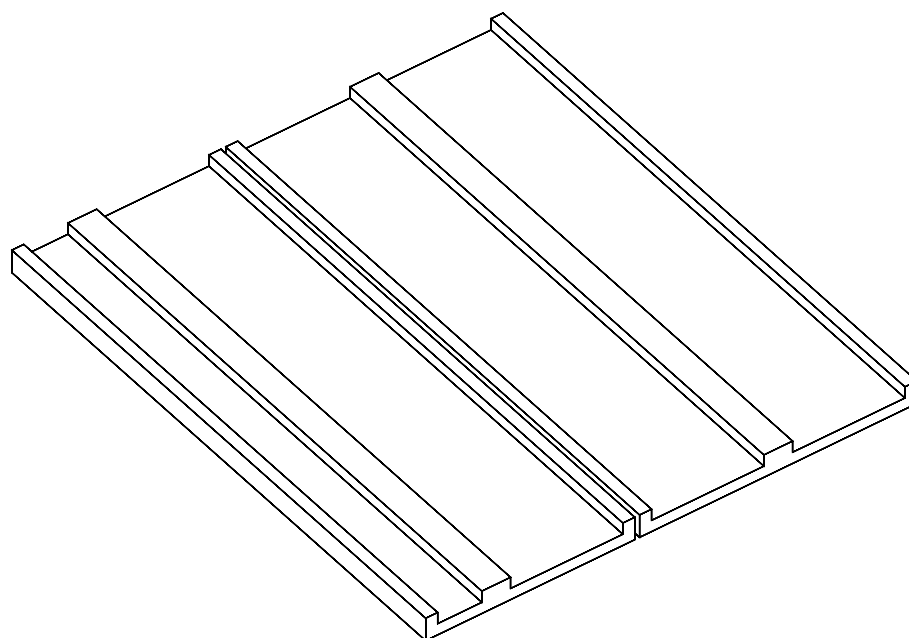
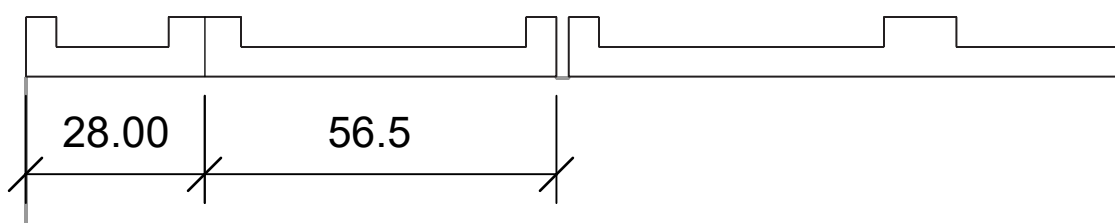
captação da água

Redução do peso

## Telhas

As telhas do sistema são pré-moldadas em argamassa armada e dividem-se em dois tipos: a telha padrão, com dimensões de  $56,5 \times 223$  cm e nervura central, e a telha especial de beiral, com  $28 \times 223$  cm, sem nervura central. Ambas possuem pingadeiras nas extremidades, que evitam o deslizamento longitudinal sobre as vigas. São moldadas com contraflexas de 1,5 cm, que garantem o adequado escoamento das águas pluviais.

As capas de telha funcionam como elementos independentes, cobrindo as juntas entre telhas consecutivas e oferecendo encaixes de 1 cm nos cantos superiores para a fixação de placas de isolamento térmico. Estas placas, com 1 cm de espessura, são confeccionadas com malha de arame recozido n.º 18, tensionada por parafusos e moldada antes da aplicação da argamassa.

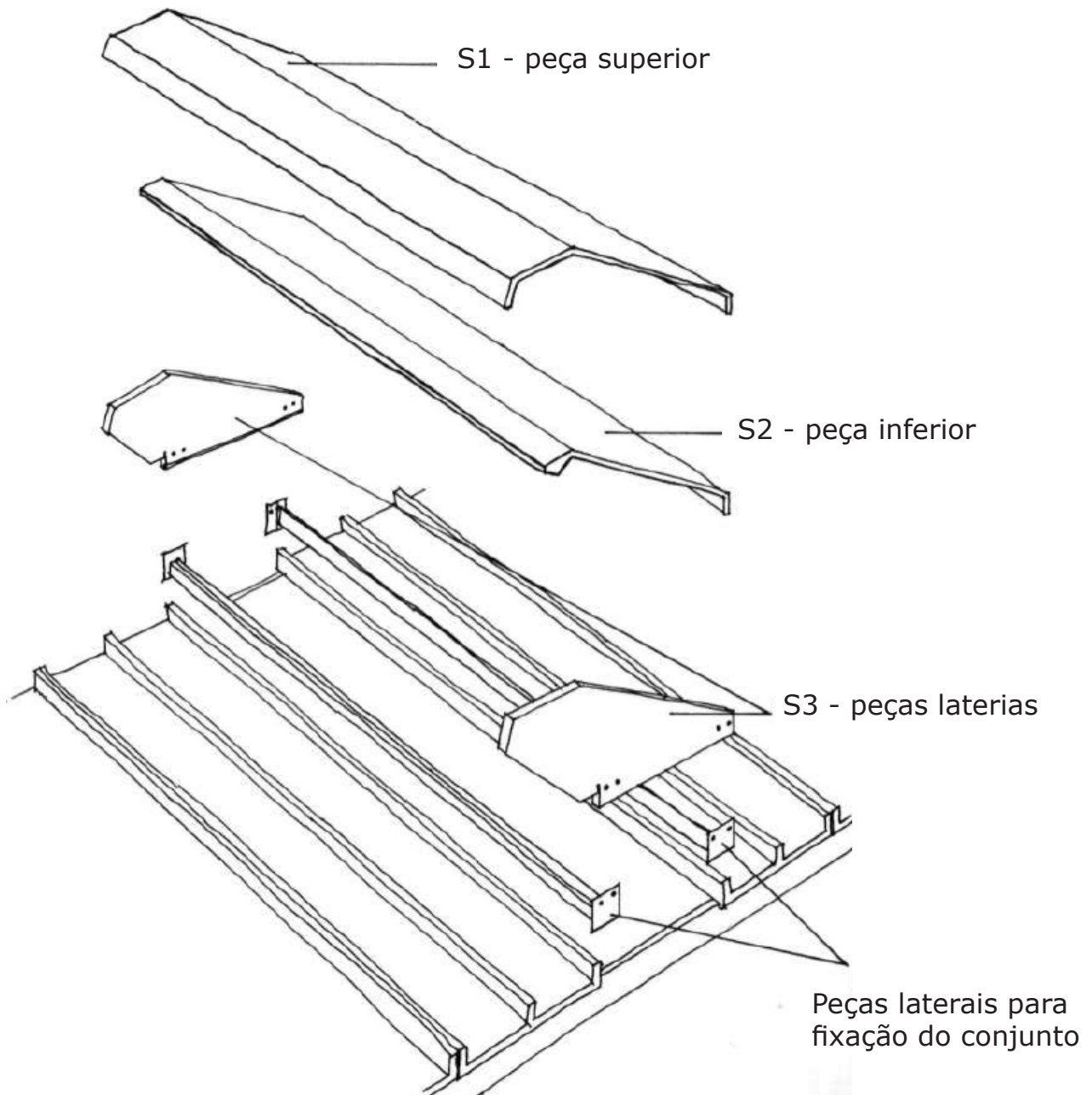


## Sheds

Os sheds são elementos opcionais de cobertura que podem substituir as telhas convencionais, oferecendo melhor desempenho ambiental ao módulo. O sistema é composto por quatro peças principais: S1, responsável pelo escoamento das águas pluviais, S2, que forma um colchão de ar para isolamento térmico, e duas peças simétricas S3, que funcionam como apoios estruturais e se encaixam nos bordos superiores das vigas.

As peças S3 são fixadas com parafusos em perfis metálicos dobrados, que também asseguram a conexão com as telhas vizinhas. Além disso, foram projetados perfis adicionais, igualmente metálicos, para a fixação superior e inferior de placas translúcidas de plástico, que se encaixam lateralmente em rasgos previstos nas S3, permitindo entrada de luz zenital nos ambientes internos.

Orientados com suas aberturas voltadas para o sul, os sheds aproveitam de forma eficiente a iluminação natural difusa, aspecto essencial para escolas rurais, geralmente sem fornecimento regular de energia elétrica. Um detalhe técnico importante é a abertura de 5 cm posicionada entre a peça S2 e o caixilho superior, que, aliada aos ventos predominantes do noroeste, gera um efeito de sucção natural do ar quente acumulado nas partes mais altas do interior, contribuindo para a ventilação cruzada e o conforto térmico do espaço.

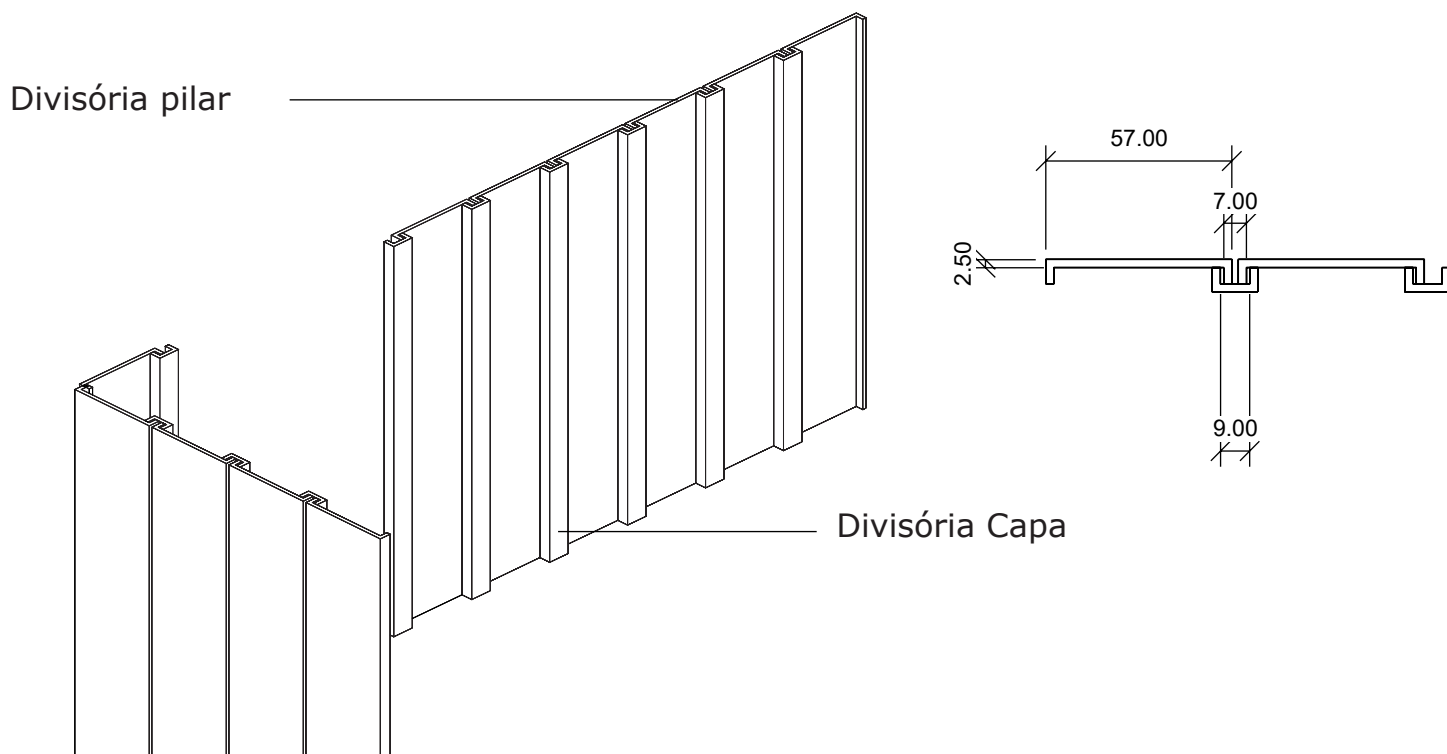


## Divisórias

As divisórias do sistema construtivo modular são painéis verticais que podem compor paredes simples ou duplas, com ou sem colchão de ar ventilado, oferecendo flexibilidade na conformação dos espaços e no desempenho termoacústico. São fabricadas em módulos padronizados e encaixadas em canaletas metálicas específicas, que se alojam na parte inferior das vigas ou entre os pilares, sempre orientadas segundo os eixos estruturais principais da construção.

Nos casos em que as divisórias seguem direções secundárias, fora do alinhamento principal, a fixação é feita em canaletas instaladas nas extremidades das vigas. A fixação inferior das divisórias, junto aos rodapés, é realizada com cruzetas de ferro galvanizado, cravadas diretamente nas juntas entre quatro placas de piso para garantir estabilidade e precisão de encaixe.

Elas são de 2 tipos: divisória pilar com 57 cm de comprimento e divisória capa, que une 2 divisória pilar. Ambas têm 2.50 cm de espessura e 2.70 m de altura.





## Considerações Finais

### A fábrica de pré-moldados

As fábricas idealizadas e utilizadas por o Lelé, para a produção de componentes construtivos eram conhecidas como “fábricas-escola” ou “fábricas de pré-moldados”. Em muitos de seus projetos, especialmente nas obras do SARAH (Rede Sarah de Hospitais), ele implantava essas fábricas in loco ou em locais próximos às obras, com o objetivo de integrar o processo de projeto, produção e montagem.

78

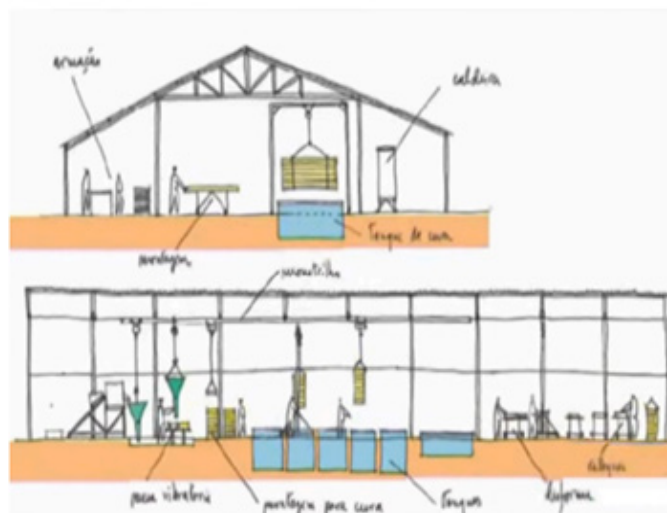


Figura 29. Apresentação de Lelé no XXIV Congresso Pan-americano de Arquitetos (2012). Captura de tela de croqui do corte da unidade móvel de produção de argamassa armada e montagem.

Utilizando fôrmas reutilizáveis e concreto armado ou protendido, esses componentes — como vigas, lajes, painéis e mobiliários — eram moldados em série, com controle de qualidade e eficiência no uso de materiais. Instaladas próximas à obra, essas fábricas eliminavam custos logísticos e aceleravam o processo de montagem, que era feito com equipamentos como guias e guindastes.

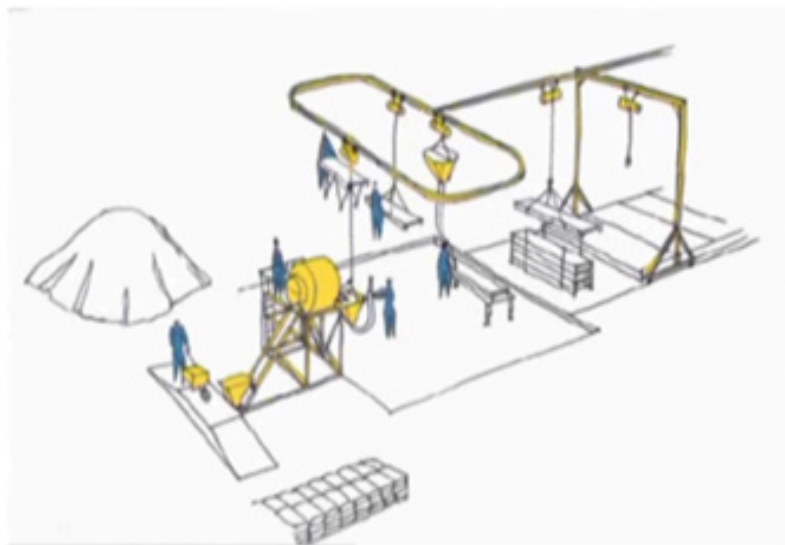


Figura 35. Apresentação de Lelé no XXIV Congresso Pan-americano de Arquitetos (2012). Captura de tela de croqui que mostra o detalhe da etapa inicial de produção de argamassa da unidade móvel.

Mais do que espaços produtivos, essas unidades atuavam como “fábricas-escola”, capacitando moradores e trabalhadores locais no uso da construção industrializada. A integração entre projeto, produção e montagem era total: a arquitetura era pensada desde o início para dialogar com a lógica da pré-fabricação. Esse modelo permitia obras sustentáveis, com menos desperdício e maior desempenho térmico, além de reforçar o compromisso com uma arquitetura socialmente transformadora, acessível e adequada ao

contexto brasileiro.

Diante disso, é primordial para a realização do Centro Cultural São Remo a construção de uma fábrica de elementos pré-fabricados como parte fundamental do processo construtivo. Essa fábrica permitirá que os componentes sejam produzidos de forma industrializada, com maior controle de qualidade e agilidade na execução da obra. O objetivo é que a comunidade se aproprie do processo e mude a cadeia produtiva para um método construtivo econômico e que evite desperdícios.

Diante disso, a participação da comunidade tem papel central nesse processo. Deve-se envolver ativamente os pedreiros e moradores da São Remo, promovendo uma construção colaborativa onde os saberes locais e técnicos se complementem. Essa participação colaborativa é a essência para o sucesso do Centro Cultural, para que não seja apenas uma edificação, mas um espaço de pertencimento, identidade e fortalecimento da comunidade.

Para garantir o sucesso dessa iniciativa, sugiro que a fábrica seja instalada no HUBIC – o Hub de Inovação e Construção da USP, localizado apenas 2 km da comunidade. Essa localização estratégica aproveita a infraestrutura, o terreno e o fato do HUBIC ser um centro de inovação em concreto, além de abrir espaço para uma parceria efetiva entre a universidade e a comunidade São Remo. A fábrica de pré-moldados da USP poderá ser utilizada em conjunto por esses dois agentes, promovendo um diálogo construtivo e uma cooperação constante que beneficia tanto o ambiente acadêmico quanto a realidade local.



Essa parceria entre a USP e a São Remo retoma as origens da relação entre a comunidade e a universidade, que historicamente sempre foi marcada por tensões, mas também por momentos de colaboração. Desta vez, no entanto, propõe-se um novo caminho, onde ambos os lados são beneficiados por meio de uma construção conjunta. A fábrica de pré-moldados se torna um símbolo desse reencontro, mediado por objetivos comuns e pela valorização dos saberes técnicos e populares. Essa interação é fundamental para que o projeto não se limite à técnica, mas assuma um

forte componente social, promovendo uma transformação real e duradoura na vida dos moradores da São Remo, ao mesmo tempo em que também oferece à universidade um campo concreto de atuação, pesquisa e impacto territorial.

Por fim, o Centro Cultural São Remo será resultado dessa construção coletiva, que integra planejamento, tecnologia e participação social. A fábrica de pré-fabricados não é apenas uma solução construtiva, mas um instrumento para fomentar o protagonismo da comunidade, desenvolver habilidades locais e fortalecer os laços entre a USP e São Remo. Dessa forma, o projeto se configura como um exemplo de como arquitetura pode ser um agente de mudança social e cultural.

# Referências Bibliográficas

FAUUSP. Projeto Sudoeste II – Sintonize na São Remo. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1988. 1 vídeo (17min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gyj2\\_PIOpJg](https://www.youtube.com/watch?v=gyj2_PIOpJg). Acesso em: 13 jun. 2025.

ROCHA, Mariana M. Quando a favela é extensão da universidade: o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo. Dissertação (Mestrado em Educação), 2016. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WASSERMANN, Rogério. Reitor da USP diz que 'parque' acabou. Folha de S.Paulo, São Paulo, 13 jan. 1995. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/13/cotidiano/34.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.

REDE SAME. [Acesso à favela São Remo pela USP com guarita e muro com cerca]. São Paulo: USP, [s.d.]. Disponível em: <https://redesame.fmvz.usp.br/publicacoes/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GOOGLE EARTH. Imagem de satélite da região de São Remo, São Paulo – SP. Imagem capturada em 7 jun. 2025. Disponível em: <https://earth.google.com>. Acesso em: 7 jun. 2025.

PEÇANHA, Érica (org.). Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais. São Paulo: Amavisse, 2020. p. 46.

MARQUES, André. Apresentação na FAU Mackenzie, São Paulo, 18 out. 2014. Fotografia.

LIMA, João Filgueiras. Escola transitória: modelo rural – experiência com argamassa armada. Brasília: MEC/CEDATE, 1984.

